



A EXCELÊNCIA NO ESPORTE: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ATLETAS MEDALHISTAS OLÍMPICOS BRASILEIROS

**Ione Silva | José Carlos Leitão
Hugo Sarmento | Antonino Pereira**



VOLUME II



**A EXCELÊNCIA NO ESPORTE:
TRAJETÓRIAS DE VIDA DE ATLETAS
MEDALHISTAS OLÍMPICOS BRASILEIROS**

**Ione Silva | José Carlos Leitão
Hugo Sarmento | Antonino Pereira**



VOLUME II





Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Reitora

Cicília Raquel Maia Leite

Vice-Reitor

Francisco Dantas de Medeiros Neto

Diretor da Editora Universitária da Uern – Eduern

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Chefe do Setor Executivo da Editora Universitária - Eduern

Jacimária Fonseca de Medeiros



Conselho Editorial das Edições UERN

Edmar Peixoto de Lima

Filipe da Silva Peixoto

Francisco Fabiano de Freitas Mendes

Isabela Pinheiro Cavalcanti Lima

Jacimária Fonseca de Medeiros

José Elesbão de Almeida

Maria José Costa Fernandes

Maura Vanessa Silva Sobreira

Kalidia Felipe de Lima Costa

Regina Célia Pereira Marques

Rosa Maria Rodrigues Lopes

Saulo Gomes Batista

Identidade

Coleção Ciência também é vida:

Alice Kelly Silva Oliveira

Ilustração faces: Priscila Kruger

Diagramação:

Alice Kelly Silva Oliveira

Catálogo da Publicação na Fonte.

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A Excelência no Esporte: trajetórias de vida de atletas medalhistas olímpicos brasileiros. Vol. II [recurso eletrônico]. / Ione Silva, José Carlos Leitão, Hugo Sarmento, Antonino Pereira – Mossoró, RN: Edições UERN, 2024.

132 p.

ISBN: 978-85-7621-517-2. (E-book).

Coleção: Ciência Também é Vida!

1. Excelência esportiva. 2. Políticas públicas. 3. Atletas medalhistas olímpicos - Brasil. I. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. II. Título.

UERN/BC

CDD 796.08

A alegria está na luta, na tentativa, no sofrimento envolvido e não na vitória propriamente dita. A força não provém da capacidade física. Provém de uma vontade indomável.

Mahatma Gandhi

AGRADECIMENTOS

Agradecemos e expressamos nossa mais profunda gratidão pela participação de todos os atletas na nossa pesquisa. Acreditamos que o compartilhar de cada história foi incrivelmente valioso e fundamental para o sucesso deste estudo.

Gratidão a todas e todos.

ÍNDICE

PREFÁCIO	6
APRESENTAÇÃO DA OBRA	8
1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
2. PERCURSOS TEÓRICOS	18
2.1 Compreensão do Esporte	18
2.2 Caminhos pela História do Esporte no Brasil	25
2.2.1 Perspectivas históricas: entre preconceitos, supremacia masculina e o fortalecimento da divisão de classe social	26
2.2.2 O esporte na Era Vargas (1930–1945)	28
2.2.3 Ditadura Militar (1964–1985)	29
2.2.4 Governo Lula (2003–2010)	31
2.2.5 Breve relato sobre ações relacionadas à presidência de Dilma Rousseff, Michel Temer, Bolsonaro e o atual presidente Lula	34
2.3 Políticas Públicas do Esporte	35
2.3.1 Política Nacional do Esporte	40
2.4 Excelência no Esporte	41
2.5 A Educação Física Escolar do Brasil, a formação de professores e sua relação com a formação de atletas de excelência	45
3. PERCURSO METODOLÓGICO	50
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	52
4.1 A Excelência no Esporte	52
4.1.1 Conceito de excelência no esporte	53
4.1.2 Concepção de atleta de excelência	56
4.1.3 Fatores Primários e Secundários	60
4.1.3.1 Fatores primários	60
4.1.3.2 Fatores secundários	63
4.2 A Formação do Atleta de Excelência	68
4.2.1 Primeiro contato com o esporte	68
4.2.2 Pessoas que influenciaram	69
4.2.3 Dificuldades encontradas	72
4.2.4 Superação das dificuldades	74
4.2.5 A espiritualidade	77
4.3 Contributos das Instituições e dos Professores para a Excelência	85
4.3.1 Papel da escola e da universidade	85
4.4 Influência do Atleta de Excelência na Sociedade	89
4.4.1 Expansão do esporte	89
4.4.2 Referência para outras pessoas	91
4.4.3 Formação de crianças e adolescentes	92
4.4.4 Contribuição para a sociedade	96
4.4.5 Perspectivas futuras	98
4.4.6 Objetivos como atleta de excelência	99
4.4.7 Regresso à sociedade	100
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	103

Prefácio

O que alguém que fez carreira acadêmica nos campos da computação e engenharia elétrica tem a dizer, a título de apresentação, sobre um texto que versa sobre a excelência no âmbito do esporte e da trajetória de atletas de alta performance?! Confesso que essa foi a pergunta que me fiz ao receber o convite da professora Ione Silva, uma das autoras do texto. A reação, em seguida, indicava o caminho da recusa, mas imediatamente pensei: desafios são a movente dos atletas, e o convite e o texto a minha frente me desafiavam. Além do mais, há no título da obra aquela palavra que não saía da minha cabeça e que durante anos vem sendo minha guia: excelência. Recuar sem tentar? Desistir sem começar? Não.

Comecei a passear pelo livro, uma caminhada de aquecimento, como faço quase todas as manhãs quando saio de casa cedo para correr. E assim aprendi no texto sobre a relação entre esporte e política no Brasil Republicano, mas não sem antes entender o que é mesmo esporte. É muita coisa: é um fenômeno social que se converte em cultura e, por efeito, se relacionado com o aparato midiático e poderes constituídos nas mais diferentes esferas da sociedade tem o poder de promover inserção e ascensão social. O mesmo ocorre com a tecnologia, minha área. Quando me dei conta já estava correndo no texto.

Logo me deparei com o conceito de excelência no esporte e toda a trama necessária para que ela ocorra. Como toda atividade humana, o esporte é eivado de complexas relações. Constituído de princípios e elementos advindos do tecido social de um lugar e de uma época, o esporte se torna uma fonte mesma de parâmetros e de figuras influenciadoras que terão relevância na dinâmica social da qual faz parte. Aprendi, lendo os dados verbais, que os impulsionadores e os travadores de resultados passam pelas políticas públicas que não estão apenas no âmbito estrito ao esporte.

Mas foi quando a educação (não somente esportiva) entrou de vez na paisagem do livro, que eu me vi num *sprint*. Olhei para trás e já havia percorrido mais livro do que as páginas que ainda estavam por vir. Não me tornaria uma *expert* na matéria, mas se ainda havia dúvida sobre o porquê a professora Ione Silva ter-me feito o convite para este prefácio, ela se dissipou: a excelência no esporte passa, invariavelmente, pela educação promovida nas escolas e nas universidades, tanto de maneira direta quanto indireta.

Ao final do livro, a evidência de que a excelência é um “processo transdimensional”, um “conjunto de fatores: psicológicos, biológicos, educacionais, emocionais, espirituais, sociais, financeiros, institucionais, cognitivos e de políticas públicas”, aponta, mesmo que

implicitamente, para o papel da educação. Afinal, fatores emocionais e psicológicos equilibrados dependem de acompanhamento de psicólogos; fatores biológicos e cognitivos, dependem da interferência de profissionais da saúde, como nutricionistas, médicos e fisioterapeutas; fatores sociais, espirituais e financeiros melhor ajudam a formação do atleta quando estão em pleno alinhamento com os ensinamentos específicos dessas áreas; os fatores institucionais e educacionais só se efetivam quando uma rede de profissionais voltados para o pleno funcionamento das instâncias necessárias à formação primária e ao desenvolvimento da excelência esportiva em jovens, teve, ela mesma, sua formação num ambiente de excelência. É quando não consigo deixar de ver a universidade pública como uma das principais promotoras dessa engrenagem.

Chego ao fim da corrida no livro. Aprendi um pouco sobre algo que sabia pouco, e reforcei muito o que já sabia sobre algo que vivencio todos os dias desde que me matriculei na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Agora, alongar as ideias.

Profa. Dra. Cicília Raquel Maia Leite
Reitora da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Mossoró-RN, novembro de 2024

APRESENTAÇÃO DA OBRA

A presente obra desperta diferentes elementos sobre o campo de investigação referente ao percurso de vida de atletas de excelência. O estudo sobre a excelência no desporto está cada vez mais presente no meio académico. Os fatores que impulsionam alguém a ingressar e permanecer no desporto de alto rendimento têm sido alvo de investigação em diversas disciplinas. Há uma crescente atenção voltada para a psicologia, a genética e o desenvolvimento individual de atletas de alto rendimento, para além desses fatores, procuramos destacar a importância de pesquisas que abordem os aspectos socioculturais e educacionais no contexto da excelência esportiva.

Neste estudo, estamos direcionando nossa atenção não apenas para o pódio, mas também para os aspectos sociais, culturais e educacionais que moldam a jornada daqueles que, partindo de origens “comuns”, alcançam *status*, como bem destaca Silva e Rúbio (2003), de “heróis”. A compreensão da excelência, especialmente no contexto esportivo, parece ser um campo repleto de questões ainda sem respostas. Essa realidade nos leva a reconhecer a importância de explorar esse aspecto, pois entender profundamente o terreno da investigação é fundamental para avançar nesse âmbito. Nesse sentido, acreditamos ser essencial ir além da literatura, envolvendo as histórias de vida dos protagonistas do esporte, os atletas. Esta abordagem é uma das razões fundamentais para a realização de nosso estudo, por visar uma compreensão mais abrangente do fenômeno esportivo.

Ao considerar o pensamento sobre a apropriação da técnica de investigação “histórias de vida”, Pereira e Leitão (2008) apontam que o uso das histórias de vida tem sido um recurso valioso na integração de conhecimentos essenciais nas áreas da educação, educação física e esporte. Muitos estudos têm se beneficiado dessa abordagem. Além disso, Pereira (2012) destaca o interesse crescente de pesquisadores em ciências do esporte pela utilização das histórias de vida, especialmente em pesquisas sobre excelência esportiva. Ele observa que, nos últimos anos, o emprego dessa técnica na pesquisa em ciências do esporte tem aumentado, resultando na obtenção de uma ampla variedade de conhecimentos cruciais para essa área (p. 138).

Portanto, entendemos ser crucial desvendar o vínculo que permeia todo o percurso da carreira dos atletas de excelência, a fim de compreendermos plenamente os fatores que compõem suas trajetórias de vida. Nesse sentido, consideramos essencial despojar o atleta de suas camadas superficiais para revelar sua história subjacente. Assim, esperamos que esta obra se constitua como um humilde contributo para o estudo de uma área do conhecimento que necessita ser mais aprofundada.

Os dados obtidos permitem-nos verificar que querer ser excelente e alcançar a excelência desportiva são aspirações de muitos, mas poucos conseguem atingi-la e mantê-la ao longo do tempo.

Por outro lado, a excelência desportiva deve ser uma manifestação da excelência humana. Os resultados e as performances desportivas devem derivar do desenvolvimento do talento individual. Este entendimento está ligado a ideais gerais encontradas na filosofia perfeccionista, com origens em Aristóteles. Efetivamente, a raiz da excelência é de natureza ontológica (Patrício, 2008). A excelência define-se pelo ser, não pelo ter, ou seja, ao falarmos de excelência, estamos situados no mundo do ser e simultaneamente no mundo dos valores. Desse modo, o percurso de desenvolvimento para a excelência não se pode resumir somente à aquisição de competências performativas. Simultaneamente, deverão ser evidenciados valores e atitudes morais nas atitudes e ações quotidianas.

Ao analisarmos o percurso de vida de vários atletas, verificamos que alcançaram resultados internacionais de grande relevo, a despeito de muitos e duros constrangimentos. Apesar disso, nortearam os seus comportamentos e atitudes por valores e princípios morais que fazem ou deveriam fazer parte da matriz não apenas da sociedade, como também, de forma muito particular, do desporto, configurando-os, desse modo, como modelos de referência a seguir, nomeadamente pelas crianças e jovens.

O livro resultante dos produtos coletados durante o período da coleta de dados para uma pesquisa de doutorado, realizada na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, representa uma significativa contribuição ao campo de estudo investigado. Esta obra compila um vasto conjunto de informações obtidas diretamente dos sujeitos participantes, proporcionando uma análise aprofundada e detalhada das questões abordadas na pesquisa. É importante esclarecer que, para o desenvolvimento deste estudo, não houve apoio de órgãos de fomento. A ausência de financiamento externo exigiu um planeamento rigoroso e uma gestão eficiente dos recursos disponíveis, destacando o compromisso e a dedicação do pesquisador em conduzir uma investigação robusta e significativa. Os dados coletados foram analisados criteriosamente, seguindo os preceitos metodológicos estabelecidos, o que garantiu a confiabilidade e a validade dos resultados apresentados. Este livro, portanto, não apenas reflete o esforço individual do pesquisador, mas também a importância de um trabalho independente e minucioso no avanço do conhecimento científico. Ao documentar as descobertas e *insights* obtidos, a obra se torna uma referência valiosa para futuros estudos e pesquisas na área, contribuindo para a ampliação e aprofundamento do saber acadêmico.

Em observância à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, Lei n.º 13.709/2018, as informações sensíveis identificadas na coleta de dados foram mantidas em sigilo, resguardando-se o direito à preservação da privacidade dos atletas entrevistados.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A compreensão de excelência e, em particular, excelência no esporte, parece ser um campo com muitas questões, até então, sem respostas. Isso nos leva a dar credibilidade a esse aspecto, haja vista entendermos ser fundamental conhecer o terreno da investigação, iniciando pela sua compreensão. E, para isso, acreditamos ser imprescindível recorrermos, para além da literatura, aos sujeitos protagonistas do esporte, em tal caso, atletas. Essa é uma das justificativas do estudo, chegar justamente a uma aproximação de entendimento que contemple a dimensão do fenômeno esportivo.

Partindo desse ponto, percebemos que o campo de investigação relacionado à excelência do desporto no Brasil ainda tem muito a ser explorado, isso se considerarmos a quantidade de teses, dissertações, artigos e livros publicados referente a esta temática, por pesquisadores portugueses, como, por exemplo: Pereira (2012), que fala acerca das histórias de vida; Valente Filho (2006), que discute a história de vida de Zagallo (ex-jogador de futebol de campo e ex-treinador da seleção brasileira de futebol de campo) a procura de compreender a relação entre o sagrado e o profano; Cachada (2013), que discute a excelência no esporte com foco na história de vida do Judoca Nuno Delgado; Zaar *et al.* (2012), que investigam a excelência no atletismo, com base na história de vida do especialista nas provas de Meio-Fundo no Atletismo, Fabiano Peçanha; e Celestino (2015), que visou investigar a compreensão que treinadores e atletas concebem à excelência na modalidade esportiva de orientação.

Além desses, outro aspecto que justifica a investigação da temática é penetrarmos no espaço da excelência esportiva, qual seja, o esporte brasileiro ser reconhecido mundialmente, em virtude das conquistas em competições de excelência, como nas olimpíadas, campeonatos mundiais, copa do mundo de futebol, jogos pan-americanos, entre outras competições.

Alguns heróis (atletas e/ou equipes) do esporte brasileiro tornaram-se ícones para o país devido os seus feitos e conquistas esportivas, dentre os quais destacamos: a seleção brasileira de futebol e seus 5 títulos mundiais; Ayrton Senna, tricampeão mundial de Fórmula 1; a seleção brasileira de voleibol; o atletismo de Ricardo Cruz; a canoaagem de Isaquias Queiroz; a ginástica de Arthur Zanetti, Diego Hypólito, Arthur Nory, Daiane dos Santos e Daniele Hypólito; o judô de Sarah Menezes, Rafaela Silva, Rafael Silva e Thiago Camilo; o Taekwondo de Natália Falavigna e Maicon Siqueira; o boxe de Robson Conceição e Adriana Araújo; o pentatlo moderno de Yane Marques; e tantos outros responsáveis pela destacada popularidade do esporte brasileiro.

Esclarecemos que os exemplos expostos acima não representam a totalidade de conquistas ao longo da história do esporte de alto nível do Brasil. No entanto, é o bastante para despertar curiosidade sobre a transição de atletas desde o primeiro contato com o esporte até a conquista do degrau mais alto do pódio. Esse aspecto também fortalece a importância do estudo, uma vez que poderemos contribuir para a evolução do esporte de excelência.

Esses exemplos nos indicam uma denotação sobre a performance, relativamente àqueles que estão entre os primeiros, os melhores. E uma das consequências é o alcance populacional atingido pelo esporte. Milhões de telas e olhos giram em direção aos que conseguem desafiar o corpo humano. Esse aspecto pode ser um dos motivos que levam pesquisadores de diferentes correntes teóricas a investirem esforços utilizando diferentes métodos e técnicas, na busca de compreender este fenômeno, o esporte de excelência.

Na dimensão social do fenômeno esportivo, cidadãos comuns estão inseridos, seja de forma direta, ligados de algum modo a suas práticas, seja indiretamente, enquanto espectadores ou ainda como consumidores de seus produtos e marcas. O fato é que o esporte atinge todas as classes sociais e encontra-se em vários espaços de convívio social, como: escolas, universidades, clubes, parques, praças, igrejas, condomínios, hotéis, shoppings e outros.

As experiências vivenciadas por meio do esporte, enquanto manifestação da cultura corporal dentro da escola, devem ser interpretadas e reconhecidas como formas de conhecimento tão importantes como os derivados de outros temas geradores (Coletivo de autores, 1992) da própria área de conhecimento ou, inclusive, de outros componentes curriculares. Nessa lógica de pensamento, os estudantes são estimulados a combater os discursos hegemônicos, questionando o fato de as produções culturais oriundas das classes populares permanecerem silenciadas ou distorcidas pelos diferentes veículos de comunicação.

Notadamente, o esporte se apresenta fortemente nas quadras, pátios e espaços escolares, o que merece ser estudado com afinco para influenciar, de maneira positiva, principalmente, na formação de crianças e adolescentes.

Observamos no decorrer da organização e realização de um megaevento esportivo, mudanças na rotina da população, quer seja por meio do contexto escolar, de manifestações culturais, de empreendimento econômico, de oportunidade de trabalho ou da paixão pelo esporte/atleta. Notadamente, essas manifestações se expressam de diferentes formas, interferindo na rotina diária de uma escola, comunidade, cidade ou até mesmo de um país.

Calendário escolar interrompido, férias de trabalho antecipadas, folgas, paradas de funcionamento de empresas no horário de uma competição, nos dão indícios de que o esporte tem o poder de paralisar uma nação. Um dado curioso é quando a indiferença existente entre nações, clubes esportivos e até entre pessoas deixa de existir, por razão de uma identificação com alguma modalidade esportiva. Assim, estar junto, torcendo pela bandeira, passa a ser mais importante do que as diferenças pessoais. Logo, o patriotismo, tendo como destaque o esporte/atleta no momento de uma competição, estreita os laços entre raça, classe social e gênero. Nesse ínterim, vislumbram-se espectadores unidos, torcendo com a finalidade de que seus clubes e atletas consigam a vitória e cheguem ao degrau mais alto: o pódio.

Os megaeventos esportivos, geralmente, acontecem a cada 2 ou 4 anos, no entanto, se mantêm vivos durante quase todo o período até uma nova edição. O atleta permanece presente na marca de seus patrocinadores, bem como no desejo de muitos, em especial, crianças e adolescentes, que almejam chegar ao mesmo patamar. O atleta passa a ser espelho e, conseqüentemente, a gerar expectativas em crianças, adolescentes, jovens, adultos, bem como idosos. Acreditamos que os percursos percorridos por atletas de alto nível exigem mudanças de ordem pessoal e social.

A visão da sociedade direcionada a todos os atletas é a de um herói, que supera e ultrapassa os seus próprios limites. Cachada (2013, p. 4) também pensa que “a imagem do atleta está associada à imagem do herói”. Silvia e Rubio (2003), ao pesquisarem sobre atletas brasileiros, dizem que a superação está embutida na vida de cada um. São desafios diários que precisam ser superados.

Muitos se espelham em seus atletas, procurando imitá-los, seja em suas expressões, em suas estéticas (cabelo, corpo). Por trás de tudo isso, os grandes empresários se apropriam desse cenário para explorar o atleta como meio de firmar marcas, principalmente, de material esportivo.

Assim, o esporte, na sociedade contemporânea, é reconhecido como um fenômeno social, tendo como protagonista principal o atleta. Diversos caminhos percorridos por pesquisadores objetivam compreender os aspectos que levam o atleta à excelência. Garcia (2011), ao se referir à excelência, chama atenção para o desporto, entendido como “um espaço para o desenvolvimento da excelência, já que o homem vive em processo de superação” (Garcia; Portugal, 2009, p. 91). A este propósito, Mattos, Cruz e Almeida (2011) nos dizem que:

A investigação atualmente existente em torno da excelência no desporto permite-nos perceber que esta, se vai repartindo por estudos que se centram mais nos aspec-

tos sociais e contextuais, enquanto outros estão dirigidos para fatores pessoais e de personalidade (Mattos; Cruz; Almeida, 2011, p. 30).

No desporto, acreditamos que os atletas/heróis são pessoas com características peculiares, pois, apesar de serem pessoas com talentos excepcionais, vivem de muito esforço, determinação e dedicação para chegar ao êxito excepcional, com uma trajetória marcada pela superação. Corroborando o pensamento, Bernardinho (2007, p. 182), aponta alguns dados para afirmar que a “história do esporte é uma história de superação”, e que a influência para o atleta conseguir superar índices e recordes está, acima de tudo, na “crença da capacidade de superação e na possibilidade de fazer o melhor”.

Algumas pesquisas relacionadas a histórias de vida de atletas de excelência foram desenvolvidas no Brasil. Zaar, Reis e Pereira (2012) investigaram a história de vida de Fabiano Peçanha, atleta de excelência em provas de meio fundo do atletismo. Outro estudo foi realizado por Valente Filho (2006), que abordou, entre outros fatores, a relação de Zagallo com o sagrado (religião) e o profano (superstições), bem como a influência desses dois fatores na sua vida e carreira esportiva. Rêdes Filho (2012) também desenvolveu sua pesquisa no programa de doutoramento em ciências do desporto sobre como a simbologia do herói se apresenta no percurso de vida de um dos maiores craques do futebol brasileiro: Garrincha.

O esporte traz em suas características a busca pela transcendência, apelando ao homem para superar, sistematicamente, os seus limites (Garcia; Lemos, 2005). Essa busca de superar a si mesmo é o que o faz melhor/diferente, pois se trata, antes, de uma conquista pessoal.

Aqui, aceitamos a ideia de que, neste contexto, o atleta não está isolado, este compartilha ou compartilhou, no decorrer de sua trajetória, relações socioculturais e educacionais em determinado espaço, bem como deve ter partilhado momentos de sofrimentos e superação. Assim, o esporte é cultural, social e educacional. Por mais que seja uma prática individual, ele surge na e para a coletividade.

Rúbio (2001, p. 139) reforça esse pensamento, quando diz que:

Esse processo, apesar de individual, também é coletivo, na medida em que a dinâmica de formação da função que ele desenvolveu, ou desenvolverá, ao longo de sua carreira, é uma criação da cultura ao qual ele pertence. Pensamos, ainda, que o convívio social, em especial, no contexto escolar, poderá determinar a escolha ou mesmo a permanência dos atletas nas práticas desportivas.

No tocante aos primeiros passos dos atletas, salientamos a presença do professor de educação física, na medida em que promove, por meio do movimento, dentre outras competências, a formação do corpo e da mente (Freire, 2010).

Os conhecimentos e competências oriundos da formação profissional do professor de Educação Física também podem ser um fator determinante para a construção de carreira do atleta, uma vez que, de acordo com Tardif (2013), a prática profissional engloba diferentes saberes (saberes difundidos pelas instituições de formação de professores; saberes disciplinares, definidos pelas universidades; saberes curriculares, estabelecidos pela escola, e saberes experienciais, baseado no trabalho cotidiano e nas experiências vivenciadas no dia a dia do professor). Isso pode representar, ao longo da formação do professor de Educação Física, o desenvolvimento de competências com a prática esportiva e, conseqüentemente, habilidades que possam refletir diretamente na preparação dos atletas rumo à conquista de uma medalha.

Desse modo, o processo de carreira dos atletas de excelência carece ser desfeito, com o propósito de abraçarmos a compreensão dos elementos constitutivos de suas trajetórias de vida. Assim, reputamos ser necessário desnudar as vestes que caracterizam o atleta, com fins de descortinar sua história.

Em função da influência notável do enfoque centrado nos percursos de vida dos atletas, com aparato nas ramificações das suas histórias de vida do campo esportivo com outros elementos da sociedade, o objeto em questão emana como ponto de partida das histórias de vidas dos atletas investigados.

É nesse envolvimento que os atores protagonizam suas histórias. Todos os dias, novos capítulos e novas cenas são fundamentais para o desenrolar de um enredo no qual os intérpretes são os atletas que se prepararam arduamente para atingir a excelência. É impreterível destacar que as atividades dos profissionais de Educação Física Escolar estão vinculadas, em um dado momento dessa história. Assim, a vida contada configura-se como um forte aliado para a realização de estudos relacionados ao campo da excelência no esporte.

Nesse propósito, Celestino (2015), Barreto (2016) e Pereira e Leitão (2007) apontam que neste tipo de investigação (histórias de vida) se enquadram práticas de pesquisas diferenciadas, com formas de recolha, registros e tratamentos próprios. Como técnica da investigação, elegemos as histórias de vida, as quais consideramos relevantes para compreendermos os fatores que levam a excelência no desporto.

O estudo centrado na carreira esportiva de atletas, associado também às influências oriundas da formação de professores, tem suas particularidades no que tange a sua formação, a sua cultura, a caracte-

rísticas individuais, a modalidade praticada e ao aspecto socioeconômico em que estes estão inseridos e exige, portanto, modelos teóricos próprios que o fundamentam.

A contribuição para consolidar o conhecimento examinando as histórias de vida passa a ser recorrente no meio acadêmico. Nesse viés, Antunes, Bolsoni e Krug (2013); Barreto (2016); Cachada, Aranha, Rocha e Marinho (2016); Celestino (2015); Cortella (2010); Pineau e Le Grand (2012); Lopes, Hernandez-Hernández, Gil e Flores (2013); Máximo (2011); Pereira (2012); Silva (2013); Silva e Souza Neto (2011) se apropriaram das histórias de vida no campo do esporte e da educação como técnica de investigação em suas pesquisas.

Ainda se referindo às histórias de vida, Pereira e Leitão (2008) nos dizem que a utilização dessa técnica vem contribuindo para a obtenção de uma associação de conhecimentos essenciais na educação, na Educação Física e desporto, para tanto, vários estudos se servem da mesma.

Pereira (2012) afirma haver o interesse de investigadores do campo das ciências do desporto em utilizar a técnica das histórias de vida, em estudos relacionados à excelência no desporto. O autor ainda afirma que: “Nos últimos tempos, a utilização das histórias de vida na pesquisa desenvolvida no âmbito das ciências do desporto tem aumentado, o que tem permitido a obtenção de um conjunto diversificado de conhecimentos fundamentais para esta área” (Pereira; Leitão, 2008, p. 138).

No que concerne às intenções do estudo sobre histórias de vida de atletas campeões olímpicos, o presente trabalho retrata o interesse em investigar as trajetórias de vida de atletas de excelência, por entendermos a complexidade envolvida nesse processo de formação. As particularidades no tocante ao contexto que cerca todo o percurso de vida de um atleta já apontam para um vasto e complexo campo a ser investigado.

Por se caracterizar como um fenômeno social, a excelência no desporto, como dito anteriormente, é um campo aberto e sem fim, em que muito se tem a descobrir. E essa complexidade embasou a fundamentação dos problemas da referida investigação.

De modo geral, o estudo demonstra que, para se compreender a excelência no desporto, mais que defender um fator determinante da excelência (seja a prática deliberada ou as características e competências psicológicas), importa adotar uma abordagem integradora dos diferentes fatores (pessoais e contextuais) intervenientes. Pelo exposto, a problemática se estabelece: Quais são os aspectos determinantes considerados pelos atletas para o desenvolvimento da excelência no desporto? Qual é a concepção de excelência do esporte dos atletas?

Quais as maiores dificuldades e de que forma os atletas conseguem superá-las? Como a Educação Física influencia na formação de uma atleta medalhista olímpico?

Após conferir o problema da pesquisa, por meio dos questionamentos expressos no parágrafo anterior, anunciamos como objetivo do estudo: Conhecer quais os aspectos que os atletas medalhistas olímpicos brasileiros consideram importantes para o desenvolvimento da excelência no desporto.

2. PERCURSOS TEÓRICOS

2.1 Compreensão do Esporte

Defendemos a compreensão que o decurso percorrido pelo esporte é reflexo do processo de transformação ocorrido durante o período de industrialização, em que se instalou claramente a estratificação social em burguesia e proletariado. Nessa forma de organização da sociedade, a elite se apropriou do esporte como um passatempo. Esse contexto sucedeu na Inglaterra, de meados do XVIII para o século XIX. Por conseguinte, o advento do esporte moderno se expande para vários países (Bourdieu, 2003; Del Priore; Melo, 2009; Elias, 1992; Marinho, 2010; Melo, 1999; Tubino, 2001).

Na medida em que o esporte passa a ter uma maior diversidade de funções na sociedade, com o decorrer dos tempos, assume um grau de significância de máxima importância na esfera social. Em função desses diferentes papéis incorporados pelo corpo social, a tarefa de refletir e compreender o esporte dentro dessa ampla dimensão torna-se, sobremaneira, atrativa para pesquisadores de várias áreas do conhecimento.

Desse modo, o ponto de partida do diálogo do nosso estudo é o esporte moderno, precisamente, por considerarmos ser através deste que o esporte toma contornos mais amplos e sinaliza discussões mais complexas. Notadamente, faz-se necessário esclarecer que o intuito deste texto é percorrer caminhos que conduzam a uma melhor compreensão do esporte enquanto fenômeno sociocultural no Brasil. Para isso, lançamos mão de alguns questionamentos, no sentido de ter uma visão mais clara sobre o esporte enquanto fenômeno social, que ora cogitamos discutir.

Assim, com fins de tratarmos especificamente dessa discussão, apoiamo-nos nos seguintes questionamentos: o que caracteriza o esporte enquanto fenômeno social? Quais os elementos inseridos no esporte que o traduzem em um elemento cultural? O que move pessoas de diferentes culturas a apreciar e se apaixonar pelo esporte?

Para início de conversa, consideramos importante apresentar nossa concepção sobre a natureza do esporte, a linha de entendimento que seguimos, não no sentido de acomodar-se a uma compreensão restrita, mas na intenção de contemplar sua complexidade. Destarte, colocamos em cena pesquisadores que expõem uma sapiência mais espalhada no esporte.

Antes de adentrar na discussão, reputamos pertinente pincelar entendimentos apontados por três dicionários, no intuito de provocar uma reflexão inicial sobre a tentativa de pensar o esporte restritamen-

te. Vejamos, por exemplo, o *Léxico*, que diz que o desporto se resume a “exercício físico: praticar desporto” (Desporto, 2017). O *Larousse* (2017), por sua vez, define o *Sport* como “Todos os exercícios físicos sob a forma de jogos individuais ou em grupo, geralmente resultando em competição, praticada por observar certas regras específicas”. Por fim, Ximenes (2017) refere-se ao esporte como “qualquer prática de exercícios físicos, regulamentada, visando ao aperfeiçoamento físico dos participantes”.

Pela dimensão que o esporte abrange na sociedade, constatamos claramente que as compreensões ora expostas nos dicionários apontam, de certo modo, limitações, um certo reducionismo para contemplar um gigantesco fato social.

Ainda assim, vislumbramos uma gota d’água no meio do oceano, apenas uma pequena porção que nos encaminha a navegar de mar adentro e mergulhar em suas profundezas, com a intenção de desvelar alguns mistérios não revelados até então. Assim prosseguimos, certos de que muitos tesouros perdidos estão ainda à espera de serem encontrados e desvendados, e, ainda, convencidos de que as descobertas serão como jóias preciosas essenciais para esclarecer elementos ainda não revelados desse fenômeno social.

Como podemos perceber, o desejo de compreender o esporte sob o prisma de contemplar seus sentidos e significados, de modo que possamos chegar mais perto de um entendimento que se aproxime de sua posição dentro da sociedade, não é tarefa tão simples, precisamente pela abrangência que esse fenômeno atinge no tecido social, quer seja de ordem cultural, política ou econômica.

Vários são os aspectos manifestados no campo esportivo, por essa razão, alguns pesquisadores não se arriscam a emitir uma opinião fechada. O ideal, para esses estudiosos, é apontar caminhos para uma reflexão maior. Vejamos as conclusões que Stigger (2005) aponta ao refletir sobre o esporte:

[...] quão limitador pode ser buscar conceitos ou definições prévia e rigidamente construídas, quando o objetivo é compreender fenômenos e realidades culturais. Isso porque esses conceitos, ao invés de serem esclarecedores, poderão mostrar-se obscurecedores e redutores de qualquer realidade em estudo (Stigger, 2005, p. 05).

A perspectiva apresentada pelo autor nos põe a analisar elementos que corroboram com os pensamentos supracitados. Relacionar o esporte como um fenômeno social significa que este se desenvolve em uma textura social, imbricado como uma realidade cultural que abrange, de certo modo, várias culturas.

O esporte tem um sentido de pertença em determinadas sociedades, como, por exemplo, o futebol para os brasileiros. Esse sentido incorporado por este elemento abre um leque de possibilidades para uma compreensão que consiga atingir seus contornos e entornos.

Para Sávio Assis (2010) e Barbanti (2003), a tarefa de traçar o significado do esporte não é tão simples; uma das razões apontadas pelos referidos autores é a variedade de elementos inseridos na dinâmica esportiva.

Se considerarmos que o esporte pode ser praticado em contextos completamente distintos, seja na terra, no ar ou no mar, com vestuários, equipamentos e regras específicas para cada modalidade esportiva, essas simples diferenças dificultam analisá-lo por um único ângulo. Além desses aspectos, o esporte se materializa nas instituições como um objeto de produção, geração de riquezas, manipulação das massas (por meio, por exemplo, da mídia) e ascensão.

Norbert Elias (1992a), ao refletir sobre a configuração da gênese do esporte moderno, identifica o surgimento deste, dentro da aristocracia, como forma de lazer. O autor questiona a relação entre esporte e lazer e faz referência à necessidade dessa prática em vários países, notadamente nos séculos XIX e XX, ao compreender o esporte como um dos elementos constitutivos do processo de civilização. González e Fensterseifer (2008) complementam o pensamento do autor, ao dizerem que a prática esportiva “serve como um meio compensatório para aliviar as tensões provenientes do autocontrole das emoções” (p. 127).

Por sua vez, Hobsbawm e Ranger (1997) pensam o esporte moderno sob o controle dos aristocratas, numa tentativa de criar, especificamente, um padrão burguês como forma de lazer, enfatizando sua relação com o processo de industrialização.

De acordo com Huizinga (2000), a existência de equipes permanentes, exigidas nos jogos com bola, foi determinante para a constituição do esporte, o autor ainda faz referência ao estilo de vida social dos ingleses, que favoreceu que a Inglaterra “se tornasse o berço e o centro da moderna vida esportiva” (Huizinga, 2000, p. 141).

Há mais de cinco décadas, o sociólogo francês Georges Magnane (1969) exprime sua concepção de esporte com base no lazer, como podemos ver:

Uma atividade do lazer cuja predominância é o esforço físico, participando simultaneamente do jogo e do trabalho, praticado de maneira competitiva, comportando serviço militar, a organização escolar, a geografia do país, com terrenos planos regulamentos e instituições específicas e suscetível de transforma-se em atividade profissional (Magnane, 1969, p. 71).

Além desses, outros pesquisadores de áreas distintas lançam olhares, de diferentes formas, sobre sua concepção de esporte. Tubino (1992, p. 125), ao apresentar as perspectivas do esporte para o século XXI, acreditava que o esporte deveria ser discutido em um transcurso “sócio-cultural-histórico, devendo assim ser referenciado nos aspectos gerais e específicos de sua relação com a sociedade”. Com relação a essa discussão, Brandão (2010) diz que existe uma percepção:

Hoje já bem mais fortalecida, de que o esporte ultrapassa o mero jogo das atividades físicas e pode, assim como as artes plásticas, a literatura, o teatro, o cinema, etc, contribuir para uma melhor compreensão cultural e histórica das sociedades (Brandão, 2010, p. 202).

Acompanhando a linha de raciocínio supracitada, o enredo que se segue vai além de características e entendimentos fechados, prontos e acabados. Nossos olhares estão direcionados à luz de um grande fato social, influenciado pela cultura, que impõe ao indivíduo gosto por determinados esportes, como o futebol, no Brasil, em que as pessoas, desde jovens, estão envoltas numa sociedade futebolística, citada, por exemplo, pelo notável cronista Nelson Rodrigues e por músicos, como Nando Reis e Samuel Rosa:

E a resposta foi a maravilhosa exibição do escrete. A exibição brasileira foi trinta vezes melhor do que a finalíssima entre a Inglaterra e a Alemanha, em 66. Naquela ocasião, os 22 homens, segundo o figurino da pelada mais humorística, faziam o jogo de bola pra frente e fê em Deus. E, ontem, que fazíamos nós? Que fez esse escrete que saiu daqui vaiado, e repito: — esse escrete que se fez de vaias? Um jogo prodigiosamente articulado, sim, harmonioso, plástico, belo. Era uma música, meu Deus. Até Deus, lá do alto, há de admirar-se e há de concluir: — ‘Esse Garrincha é o maior!’ O ‘seu’ Mané não trata a bola a pontapés como fazem os outros. Não. Ele cultiva a bola, como se fosse uma orquídea rara (Rodrigues, 2013, p. 62).

Bola na trave não altera o placar
Bola na rede sem ninguém para cabecear
Bola na rede para fazer o gol
Quem não sonhou em ser um jogador de Futebol? (Samuel Rosa, 1996)

Este fenômeno, que envolve diferentes culturas, atinge todas as classes sociais, tem a força de contagiar milhões de pessoas, causa impacto significativo na economia e política de um país, e cabe na descrição de Durkheim (2007), que disserta:

É fato social toda maneira de fazer, fixada ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou ainda, toda maneira de fazer que é geral na extensão de uma sociedade dada e, ao mesmo tempo, possui uma excelência própria independente de suas manifestações individuais (Durkheim, 2007, p. 11).

Ainda podemos considerar que o esporte invade o cotidiano das pessoas, de forma que vem impactar na forma como incorporam o fenômeno esportivo (quer seja como espectador, executando as modalidades ou consumindo seus produtos) através de seus praticantes (atletas), por meio dos “jogos olímpicos”, em que a maior expectativa é a superação do limite humano.

Assim, não poderíamos deixar de trazer para análise um requisito que merece atenção para que se possa compreender o fenômeno esportivo, o grande personagem, o astro (atleta), que, ao entrar em cena em um dos maiores espetáculos do planeta, impulsiona a massificação do esporte na sociedade, seja como fonte de mercantilização, de desenvolvimento político do estado, de assistencialismo ou, ainda, de arquétipo que reflete diretamente na vida de pessoas que buscam no esporte, entre tantos outros, a ascensão social e o crescimento capital.

Notadamente, pode-se verificar nos escritos acima a complexidade dos elementos inseridos no cenário esportivo, o que nos leva a idear autores que possam consubstanciar elementos que favoreçam a uma apreensão mais aproximada do significado do esporte como elemento imbricado na vida do homem.

Tubino (2001) nos adverte que:

No jogo esportivo, internalizado numa modalidade de esporte, estará representada uma sociedade em miniatura, contendo um intenso laboratório de condutas e comunicações humanas, onde se conjugam problemas sociais relacionados às percepções e decisões [...] (Tubino, 2001, p. 32).

Depois de uma investigação histórica da definição do esporte, González e Fensterseifer (2008), mesmo sem a intenção de dar um único significado ao esporte, sugerem uma forma de analisá-lo pelo viés do esporte moderno. Vejamos:

Uma atividade física regrada e competitiva em constante desenvolvimento, construída e determinada conforme sua dimensão ou expectativa sociocultural, e finalmente em franco processo de profissionalização, mercantilização e espetacularização (González; Fensterseifer, 2008, p. 129).

Castellani Filho (2013, p. 9) entende o esporte como uma “construção humana historicamente criada e socialmente desenvolvida”. E Magnane (1969), compreende que o esporte “como fato social é uma criação dos homens que o praticam e o organizam e são transformados por essa própria criação” (Magnane, 1969, p. 71).

A saber, a criação parte de uma cultura que, em seguida, é socializada por outras culturas; enceta do individual ou de um grupo, depois se propaga, de modo a contagiar grande massa, isto é, passa a ser desenvolvido socialmente por várias culturas, de diferentes formas.

Esses estilos diferentes de vivenciar as práticas esportivas nos põem a pensar sobre um aspecto, que, ao nosso entender, é uma das razões pela qual gerou a massificação do esporte na sociedade, o esporte rendimento. Passamos, pois, a dialogar especificamente sobre essa dimensão do esporte, parte do objeto de estudo em questão. A reflexão seguirá um roteiro em que o cenário deverá vislumbrar uma compreensão na qual entrará em cena a magia do esporte olímpico. Nesse espaço, continuamos a procurar uma aceção sobre o esporte moderno.

Temos ciência de que outras tramas fazem parte desse novo *script*, como: a institucionalização, os meios de comunicação, as grandes marcas patrocinadoras, a excelência, a elite, os melhores records e a trajetória dos que se propõem a buscar o topo, os records, a excelência. Em consonância com esse raciocínio, Katia Rúbio (2001), compreende o esporte como:

Um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta. Ele tem refletido a forma como a sociedade vem se organizando, espelhando as diferenças entre estados, povos e classes sociais, além de se tornar um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, matéria-prima dos meios de comunicação de massa e uma das poucas formas reconhecidamente honestas de rápida ascensão social (Rúbio, 2001, p. 107).

Observamos a forma como Rúbio (2001) pensa o esporte, inicialmente, apontando-o como um dos principais fenômenos da sociedade, em seguida, trata-o como uma instituição grandiosa, refletida em uma cultura de massa e propagada pelo campo midiático, com o poder de desenvolver a inserção e ascensão social.

Diante dos escritos, pensamos que o esporte, por se manifestar efetivamente na sociedade, influencia e transforma vidas de pessoas, contribui para o desenvolvimento cultural, social, econômico, político, bem como está diretamente ligado à forma como a sociedade vem, ao longo dos tempos, se desenvolvendo. Em consonância com

o pensamento de Elias (1992a), refletimos sobre o esporte como um processo civilizador, na medida em que os atos particulares do sujeito, aderidos uns aos outros, tornam-se universais, podendo ou não produzir a civilização.

Os códigos e regras estabelecidos no esporte foram incorporados e universalizados pela sociedade como forma de civilização, ao ponto em que passou a transformar e/ou controlar condutas não consensuais em condutas consensuais, dentro e fora dos jogos esportivos.

No entanto, apontamos a ideia de esporte como um processo civilizador, na medida em que, no percurso de sua história, mostra-se, por meio de sua dinâmica, um potencial instrumento capaz de interferir na vida do homem, interferindo, de certo modo, no controle de determinados padrões de comportamentos, por meio das regras estabelecidas em treinos e competições.

Destarte, demos um trato singular ao esporte rendimento, por considerar, em seu contexto mais amplo, o desenvolvimento de estratégias que proporcionam, na atualidade, a civilização das nações inseridas nessa dimensão. Justificamos essa compreensão a partir do momento que dois países (Coreia do Norte e Coreia do Sul) em estado de guerra entram de mãos dadas na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2018.

O Estádio Olímpico de *Pyeongchang*, uma delegação única formada por atletas e técnicos das Coreias do Sul e do Norte entrou para encerrar o desfile das nações da cerimônia de abertura dos Jogos de Inverno. Em uma cena histórica, Chung Gum, do hóquei no gelo e nascido no Norte, e Yun Jong Won, do bobsled e nascido no Sul, entraram com a mesma bandeira, branca com o desenho da península que abriga os dois países. As duas nações estão tecnicamente em guerra desde 1950.

Destacamos, ainda, a participação de atletas que, no momento em que seus países estão em guerra civil, mesmo sendo proibidos de usarem a bandeira de seu país, participaram da abertura dos jogos olímpicos carregando a bandeira do país no evento. Compreendemos toda a magia de um dos maiores espetáculos do planeta, os jogos olímpicos, como uma forma de civilizar.

Assim, cabe-nos pensar o atleta dentro de suas modalidades esportivas como um meio (no fenômeno esportivo) civilizador – na medida em que se apropria das regras do jogo, universaliza e massifica, por meio das competições esportivas –, transmitido pelos meios de comunicação midiáticos, transcendendo para além do ato de competir.

As posturas exigidas e assumidas pelos atletas são vitrines para o modo de agir de milhões de pessoas, imbricando diretamente no aspecto sociocultural. Cabe salientar, que os elementos compostos

no então complexo cenário esportivo despertam o interesse também de crianças e adolescentes em ingressar no esporte rendimento, o que vem refletindo diretamente na formação destes. Nessa ótica, o atleta assume um papel de extrema importância para o processo de universalização do esporte. O atleta é alçado à categoria de astro, estrela, mito ou herói.

Ao direcionarmos nossos olhares à luz desses sujeitos que desafiam os limites, a ciência e a própria vida em função de um desejo de pertencerem à elite esportiva, deparamo-nos com vários questionamentos. Entre tantos, o questionamento que move o estudo, parte da história, do percurso de vida desses heróis, fenômenos que conseguem chegar ao ápice.

Quando nos reportamos às trajetórias de vida desses astros do esporte de alto nível, entendemos que, para além das razões das ações que exercem (seus feitos nas modalidades esportivas, a disciplina, o rigor das regras intrínsecas e extrínsecas ao esporte), bem como, o grau de importância que lhes são atribuídos, também são indivíduos transformadores de hábitos e costumes no meio social. Entendemos que essas transformações podem influenciar o processo de civilização humana.

A atração pela descoberta dos caminhos percorridos pelo atleta medalhista olímpico, refletidos por meio da sua história de vida, surge por acreditarmos que, para alcançar a excelência no esporte, se faz necessário vencer vários obstáculos que aparecem nas etapas da vida social/pessoal.

Desse modo, consideramos que renúncia, determinação, disciplina, coragem, força, persistência, dor, alegria, entre outros elementos presentes na vida de atletas, sinalizam uma direção, para possibilitar o alcance das respostas às questões da investigação.

2.2 Caminhos pela História do Esporte no Brasil

Pretendemos buscar na história do Brasil elementos que permitam contextualizar a forma como o esporte se manifestou no decorrer desse processo. Para tanto, como o sentido principal do estudo não está relacionado à história do esporte, julgamos necessário apontar episódios expressivos para a consolidação do esporte enquanto fenômeno social.

Aludiremos o esporte em três períodos significativos para sua afirmação como parte da sociedade brasileira. Nossa história começa na busca de uma identidade histórica, que desnuda o principal personagem à procura de fragmentos que justifiquem o esporte enquanto fenômeno social.

Assim, traremos alguns parâmetros históricos sombreados de preconceitos, com elevada supremacia patriarcal e uma díspar divisão de classe social, isso, também, como um reflexo da origem de algumas práticas esportivas no Brasil.

Em seguida, daremos um salto na história, no intuito de penetrarmos o governo conhecido como o mais popular, resultante de um golpe de estado. O diálogo passa pelo governo de Getúlio Vargas (1930-1945), período em que o esporte exercia a função de intermediação entre o Estado e a sociedade.

Logo após, o diálogo se dará com a ditadura militar (1964-1985). De mais a mais, o militarismo exerceu forte influência tanto na política como no contexto esportivo educacional, visto que entra fortemente na Educação Física e se mantém predominantemente em uma concepção de esportivização.

Por fim, evocamos o período democrático. Neste momento, entra em cena a era Lula (2003-2011), marcada por investimentos em infraestrutura, equipamentos, programas sociais e notoriedade internacional. Afinal, foi nesse governo que o Brasil firmou, junto à Federação Internacional de Futebol (FIFA) e ao Comitê Olímpico Internacional (COI), a realização dos maiores megaeventos esportivos, quais sejam, a Copa do Mundo FIFA 2014, as Olimpíadas Rio 2016 e os Jogos Paraolímpicos Rio 2016. Passamos, pois, pelos fatos históricos. Adentraremos brevemente em ações relacionadas à presidência de Dilma Rousseff, de Michel Temer, de Bolsonaro e do atual presidente Lula.

2.2.1 Perspectivas históricas: entre preconceitos, supremacia masculina e o fortalecimento da divisão de classe social

Antes de adentrarmos propriamente no contexto da construção histórica do esporte brasileiro, montaremos o palco em que se apresenta o espetáculo, rememorar quem são as personagens, alçar o cenário e trazer sua direção.

Desse modo, para remontar a história do Brasil, precisamos ressaltar que estamos diante de um País marcadamente autoritário, com lapsos democráticos em seu percurso, em meio a opressões e exclusões, interferindo diretamente nas práticas corporais de determinados grupos sociais, enquanto favorece grupos da elite nacional, ou seja, algumas práticas são usadas como meios de segregar aqueles.

Inicialmente, no tocante ao Pindorama, com a chegada da colonização européia, os povos nativos, diante de uma ideologia eurocêntrica, foram condicionados a uma imposição cultural, religiosa, dentre outros aspectos, que, ao passo histórico, conseguiu abolir diver-

sas práticas, expressões artísticas e cultos indianistas; é válido frisar, neste momento, que encontramos inúmeros exemplos corpóreos de expressividade dentro desse conjunto de atividades (Reicher, 2012).

Sabemos que não existe uma sobreposição de acontecimentos, mas fatos que se somam durante um mesmo período, e, desse modo, os conflitos que envolvem os povos indígenas reverberam até a contemporaneidade no Brasil, portanto, deixamos registro de que as questões abordadas não findam ao começo das novas trazidas.

No decurso histórico, com os novos ciclos comerciais que se desenrolam nas terras brasileiras, os colonizadores viam a necessidade de mais mão de obra nas empreitadas rurais desenvolvidas. Para tanto, trazem, como escravos, toda uma população negra, oriunda do continente africano, de terras submetidas à Coroa Portuguesa, para sanar os trabalhos pesados nas produções, período que perdurou, no contexto brasileiro, por mais de 400 anos de exploração e submissão de populações étnico-raciais diversas.

Ainda no que toca à população negra, vemos completa rejeição da sociedade brasileira às práticas de sua origem, nas diversas formas de discriminação, inclusive posteriormente à assinatura da Lei Áurea, em 1888. O código penal de 1891, por exemplo, traz um título nitidamente sugestivo à criminalização de práticas decorrentes da população negra: *Dos Vadios e da Capoeira*.

Mário Filho (2010), ao discutir as questões raciais no futebol, deixa clara a exclusão dos negros para com essa prática. Portanto, nos exemplos apresentados pelo autor, está claro que não há uma igualdade em âmbito étnico-racial para as práticas corporais durante o decurso histórico brasileiro, notadamente quando tratamos das diferenças entre o que é aristocrático e o que vem de populações marginalizadas. Notícias como a do jogador de futebol Carlos Alberto, negro, que usava pó de arroz para maquiagem sua cor e ser aceito como atleta, reverberam na contemporaneidade brasileira, quando o goleiro Aranha é constrangido pelo xingamento de “macaco” durante um jogo oficial¹.

No percurso da história do Brasil, vemos que não apenas questões étnico-raciais foram fatores discriminantes nas oportunidades e liberdades de práticas corporais. Portanto, precisamos encarar, diante de uma sociedade marcadamente patriarcalista, questões de gênero que excluem as mulheres de diversas atividades socioculturais. Validamos, pois, que perante o Código Civil de 1916, revogado apenas no ano de 2002, a maioria das mulheres era considerada incapaz e necessitava da assistência paterna ou matrimonial (Brasil, 1916).

Não se trata apenas de uma questão jurídica e de assistência

1 Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/436034_aranha-e-chamado-de-macaco-por-torcida-do-gremio.

às mulheres, mas é marcante a existência de práticas primordialmente masculinas, as quais não se aplicam a elas, que, quando rompem uma barreira moral dentro da sociedade, são taxadas, humilhadas e marginalizadas, por meio de assédio ou preconceito. Vemos, diante disso, que as modalidades femininas nos esportes olímpicos nem sempre tiveram plena existência, tampouco visibilidade. Reforçando o pensamento relacionado à discriminação da mulher no esporte, Amir Somoggi (2016)² diz que: “As mulheres, em geral, são excluídas de toda a engrenagem do esporte em países machistas como o Brasil. Isso não é apenas pela falta de competições esportivas femininas. É muito mais do que isso.”

2.2.2 O esporte na Era Vargas (1930–1945)

A construção de uma identidade nacional voltada para a autenticidade do povo brasileiro, diferente de padrões europeus, perpassa pela história brasileira no período do governo Vargas. Na década de 30, o Estado centra suas atenções para as práticas esportivas, uma vez que o futebol ganha as massas e passa a ser um símbolo de identidade nacional.

A arte do futebol e do samba se massifica e os governos se apropriam dessa onda para ganhar popularidade e se manterem no poder. Para Drumond (2009), nesse período, o esporte era um elo entre o Estado e a sociedade.

Até a década de 30, a prática esportiva do futebol era realizada pela elite. A classe pobre só passou a ter acesso a essa atividade no início dos anos 30. A profissionalização do futebol desperta a criação de mais clubes e, com isso, abre espaços para que todos tenham acesso a esse esporte.

No Estado Novo, a questão da cultura popular e a busca das raízes da brasilidade ganham outra dimensão. “O Estado mostra-se mais preocupado em converter a cultura em instrumento de doutrinação do que propriamente de pesquisa e reflexão” (Veloso, 2013, p. 172).

A “Era Vargas”, como ficou conhecido o período político em que o país foi governado por Getúlio Vargas, teve o esporte como instrumento de divulgação do seu governo, que compreendeu um vasto período de tempo, durando 15 anos, de 1930 a 1945.

Lira (2013) aponta recortes do diário de Vargas, e destaca o apreço do presidente pela prática do golfe. De acordo com as informações apresentadas pelo autor, em 1939, ao ser diagnosticado com

2 Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/rio2016-mulheres-no-esporte-uma-trajetoria-de-preconceito/>.

um quadro crônico de fadiga, Getúlio recebeu orientação médica para diminuir o ritmo de atividades diárias. Entre outras atividades, Vargas não renunciou à prática do golfe. Vale lembrar que ele personalizou os tacos e bolas, escrevendo seu nome com tinta vermelha, e os preservava como objetos de estimação.

Nos próximos tópicos, retratamos a divisão e diferenciação do trato das pessoas com o esporte, demonstrando que certos preconceitos existentes já na Era Vargas sobrevivem até os dias atuais.

2.2.3 Ditadura Militar (1964–1985)

Tempos de glória, anos dourados. Assim ficou conhecido o período compreendido entre o fim da década de 50 e início dos anos 60. O otimismo de uma era de ouro atropelava a razão e a matemática, projetando-se 50 anos em 5. Os acordes de uma nova bossa ganhavam o mundo e embalavam conquistas jamais imaginadas, deixando complexos para trás (Castro, 2012).

Por isso, iremos observar alguns aspectos do documentário *Memórias do Chumbo – O Futebol nos Tempos do Condor*, produzido por Lúcio de Castro, em 2014. A escolha desse documentário deu-se em função de percebermos, nos depoimentos, elementos que identificam o modo como o esporte foi tratado.

Com a queda de João Goulart, em 1964, inicia-se um tempo de trevas, o que se caracteriza como anos de chumbo. Escolas, universidades, empresas, sindicatos, tudo sobre o controle do regime militar. Não diferentemente do Futebol. A maior paixão dos brasileiros não poderia deixar de ficar também sob o controle do governo de Castelo Branco.

Em 1966, o governo passa a ter controle também na escalação da equipe de futebol. Um fato interessante foi a formação de quatro equipes da seleção brasileira de futebol para sair Brasil adentro, como um instrumento de propaganda governamental. Essa forma de preparação comprometeu a boa atuação da seleção brasileira na copa de 1966.

Em 1967, o General Castelo Branco assume o governo, período marcante do regime da ditadura militar. Já no ano de 1968, o presidente era o General Arthur da Costa e Silva, sua característica principal foi a suspensão dos direitos políticos. Justamente no seu governo, foi instituído o Ato Institucional n. 5 (AI5), de 13 de dezembro de 1968.

Os clubes, durante os anos de chumbo, passaram a ser controlados pelo regime ditatorial, na medida em que o regime interferia nas escolhas de seus presidentes, indicando amigos ou parentes do

presidente, ou pessoas de sua confiança.

Os jogadores de futebol da seleção passam a ser vigiados, principalmente, o então treinador, João Saldanha, uma vez que viajava para o exterior e poderia ser um meio de comunicação ou auxílio para os exilados do país. Em função de sua popularidade e acesso aos meios de comunicação, e, conseqüentemente, o risco de possíveis comportamentos contrários ao governo, Saldanha é afastado e o cargo de treinador passa para Zagallo.

Em 1970, a comissão técnica da seleção brasileira passa a ser composta também por militares. A imprensa também foi afetada pelo regime, já que só poderia ter acesso à seleção por liberação dos militares. Foi uma copa de glória dentro do campo, que deu destaque ao presidente general Costa e Silva.

No entanto, fora das quatro linhas, a ordem era torturar e/ou matar aqueles que contrariassem o governo em qualquer expressão que fosse. O fortalecimento da conquista da copa do mundo de 70 foi enaltecido também pelos meios de comunicação, já que, pela primeira vez, uma partida de futebol foi transmitida pela televisão. Uma verdadeira hipnose, que contagiou e efervesceu a paixão dos brasileiros pelo futebol.

Os anos de chumbo marcaram significativamente a história do esporte no Brasil, visto que o esporte teve participação efetiva nos planos dos presidentes da época como instrumento de propaganda política no meio das camadas populares.

A ditadura militar foi encerrada em 1985, dando início à Nova República, sob a presidência de José Sarney. No período de 1985 a 1989, através do Ministério da Educação, sob o decreto n. 91.452, de 19 de julho de 1995, cria-se a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro, tendo como presidente da comissão e do Conselho Nacional do Desporto (CND) o professor Manoel José Gomes Tubino. A criação de uma Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro consistiu em uma tentativa de reverter o quadro pelo qual passou o esporte, tornando-o afeito ao regime da Nova República. De acordo com Tubino (1996, p. 62), a primeira análise do relatório da comissão passa pelas seguintes partes:

- a) A Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro de 1985;
- b) A ação Renovadora do Conselho Nacional do Esporte Brasileiro de 1985;
- c) A Constitucionalização do Esporte Brasileiro;
- d) Os Desdobramentos da Constitucionalização do Esporte Brasileiro;
- e) A rápida passagem de uma legislação de incentivos fiscais para o esporte de 1989;

- f) A formação e produção de uma elite intelectual na área de Educação Física/Desportos;
- g) Síntese do quadro esportivo brasileiro no final de 1989.

De algum modo, o período foi marcado pelo interesse e apoio da presidência do CND e dos integrantes da Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro.

Antes de adentrarmos no governo Lula, faremos um breve comentário da rápida passagem do presidente Fernando Collor de Mello pela presidência da república, na década de 1990. Destacamos que esse período foi marcado pelos seguintes pontos:

- a) Criação da Secretaria e Esporte Junto a Presidência da República;
- b) Revogação da Lei de Incentivos Fiscais para o Esporte;
- c) O Retorno do Esporte-Performance na Educação;
- d) O Projeto Brasília Olimpíada Anos 2000 (Tubino, 1996, p. 91-92).

2.2.4 Governo Lula (2003–2010)

Após os Jogos da Paz, realizados no Haiti em 2004, as grandes sacadas foram a Copa do Mundo FIFA 2014, as Olimpíadas Rio 2016 e os Jogos Paraolímpicos Rio 2016. Outros megaeventos, realizados entre 2007 e 2016, como os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos (Rio 2007), Jogos Mundiais Militares (Rio 2011) e a Copa das Confederações (Brasil 2013). O Brasil, representado pelo seu presidente Lula, conquista a sede dos dois megaeventos esportivos. Pode-se observar que esse período difere dos passados, aqui apresentados, visto que há uma preocupação e valorização no trato dado ao esporte brasileiro, por mais que seja de forma utilitária, já que o objetivo maior não se centrava no esporte, mas nas relações que o mesmo poderia estabelecer, ainda assim, percebe-se um interesse maior em sua expansão.

Rodrigues *et al.* (2008), ao realizarem o Seminário “Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos”, organizado pelo Ministério do Esporte, discutiram diferentes perspectivas no âmbito dos megaeventos. Um dos artigos apresentados durante o seminário afirma que a importância da concretização de um legado passa por um planejamento consistente. Nessa publicação, Villano *et al.* (2008) apresentam cinco categorias de legados:

- a) legados do evento em si; - Construções esportivas: estádios, arenas e outros equipamentos; - construções de infraestrutura da cidade, como obras de transporte

(metrô, etc.), alojamento de atletas; b) legados da candidatura do evento; - Aprendizado do processo de candidatura como, projetos, o processo em si e a organização prévia do evento; c) legados da imagem do Brasil; - Projeção da imagem do país; - projeção da imagem da cidade-sede dentro e fora do país, considerada como cultura urbana; d) legados de governança; - planejamento participativo; - cooperação de diferentes órgãos administrativos; - parceria público-privada; - liderança do poder público local. e) legados de conhecimento; - treinamento e capacitação do pessoal envolvido na gestão do megaevento, desde gerente até voluntários. (Know-how) (Vilano *et al.*, 2008, p. 49).

A essa altura, o comprometimento com o esporte chega também às camadas mais vulneráveis. Eis que as políticas públicas esportivas ganham vida por meio de projetos e programas sociais como: o Programa Segundo Tempo (PST), o Programa de Esporte e Lazer na Cidade (PELC) e o Bolsa Atleta.

O PST tem por objetivo tornar a prática do esporte acessível, de forma democrática, para crianças e adolescentes, em especial, os que estão situados em áreas de risco. Quando reportamos ao trato do esporte no sentido utilitário, isso se dá em função de essa intervenção associar a cultura esportiva à formação global dos sujeitos participantes do programa e, conseqüentemente, resultando em uma real influência na qualidade de vida. O esporte foi inserido como um meio para a formação cidadã.

O PST percorreu quase todos os cantos do Brasil. Foi realizado nos espaços físicos das escolas, universidades e espaços comunitários. Todos os agentes envolvidos no programa eram submetidos a uma capacitação. O atendimento era destinado também para pessoas com deficiência.

Os objetivos traçados para o PST caminharam para uma dimensão maior, uma vez que atletas conseguiram o alcance do pódio olímpico, como é o caso de: Rafael Silva (medalha de bronze no judô nas Olimpíadas Rio 2016), Rafaela Silva (medalha de ouro no judô nas Olimpíadas Rio 2016), Isaquias Queirós e Erlon Silva (medalha de ouro na canoagem, Rio 2016), Maicon Siqueira (medalha de bronze no taekwondo nas Olimpíadas Rio 2016).

Com a proposta de desenvolver atividades recreativas na praça, o PELC também possibilitou a expansão da cultura esportiva nas zonas rurais e urbanas das cidades brasileiras. Seus objetivos eram:

Nortear ações voltadas para públicos diferenciados (conforme faixa etária, gênero, raça, etnia, orientação sexual, pessoas com deficiência, entre outros) nos nú-

cleos de lazer e esporte recreativo; Estimular a gestão participativa entre os atores locais direta e indiretamente envolvidos; Estimular a implementação de metodologia participativa e democrática para o desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais de lazer e esporte recreativo; Promover a formação inicial e estimular a formação continuada dos agentes sociais e gestores municipais de lazer e esporte recreativo; Valorizar e fortalecer a cultura local na apropriação do direito ao lazer e ao esporte recreativo; Promover a ressignificação e a qualificação de espaços e equipamentos públicos de lazer e esporte recreativo; Democratizar o acesso ao lazer e esporte recreativo, privilegiando as comunidades menos favorecidas (Brasil, 2017).

Passando para o programa criado em 2005 que buscava auxiliar atletas de alto rendimento que conquistaram melhores resultados, o Bolsa Atleta vem ajudando vários atletas nas despesas de treino e competições. Um dos aspectos importantes dessa iniciativa é a de não proibir que os atletas beneficiados fechem contratos com patrocinadores. Assim, o Bolsa Atleta passa a ser um recurso a mais na composição da renda dos participantes.

O programa garante condições mínimas para que se dediquem, com exclusividade e tranquilidade, ao treinamento e competições locais, sul-americanas, pan-americanas, mundiais, olímpicas e paraolímpicas. Desde 2012, com a Lei 12.395/11, é permitido que o candidato tenha outros patrocínios, o que permite que atletas consagrados possam ter a bolsa e, assim, contar com mais uma fonte de recurso para suas atividades.

Os dados apresentados pelo Ministério dos Esportes comprovam e enaltecem a influência do esporte na formação e desenvolvimento de jovens e adolescentes, bem como mostram o empenho do Estado em promover apoio ao esporte rendimento.

De 2003 a 2010, o Ministério do Esporte investiu quase R\$ 3 bilhões em obras, como quadras de esporte, ginásios, estádios, complexos esportivos, campos de futebol, pistas de atletismo, Praças de Juventude, entre outros. Silva (2013) também explicou que os programas sociais implantados pela pasta deram oportunidade à população brasileira de ter acesso ao esporte. O Programa Segundo Tempo, por exemplo, atendeu 3,8 milhões de crianças e jovens durante os oito anos do atual governo e os investimentos chegaram a R\$ 700 milhões. No caso do Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC), foram investidos mais de R\$ 150 milhões e 10, 6 milhões de pessoas tiveram acesso ao esporte em 1.277 municípios brasileiros. Na área do esporte de alto

rendimento, o ministro destacou a criação do programa Bolsa-Atleta, em 2005. “Nós conseguimos criar ações que vão fortalecer o esporte de alto rendimento e beneficiar atletas como o programa Bolsa-Atleta.”³

Observa-se, claramente, a dimensão alcançada pelo esporte na gestão do governo Lula. Além dos ganhos já mencionados, houve investimentos em infraestrutura, equipamentos para a prática esportiva e uma valorização nos espaços educacionais, com a ampliação dos Institutos Federais (espaços educacionais com infraestrutura de excelência para a prática esportiva).

2.2.5 Breve relato sobre ações relacionadas à presidência de Dilma Rousseff, Michel Temer, Bolsonaro e o atual presidente Lula

Apesar da continuidade do Ministério do Esporte, o governo Dilma Rousseff recebeu críticas referentes ao PPA⁴. Carneiro *et al.* (2019, p. 349) dizem que durante o governo Dilma, 2012/2015, o orçamento esteve direcionado para “além da política esportiva, pois buscavam, ao mesmo tempo, a projeção política e econômica do país”. Os autores ainda nos pontuam que:

O gasto orçamentário com esporte no governo Dilma teve como foco os grandes eventos e a infraestrutura esportiva, categorias essas que estiveram ligadas à garantia das condições gerais de produção, principalmente da burguesia nacional vinculada à construção civil. Além disso, os grandes eventos passaram a ser a prioridade na política esportiva, expresso pelo direcionamento dos objetivos do PPA --- 2012/2015 e do gasto. Contudo, eles estavam para além da política esportiva, pois buscavam, ao mesmo tempo, a projeção política e econômica do país. (Carneiro *et al.*, 2019, p. 349).

Com o impeachment de Dilma Rousseff, seu vice, Michel Temer, assumiu a presidência do Brasil nos anos de 2016-2018. O esporte não foi bem agraciado durante esse período. Mathias (2021) nos diz que o ajuste fiscal planejado por Temer impactou negativamente no campo das atividades esportivas.

Quanto à destinação dos recursos, observa-se que entre 2016-2018 cerca de 79,9% do montante liquidado não foi para atividade finalista, seja de rendimento, participação ou educacional. A prioridade foram os gastos com

3 Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/noticias/24-lista-noticias/38238-orlando-silva-destaca-avancos-do-esporte-durante-o-governo-lula/>.

4 Plano Plurianual.

gestão, infraestrutura e os Jogos Olímpicos de 2016. A vivência esportiva não foi prioridade na gestão de Michel Temer. Além de liquidar menos recursos, priorizou os agentes econômicos e políticos (Matias, 2021, p. 7).

A considerar o governo de Bolsonaro, houve uma desvalorização na pasta do esporte, logo no início do seu mandato, quando o presidente destituiu o Ministério dos Esportes, criado no governo Lula. Vejamos o que Mathias diz, com relação às políticas:

No campo esportivo, o governo desmontou a estrutura da política esportiva, conduzida pelo extinto Ministério do Esporte. Ao reduzir a pasta em uma Secretaria Especial dentro do Ministério da Cidadania, diminuiu o número de trabalhadores e recursos. Atualmente não há qualquer canal de participação social, algo semelhante às Conferências Nacionais do Esporte ou planejamento que envolva a criação de um Sistema Nacional do Esporte. Além disso, apesar de manter os principais programas, estes foram precarizados, como o Programa Esporte e Lazer da Cidade e o Programa Segundo Tempo (Matias, 2021, p. 18).

Com o retorno de Lula à presidência da república, a pasta do Ministério dos Esportes é implementada⁵, bem como os projetos e programas de incentivo às políticas públicas⁶ de esporte e lazer em suas diferentes formas.

2.3 Políticas Públicas do Esporte

O esporte é educacional quando pode ser usufruído como um bem cultural, tanto na ótica do gosto pessoal como na busca da maximização do rendimento, garantindo o direito ao uso das instalações e materiais adequados a ambos os fins (Brasil, 2005).

O conceito de políticas públicas é aqui entendido como uma estratégia de intervenção e regulação do Estado (e daqueles que o administram), que objetiva alcançar determinados resultados ou produzir certos efeitos no que diz respeito a um problema ou a um setor da sociedade (Menicucci, 2006).

No tocante ao meio esportivo, desde 1937, o esporte mantém relações estreitas com o Estado, e, ao longo dos anos, foi associado a outros campos, como: Ministério da Educação e Cultura – 1937; Secretaria de Desportos da Presidência da República – 1990; Ministério

5 Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br>. Acesso em: 26 mar. 2024.

6 Disponível em: <https://www.gov.br/esporte/pt-br/search?SearchableText=pol%C3%ADticas%20p%C3%ABlicas>. Acesso em: 26 mar. 2024.

da Educação – 1992; Ministério de Estado Extraordinário dos Esportes – 1995; Ministério da Educação e do Desporto – 1998; Ministério do Esporte e Turismo – 1999 até 2002. Somente a partir de 2003, o esporte passou a contar com um Ministério próprio, ou seja, o Ministério do Esporte (ME), criado pela Medida Provisória nº 103, de 1º de janeiro de 2003, com a missão de “formular e implementar políticas públicas inclusivas e de afirmação do esporte e do lazer como direitos sociais dos cidadãos, colaborando para o desenvolvimento nacional e humano” (Brasil, 2004, p. 07). Desse modo, o ME teria a responsabilidade de construir

Uma Política Nacional de Esporte. Além de desenvolver o esporte de alto rendimento, o Ministério trabalha ações de inclusão social por meio do esporte, garantindo à população brasileira o acesso gratuito à prática esportiva, qualidade de vida e desenvolvimento humano (Brasil, 2004, p. 07).

As políticas direcionadas ao esporte podem ser consideradas como fator de forte influência na expansão do esporte brasileiro. Rosa (2014) afirma que, após a criação ME, houve uma ampliação nos debates sobre as políticas públicas, uma vez que, em 2004, foi realizada a I Conferência Nacional de Esporte, promovida pelo ME. O documento final dessa conferência passou a orientar e subsidiar a Política Nacional do Esporte e do Lazer; em 2005, foi aprovada a Política Nacional do Esporte (PNE), pela Resolução nº 05, do Conselho Nacional do Esporte, ratificando o princípio constitucional que estabelece a prática do esporte e do lazer como práticas que devem ser fomentadas pelo Estado e um direito a ser garantido ao cidadão brasileiro⁷; em 2006, a II Conferência Nacional de Esporte, também realizada pelo ME; em 2007 e 2009, respectivamente, o Brasil é escolhido para sediar a Copa do Mundo de Futebol, ocorrida em 2014, e os Jogos Olímpicos, realizados em 2016. Nunes e Cunha (2014, p. 5) reforçam o entendimento, na medida em que afirmam haver:

Um crescente aumento de praticantes e modalidades esportivas desenvolvidas, eventos esportivos, profissionais que utilizam do esporte como espaço de trabalho, cientistas que direcionam suas pesquisas a esta área, indústrias de equipamentos e materiais esportivos, envolvimento midiático, instalações esportivas espalhadas pelo território brasileiro, dentre outros pontos que ressaltam esta ascensão (Nunes; Cunha, 2014, p. 5).

7 Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/institucional/ministerio.jsp>. Acesso em: 10 mar. 2023.

O PNE, promulgado pelo ME, com o objetivo de “contribuir para o desenvolvimento da discussão sobre o esporte no Brasil” (Rosa, 2014, p. 222), traça alguns objetivos, dentre eles, destacamos: “Fomentar a prática do esporte de caráter educativo e participativo, para toda a população, além de fortalecer a identidade cultural esportiva a partir de políticas e ações integradas com outros segmentos” (Brasil, 2005, p. 33).

No que concerne aos princípios básicos, entre outros, o PNE propõe fazer uma “revisão do quadro atual de injustiça, exclusão e vulnerabilidade social e considerar o esporte e o lazer como direito de cada um e dever do estado” (Brasil, 2005, p. 35).

No âmbito do ME, através do Decreto Presidencial de 21 de janeiro de 2004, foi instituída a Conferência Nacional do Esporte (CNE). A CNE torna-se, oficialmente, um espaço de debate, formulação e deliberação das Políticas Públicas de Esporte e Lazer para o país⁸. Assim, a I Conferência Nacional do Esporte traz em seu documento final, publicado em junho de 2004, a classificação do esporte conforme a Lei nº 9.615/98, em que o compreende considerando três aspectos: “Esporte educacional; Esporte de participação; Esporte de rendimento” (Brasil, 2004, p. 12). Nesse documento, destacamos os seguintes pontos, na sequência, os princípios básicos, diretrizes e objetivos:

O reconhecimento do esporte e do lazer como direitos sociais; Integração étnica, racial, socioeconômica, religiosa, de gênero e de pessoas; Fomentar a prática do esporte educacional e de participação, para toda a população, e o fortalecimento da identidade cultural esportiva a partir de políticas e ações integradas com outros segmentos (Brasil, 2004, p. 05).

Com relação à II Conferência Nacional do Esporte, em seu documento final, atribui competências “que devem ser pautadas pela colaboração e comprometimento com o esporte e lazer”, isso considerando as características de cada ator inserido no processo, pelo qual deverá priorizar a inclusão social (Brasil, 2006). Nesse sentido:

Cabe ao COB, CPB, CBDE, CBDU, Confederações e Federações esportivas, clubes esportivos e sociais, ligas, associações esportivas: Nos termos a considerar as competências de cada agente do Sistema Nacional de Esporte e Lazer devem ser pautadas pela colaboração e comprometimento, em respeito às características próprias de cada uma, sua autonomia e pertinência, priorizando a inclusão social, sendo que, sem prejuí-

8 Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/conferencianacional/default.jsp>. Acesso em: 10 mar. 2023.

zo de suas prerrogativas, são ressaltadas as seguintes atribuições: a. Criar escolas de base e interiorização das ações; b. Implementar em parceria com o poder público programas e eventos esportivos e de lazer para crianças, adolescentes, adultos e idosos e pessoas com deficiência, comunidades quilombolas e indígenas, incluindo modalidades não populares e esportes radicais contemplando não apenas os interesses esportivos, mas também os sociais, intelectuais, artísticos e turísticos do lazer; Realizar projetos esportivos de base, alto rendimento e lazer em parceria com as três esferas de governo (Brasil, 2006, p. 2).

Ainda a considerar as atribuições, de acordo com o disposto no documento da II CNE (Brasil, 2006, p. 2), ficou estabelecido para as Entidades Científicas: “Contribuir, estimular o fomento e difusão das pesquisas e construção do conhecimento do esporte, lazer e atividades físicas”.

Dando sequência à apresentação do documento final da II Conferência Nacional do Esporte, gostaríamos de sublinhar as orientações sobre os aspectos financeiros expostos no eixo 4, no qual, ao referir-se à autonomia financeira, diz que essa deverá ser garantida por meio de emendas constitucionais para garantir o desenvolvimento das Políticas de Esporte e Lazer. Desse modo, a União, estados e municípios deveriam:

Criar leis de incentivos fiscais para o esporte e o lazer nos três níveis de governo, considerando como alternativas para elaboração destas Leis as seguintes fontes: percentual de Impostos IR - IRPF e IRPJ, ICMS, ISS, CIDE, Imposto de Telefonia, IPI, IPTU, CPMF, seguro obrigatório de veículos e PIB (Brasil, 2006, p. 05).

Por fim, de acordo com o texto final da II Conferência Nacional do Esporte, esses recursos deverão priorizar programas e ações para implementação de políticas públicas direcionadas para o esporte e lazer, como, por exemplo:

Programas de Inclusão Social; Programa de promoção da Saúde; Construção, reforma e adaptação (manutenção) de Infraestrutura esportiva e de lazer (espaço físico e equipamentos); Capacitação, atualização e especialização de Gestores e profissionais que atuam na área do Esporte e do Lazer; Jogos Escolares e comunitários, em suas etapas Municipais, Estaduais, Regionais e Nacional; Construção do conhecimento, ciência e tecnologia do Esporte e Lazer, com o apoio na implantação, estruturação e manutenção de laboratórios de pesquisa científica; Bolsa Atleta; Paradesporto; Programas de esporte e lazer voltados para grupos sociais historicamente mar-

ginalizados (indígenas, idosos, pessoas com deficiência e com necessidades especiais, quilombolas, ribeirinhos. Assentados da reforma agrária) oportunizem as manifestações particulares desses grupos; Esporte não-profissional; Esporte universitário; Promoção e Fomento de Conferências, Fóruns, Seminários, Encontros Setoriais e outros; Formação de Equipes representativas municipais, estaduais e nacionais; Esporte de Criação Nacional e Identidade Cultural; Bolsa Técnico/Treinador Esportivo (Brasil, 2006, p. 06).

Após a II conferência, em 2006, é realizada a III Conferência Nacional do Esporte, em 05 e 06 de junho de 2010, que propõe ações e metas para serem desenvolvidas, principalmente com foco na realização dos dois mega eventos esportivos que o Brasil foi contemplado a sediar (Copa do Mundo, em 2014, e Jogos Olímpicos, em 2016). Especificamente, ao tratarmos da Plenária Final da Linha 1 – Sistema Nacional de Esporte e Lazer – destacamos a seguinte ação:

Ação 04 - Garantir a continuidade de programas e projetos bem-sucedidos realizados pelas Secretarias Municipais e Estaduais que desenvolvem atividades inerentes ao Esporte e Lazer Meta 01 - Possibilitar a transformação de Políticas Públicas de Gestão em Políticas de Estado. Meta 02- Criar Rede Nacional e fórum permanente de formação e discussão de gestores para implementação, acompanhamento, avaliação e aprimoramento de programas de esporte, criando-se indicadores de resultados qualitativos e banco nacional de informações do esporte georreferenciadas. Meta 03 - Garantir a ampliação e prorrogação de projetos esportivos já existentes em municípios com boa avaliação (Brasil, 2010, p. 2).

Consideramos importante também destacarmos as ações e metas direcionadas ao financiamento do esporte, visto que é de grande valia para o desenvolvimento do esporte rendimento. Para esse aspecto, a Comissão Nacional de Sistematização - Plenária Final - Linha 8 - Financiamento do Esporte, entre outras ações, propõe:

Ação 7 - Ampliar de forma continuada o Programa Bolsa Atleta. Meta 1 - Criar, regulamentar ou reformular, implantar, publicizar e fiscalizar o Programa Bolsa Atleta, nos três níveis de governo, destinado ao beneficiamento de atletas olímpicos, não-olímpicos e paraolímpicos, para-desportivo e para-atletas de baixa renda; atletas e para-atletas de base, levando em consideração as diferentes faixas etárias e suas respectivas realidades de esferas governamentais, garantindo no mínimo 30% do recurso do programa seja destinado às

modalidades não-olímpicas e não paraolímpicas. Meta 2 - Criar, regulamentar ou reformular, implantar, publicizar e fiscalizar a Bolsa Técnico, nos três níveis de governo, destinado ao beneficiamento de técnicos olímpicos, não-olímpicos, paraolímpicos e paradesportivos; ex-técnicos de baixa renda; técnicos de base, levando em consideração as suas respectivas realidades de esferas governamentais (Brasil, 2010, p. 3).

2.3.1 Política Nacional do Esporte

No tocante ao esporte de alto rendimento, o poder público o entende como prática esportiva que busca a máxima performance do atleta, visando recordes nas modalidades em que é praticado (Brasil, 2013). Dessa forma, o Ministério do Esporte se estrutura hierarquicamente e realiza uma série de ações, programas, eventos e projetos que instituem as políticas esportivas ao nível nacional, com a criação da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, que administra o Programa Bolsa Atleta; Plano Brasil Medalhas; Centro de Iniciação ao Esporte; Rede CENESP (Centros de Excelência Esportiva); Jogos Militares; Rio 2016; Jogos Escolares Brasileiros; documento contendo o Calendário Esportivo Nacional.

O Brasil tem prezado, com maior intensidade, o esporte de alto rendimento, estimado em razão da Copa do Mundo de Futebol, ocorrida em 2014 e, ainda, em razão dos Jogos Olímpicos realizados em 2016, ambos no país, considerados dois grandes eventos esportivos, implementando políticas direcionadas à captação de verbas para o desenvolvimento de projetos e equipes esportivas. Visualizaremos leis que embasam o referido argumento, por exemplo: a Lei nº. 8.672/1993; Lei nº. 9.615/1998; Lei nº. 11.438/2006; Lei nº 12.395/2011.

As referidas leis têm como foco o esporte, de modo que as duas primeiras foram elaboradas com o intuito de regulamentar o esporte no Brasil. A Lei nº 8.672/1993, revogada, posteriormente, pela Lei nº 9.615/1998, instituiu normas gerais para o desporto. Estabeleceu princípios fundamentais, suas finalidades e natureza, além do sistema brasileiro do desporto, a ordem e a justiça desportivas, entre outros. Com isso, o intuito é regulamentar o esporte e nortear as ações dos entes públicos e privados. A Lei nº 9.615/1998 sofreu alterações pela Lei nº 12.395/2011, para determinar e regulamentar incentivos para o esporte de rendimento. A década de 2000 trouxe uma série de novas regulamentações, novamente no âmbito do esporte de rendimento, para financiar e, assim, incentivar bons resultados nas Olimpíadas de 2016. Foi instituída a Bolsa-Atleta, criaram-se os Programas Atleta Pódio e Cidade Esportiva (Lei nº 10.891/2004).

Especificamente, a Bolsa-Atleta é prioritariamente destinada

aos atletas do esporte de alto rendimento em modalidades olímpicas e paraolímpicas. Percebemos que o Estado tem a preocupação de estimular o esporte, buscando a eficácia e a eficiência, tendo em vista o interesse de se tornar uma potência esportiva. Na mesma diretriz, a Lei nº. 11.438/2006, alterada pela Lei nº. 11.472/2007, dispõe sobre incentivos e benefícios para fomentar as atividades de caráter desportivo. De acordo com essa lei, mais conhecida como Lei de Incentivo ao Esporte, poderão ser deduzidos do imposto de renda de pessoas físicas e jurídicas os valores despendidos a título de patrocínio ou doação no apoio a projetos desportivos e paradesportivos, desde que previamente aprovados pelo Ministério do Esporte.

2.4 Excelência no Esporte

A cada evento esportivo de alto nível, observamos níveis elevados da performance dos atletas, chegando a superar seus próprios limites, bem como os recordes estabelecidos em determinadas modalidades esportivas. Esse avanço da superação de limites vem modificando a forma como são vivenciadas as modalidades esportivas, dado que a quebra de recordes implica no aumento do grau de dificuldades, para elevar ainda mais os níveis das competições.

É nessa dinâmica que se encontra a elite esportiva, haja vista que os melhores, os mais preparados, conseguem alcançar níveis elevados no campo esportivo. Essa condição, intrínseca à prática esportiva de alto rendimento, vem transformando o processo de desenvolvimento do esporte, seja em sua preparação e/ou organização. Celestino (2015) entende que a evolução esportiva vem transformando a forma de conceber a natureza do esporte, sua forma organizacional e suas práticas.

Essa forma de conceber o campo da excelência esportiva nos leva a crer na complexidade da compreensão do termo “excelência”. A literatura aponta pesquisadores que se aventuram em expressar suas concepções sobre a excelência no esporte, como podemos observar a seguir: “alto rendimento, elite, mestria e talento” (Matos; Cruz; Almeida, 2011, p. 28); “fenômeno multivariado” (Almeida; Wechsler, 2015, p. 178); “A excelência manifesta na luta, é a essência do povo grego” (Cousineau, 2004, p. 183); “Conhecimento, habilidades e atitudes que possibilitem uma atuação de nível superior ou excepcional” (Pereira, 2001, p. 135).

Em uma compreensão global, a excelência no esporte exerce uma forte ligação para a superioridade em relação ao outro, ou seja, estar em um degrau acima, sempre à frente no gesto, no tempo, na velocidade ou no movimento, sendo o mais hábil, o mais forte, o mais capaz. Quanto mais se distanciar do erro, mais aumenta a probabilidade

de do acerto, conseqüentemente, a perfeição, resultante de um longo período de treino, poderá consagrar o atleta no espaço da excelência.

Diante de tantos atributos à excelência esportiva, surgem algumas teorias, resultantes de indagações sobre os elementos influenciadores para o alcance da excelência, que podem estar relacionados tanto aos fatores primários, como aos fatores secundários (Baker; Horton, 2004; Bloom, 1985; Celestino, 2016; Culross, 2015; Hartigh; Hill; Geert, 2018; Mundim, 2018; Simonton, 2005).

Simonton (2005), na tentativa de compreender o fenômeno da superdotação, procurou investigar as complexidades de desenvolvimento da superdotação natural através da genética. O autor, em seu estudo, observa que a compreensão da superdotação por meio da genética é uma tarefa complicada e que essa análise se tornaria ainda mais complexa se fosse incorporada a fatores secundários.

Em uma abordagem biopsicossocial integrada, Culross (2015) visa compreender as influências internas (capacidades física, fatores emocionais e mentais) e externas (casa, escola e cultura) para o desenvolvimento de talentos do atleta de elite. Para a autora, o talento inato pode despertar o interesse pelo esporte, no entanto, “a trajetória desse talento dado por DEUS” (Culross, 2015, p. 20) ao atleta que conquistou o pódio olímpico exerce fortes influências externas.

Hartigh, Hill e Geert (2018) propõem um modelo de rede dinâmica de desenvolvimento de talentos. Esse modelo foi testado e validado em trajetórias individuais de atletas de elite de diferentes modalidades (Roger Federer, do tênis; Serena Williams, do golfe; Sidney Crosby, do hóquei, e Lionel Messi, do futebol). O modelo sugere que o talento emerge de variações intra e interindividuais na composição de redes dinâmicas individuais, além disso, “fornece uma estrutura abrangente para entender os princípios teóricos subjacentes ao desenvolvimento de talentos” (Hartigh; Hill; Geert, 2018, p. 07).

Bloom (1985) traz em seus estudos a influência do lar sobre o desenvolvimento de talentos jovens. A investigação foi desenvolvida com 120 jovens talentosos, de áreas distintas.

Celestino (2015, p. 119), em seu estudo sobre a excelência na orientação, identifica, nos aspectos externos, “a família próxima, o treinador, os amigos/pares e os aspectos socioculturais como principais elementos modeladores da aquisição, desenvolvimento e manutenção da excelência”. Para o autor, o alcance da excelência é um processo multidimensional e deve ser entendido sob uma perspectiva bio-psico-axiológica.

Mundim (2018), ao pesquisar sobre os fatores determinantes para o alcance de excelência na prática esportiva feminina, diz que a compreensão dos fatores ligados à personalidade e socioculturais

pode contribuir também sobre informações a respeito da excelência feminina no esporte. A autora destaca o papel da família e da escola como sendo imprescindível para a formação de atletas femininas de excelência.

Baker e Horton (2004), ao revisarem as influências primárias e secundárias na perícia do esporte direcionado à excelência, apresentam categorias nos aspectos primários e secundários. Os fatores primários influenciam diretamente a aquisição de desempenho especializado e incluem todos os elementos que contribuem para que um atleta (intencionalmente ou não) melhore o seu próprio desempenho. Geralmente, eles podem ser categorizados em fatores genéticos, fatores de treinamento e fatores psicológicos. Para as influências secundárias, os autores apontam as seguintes categorias: recursos instrucionais, importância cultural, apoio familiar, fatores contextuais, maturidade esportiva e profundidade na competição.

Diante do exposto, observam-se diferentes correntes que tentam encontrar entendimentos sobre os aspectos que circundam a excelência no esporte, aspectos estes que correspondem à vida do sujeito em toda dimensão, quer seja de ordem interna ou externa.

A teoria ainda revela que, nas influências secundárias, os aspectos se configuram em uma relação entre o atleta e o contexto que o cerca (Gagné, 2004, 2007; Simonton, 1994; Sternberg, 2001). Esses elementos podem influenciar, de maneira significativa, no alcance da excelência.

Esses fatores, pensados e desenvolvidos isoladamente, não são garantia para o alcance da excelência, visto que, mesmo em sua singularidade, o atleta vive sobre um tempo, sobre um processo de ligação e religação no percurso da produção dos saberes.

Então, o sentido da excelência também deve estar relacionado a essa produção que liga e religa, em um ciclo constante de interação com o eu psicológico, genético, social e cultural. Essa constituição dinâmica e complexa do sujeito atleta de excelência passa por diversas fases, inseridas em um espaço de tempo e contexto. Isso é o que faz surgir alguns apontamentos atribuindo o valor da família, da escola, dos amigos, dos professores e dos treinadores como influenciadores na construção de carreira de um atleta de excelência.

Outro aspecto deve ser considerado no meio desse processo de transcendência da pessoa atleta, os elementos constituintes que são exigidos tanto no meio social comum quanto no esporte de excelência. Para além da exposição acima, de todos os aspectos influenciadores para o alcance da excelência, o atleta carrega consigo os valores éticos e morais que também estão inteiramente ligados aos aspectos da excelência do mundo esportivo.

Renaud (2016, p. 111) nos diz que o “elo de ligação entre ética e desporto é o valor”, mas o valor guiado pela ética do “bem da ação que o ser humano põe a realizar” (Renaud, 2016, p. 116). Para Morin (2011), todo o ato ético é um ato de religação com os seus, com os outros, com a comunidade e com a humanidade. Morin (2011, p. 37), ainda entende que o “amor é a expressão superior da ética”.

Corroborando esse pensamento, Sá (2008, p. 11) diz que, “na sua essência, a ética é o amor e razão”, associados para gerar o comportamento consciente, estruturado em valores humanos. Sá (2008) ainda argumenta que a consciência ética passa geralmente por processos educacionais.

A ética, o amor, a razão e a consciência ética geralmente estão presentes no esporte; podemos até nos arriscar a dizer que os valores éticos são condicionantes para o desenvolvimento do esporte em todas as suas dimensões, visto que a prática esportiva não limita-se tão somente aos aspectos táticos, técnicos e performáticos.

Cachada (2013, p. 35) reforça a ideia, quando diz que: “A questão é que no desporto não se ensina só técnicas, no desporto não se ensina só táticas, no desporto aprende-se, de igual modo, a respeitar e confiar nos seus companheiros, bem como a respeitar os seus adversários”.

Observa-se que as práticas esportivas vão além de puras vivências e experiências competitivas. Renaud (2016) diz que o desporto escolar permite que os alunos, mesmo sem ter conhecimento, desenvolvam o valor ético, na medida em que passam a conhecer seus limites e aceitam a superioridade de seus colegas. O autor destaca que:

Se o valor ético atravessa todas as atividades, o desporto, quanto a ele, faz da vida ética uma escola de formação [...]. Deste modo, o esforço de se superar a si próprio, a aceitação dos próprios limites, a aceitação do outro e da sua eventual superioridade, a humildade necessária para este efeito, o sentido da confraternização com a tolerância amiga que implica a disciplina do caráter com o domínio sobre a si próprio, o gosto pela iniciativa, a assunção de um risco cujo excesso deve ser evitado, o *fair play* nos encontros, a recusa a *priori* da violência, é um conjunto de excelências da ação que fazem do desporto um meio de formação e crescimento ético (Renaud, 2016, p. 120).

Essa escola de formação esportiva, geralmente, tem início no campo escolar, basicamente nas aulas de Educação Física. A construção do atleta de excelência passa por uma formação de excelência. Como já dito acima, treinamento técnico e tático são de extrema importância, bem como as questões éticas, em razão de estarem pre-

sentes cotidianamente no espaço escolar, em particular, nas aulas de esporte escolar.

Com base neste diálogo, recorreremos a alguns elementos que norteiam a formação esportiva nas aulas de Educação Física. E, para isso, elegemos os seguintes pontos, que trataremos doravante: a formação do profissional de Educação Física e o trato do esporte no contexto escolar.

2.5 A Educação Física Escolar do Brasil, a formação de professores e sua relação com a formação de atletas de excelência

Os teóricos e pesquisadores do campo de conhecimento do ensino da Educação Física Escolar, entre as décadas de 70 e 80, buscavam romper com o ensino liberal, tecnicista e tradicional apoiados nas ideologias do discurso pedagógico, entre outros, o de Paulo Freire (1967-1987), na medida em que este entende o processo educacional como uma prática libertadora, dialógica e uma pedagogia voltada para o oprimido. Por sua vez, Libâneo (1985), ao vislumbrar uma escola democrática, propõe uma concepção crítico-social dos conteúdos, que dialoga com a luta dos profissionais de Educação Física na busca de romper as barreiras de um modelo de ensino também liberal. Desse modo, a Educação Física entra no discurso pedagógico se afinando às diversas pedagogias educacionais, dentre elas as desenvolvimentistas, construtivistas, psicomotoras e críticas.

É nessa conjuntura, que os apoiadores do discurso de um ensino de Educação Física orientado para uma formação para além da reprodução de gestos técnicos alicerçaram suas ideias nas convicções de uma educação que criasse possibilidades de construção do conhecimento por meio do corpo, materializado dentro de uma cultura em movimento.

Tani *et al.* (1988); Ghiraldelli (1991); Borges e Desbiens (2005); Bratch (2005); Caparroz (2007); Castellani Filho (2013); Coletivo de Autores (1992); Daólio (2004); Darido e Rangel (2011); Freire (2009); Gallahue e Donnelly (2008); Kunz (2002); Marinho (2010); Moreira *et al.* (1992); Neira (2009); Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) – Educação Física (1997); Tafarel e Hildebrandt-S-tramann (2007); Tubino (1996), entre outros autores, vêm discutindo o ensino da Educação Física Escolar sob o prisma de uma educação orientada para a formação e desenvolvimento do aluno. Essa forma de compreender o aluno enquanto sujeito do processo de ensino-aprendizagem reflete uma concepção holística, em virtude de não conceber uma visão dicotômica de um ser compreendido em um sistema edu-

cacional.

Assim, para a Educação Física Escolar atender às necessidades dos alunos, é importante compreender o processo de desenvolvimento das habilidades motoras. É nessa ótica que Go Tani *et al.* (1988, p. 91) defendem a ideia de que

A aprendizagem motora, como uma área de estudo, procura explicar o que acontece internamente com o indivíduo, quando passa, por exemplo, de um estado em que não sabia andar de bicicleta para um estado em que o faz com muita proficiência. É, portanto, uma área de estudo preocupada com a investigação dos mecanismos e variáveis responsáveis pela mudança no comportamento motor de um indivíduo (Go Tani *et al.*, 1988, p. 91).

Os autores ainda apontam para a importância do conhecimento sobre o desenvolvimento, crescimento e aprendizagem, que pode ser:

Resumidamente expressa em três aspectos que possibilitam em primeiro lugar, o estabelecimento de conteúdo, objetivos e métodos de ensino coerentes com as características de cada criança; em segundo lugar a observação e avaliação mais apropriada dos comportamentos de cada indivíduo, permitindo um melhor acompanhamento das mudanças que ocorrem e, finalmente, a interpretação do real significado do movimento dentro do ciclo de vida do ser humano (Go Tani *et al.*, 1988, p. 2).

Quando os autores acima dialogam sobre o esporte como ferramenta para o desenvolvimento das habilidades motoras no contexto educacional, a reflexão caminha para a compreensão do esporte como patrimônio da humanidade e, conseqüentemente, importante dentro do sistema escolar.

O desporto é importante por proporcionar situações de movimento que possibilitam o desenvolvimento de cada criança dentro das habilidades específicas. Além do mais, o desporto é uma forma de patrimônio cultural da humanidade e um dos grandes objetivos da educação é a transmissão cultural (Go Tani *et al.*, 1988, p. 90).

No que concerne à concepção construtivista, Freire (2009) contempla seu entendimento em um ensino voltado para a construção do conhecimento. Neste, a Educação Física toma posse do jogo para trabalhar os esquemas motores das crianças com fins de desenvolver a cognição, motricidade, socialização e afetividade. Além disso, com o desenvolvimento dos jogos, o professor pode oportunizar as vivências competitivas e interdisciplinares. Freire (2009) chama atenção para a

apropriação do conteúdo “jogo” como instrumento pedagógico, e que sua dinâmica remete não somente à assimilação, ele deve levar em consideração o “meio ambiente, os objetos físicos e sociais” (Freire, 2009, p. 108-109). O autor ainda afirma que:

Num contexto de educação escolar, o jogo proposto como forma de ensinar conteúdos às crianças, aproxima-se muito do trabalho. Não se trata de um jogo qualquer, mas sim, de um jogo transformado em instrumento pedagógico, em meio de ensino (Freire, 2009, p. 119).

Partindo para uma concepção de ensino progressista, Ghiraldelli Júnior (1991), espelhado em Libâneo (1985), quando reporta ao profissional de Educação Física, propõe que esse profissional desenvolva suas competências como um “intelectual progressista e transformador”, que constitua uma ligação entre os fatos históricos e a “construção de uma concepção de mundo superior e democrático” (Ghiraldelli, 1991, p. 57). O autor apresenta algumas possibilidades de desenvolvimento de uma aula progressista por meio de alguns conteúdos. Com relação aos jogos desportivos, a indicação é:

Os jogos desportivos tradicionais (futebol, basquetebol, etc.) também podem e devem ser aprendidos numa perspectiva histórica social. Os alunos devem jogar com regras primitivas de cada desporto e compará-las com as atuais. Além disso, faz-se necessário que o aluno perceba, na prática, e na técnica de cada desporto, sua evolução e relação com o país que lhe deu origem. E mais, que o professor procure esclarecer a relação de superioridade que certos países possuem, em relação a outros, em determinados desportos (Ghiraldelli Júnior, 2011, p. 58).

Incorporando a linha de pensamento de Libâneo (1985) e Demeval Savianni (2008), o Coletivo de Autores (1992) propõe uma metodologia de ensino da Educação Física em que o trato do conhecimento permeia a cultura corporal dentro de uma concepção crítico superadora. Para os autores, a cultura corporal “resulta de conhecimentos socialmente produzidos e, historicamente, acumulados pela humanidade, que necessitam ser retraçados e transmitidos para os alunos na escola” (Coletivo de Autores, 1992, p. 39).

Ao eleger os conteúdos do ensino da Educação Física Escolar, a concepção crítica superada também determina o esporte como conteúdo, defendendo a ideia de que:

O esporte, como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos,

sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica. Por isso deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente, no sentido de esporte da escola e não como esporte na escola (Coletivo de Autores, 1992, p. 70).

No que tange a uma demanda do Ministério de Educação, Cultura e Desporto, emerge, dentro da educação, uma proposta de inclusão. Assim, os PCN (Brasil, 1997) surgem da necessidade de elevar o Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro (IDEB). São referenciais elaborados por pesquisadores de todos os componentes curriculares educacionais, responsáveis por áreas específicas, sob a coordenação do Ministério da Educação. Na conjuntura da Educação Física, os PCN entendem que o conhecimento da área versa sobre a cultura corporal do movimento, percorrendo os temas transversais e tratando-a, também, em blocos de conteúdo. Para os PCN (Brasil, 1999, p. 74), todos os alunos devem ter direito ao acesso ao conhecimento do esporte, na medida em que “deve encontrar o seu lugar na escola, através de uma proposta que atinja a todos os alunos”.

Darido e Rangel (2011), ao delinarem a Educação Física no ensino superior, discutem as implicações para a prática pedagógica do ensino da Educação Física Escolar, elegendo a cultura corporal do movimento como abordagem de ensino mais próxima da realidade do contexto educacional. As autoras afirmam que:

Dentre a realidade acadêmica de estudos relacionados com a educação física, a cultura corporal de movimento parece ser a que mais se ocupa da prática pedagógica escolar. Várias de suas pesquisas são pertinentes à escola, desde a escolha dos conteúdos que caracterizam a própria área, até a preocupação com a contextualização das manifestações expressivas corporais das aulas (Darido; Rangel, 2011, p. 30).

Ainda com relação aos conteúdos inseridos na proposta das autoras supracitadas, o esporte configura-se como um conhecimento importante no âmbito escolar, uma vez que “aprender o esporte implica necessariamente na apropriação de um conjunto de valores, ações e atitudes que muitas vezes não são percebidos e trabalhados intencionalmente pelos professores” (Darido; Rangel, 2011, p. 189).

Novamente, em defesa da cultura corporal do movimento, Neira (2009) percebe ser necessária a inclusão de uma proposta de ensino da Educação Física Escolar, argumentando nos seguintes termos:

Faz-se necessário a inserção de uma proposta pedagógica de atividades motoras na escola, perfeitamente

integrada ao projeto educacional e adequada às características específicas dos educandos. Essa ação só será possível se mantida uma constante preocupação dos educadores, com as questões relativas à motricidade infantil e cultura corporal de movimento mediante a ampliação dos momentos destinados à construção dessa espécie de conhecimentos (Neira, 2009, p. 120).

No tocante ao desenvolvimento de uma concepção de ensino focalizada nas ações dialógicas comunicativas, Elenor Kunz (2006) compreende que a Educação Física Escolar deve estabelecer, dentro de sua organização curricular, a cultura do movimento, elegendo, entre outros conhecimentos, o esporte como possibilidade para formação crítica emancipatória.

As concepções pedagógicas do ensino da Educação Física Escolar alicerçam tanto as práticas pedagógicas dos professores do ensino básico, quanto orientam as matrizes curriculares do ensino superior. Isso nos leva a crer que a formação do professor de Educação Física passa movimentar-se por meio dessa forma de conceber o ensino em seus aspectos metodológicos.

É com base nessas proposições metodológicas que observamos o esporte como um forte aliado dos professores para o desempenho de suas ações no contexto escolar. Quer seja direcionado a uma concepção desenvolvimentista ou crítica, é notório que os elementos inseridos nessas concepções podem despertar o interesse dos alunos pelas práticas esportivas e também auxiliam no desenvolvimento das habilidades necessárias para essa prática. O fato é que, provavelmente, o atleta medalhista olímpico, no início de sua carreira, já teve contato com a prática esportiva e, ademais, por meio das competências desenvolvidas pelo professor de Educação Física, já foi introduzido o treino de suas habilidades físicas, mesmo que de forma lúdica.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia construtivista-interacionista-subjetiva foi considerada adequada aos pressupostos da pesquisa, pois nos permitiu emergir diretamente no contexto real dos sujeitos, buscando construir um texto que representasse uma verdade, um fato. Com base nos dados verbais dos participantes da pesquisa, visamos descobrir e construir uma nova realidade. É importante destacar que a pesquisa foi submetida e aprovada pela Comissão de Ética, seguindo todo o rigor científico, conforme parecer nº 37/2015, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/PT. Em suma, a justificativa reside na dinâmica da construção do conhecimento, que se efetiva durante todo o processo investigativo. Por essa razão, apropriamo-nos dos dados verbais obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, focando nas trajetórias de vida de atletas no esporte de excelência e em como elas influenciam na construção da carreira de um atleta medalhista olímpico.

Participaram deste estudo 09 atletas medalhistas olímpicos (bronze, prata e ouro) das olimpíadas de 2012 e 2016. Entre os vários critérios utilizados para seleção dos atletas participantes da pesquisa, salientam-se os seguintes: pesquisar atletas que ainda desempenhavam suas atividades e estavam ligados a instituições esportivas brasileiras e/ou internacionais; a participação dos atletas na investigação está condicionada a modalidades individuais, em função do retorno que tivemos dos convites feitos às federações das modalidades esportivas brasileiras; atletas que medalharam nas olimpíadas de 2012, em Londres, e 2016, no Rio de Janeiro.

Nesse cenário, o conjunto dos sujeitos participantes da pesquisa foi constituído pelos atletas que se disponibilizaram a participar da pesquisa, concordando e assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Elegemos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. Flick (2005, p. 82) aponta como objetivo geral das entrevistas semiestruturadas “focar em um objetivo específico e captar o melhor possível o seu significado”. Para tal, faz-se necessária uma relação harmoniosa entre entrevistador e entrevistado.

Para o desenvolvimento do nosso estudo, servimo-nos da Análise de Conteúdo (Bardin, 2009), que não é tão somente utilizada por pesquisadores da sociologia, psicologia e educação, outras áreas de conhecimento passaram a se apropriar desta técnica, bem como alguns estudiosos que se dedicaram a pesquisas sobre o esporte (Dias, 2013; Celestino, 2015; Freitas *et al.*, 2015; Monteiro, 2007; Nakata, 2014; Pereira, 2014; Santos, 2015; Silva, 2014).

Desse modo, estabelecemos o sistema categorial dividido em

categorias *a priori* e categorias *a posteriori* (Bardin, 2009). A organização das categorias *a priori* parte de uma estrutura pré-elaborada em termos de fundamentação teórica e das experiências na organização e realização das entrevistas junto aos sujeitos da pesquisa. Essas categorias surgem a partir de um quadro teórico, considerando as características que se destacam. O sistema de categorias *a posteriori* resulta da classificação dos elementos (frases, palavras, etc.). Após a análise rigorosa, constituímos os resultados e discutimos com pesquisadores da área, que será exposto no capítulo a seguir.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A apreciação das informações obtidas por meio dos dados verbais derivados da investigação será, nesse ato, refletida interativamente entre os sujeitos investigados, sujeitos referenciados e sujeitos autores da obra, que, por sua vez, passarão a interpretar os diálogos de acordo com o transcorrer das falas, o que resultará na subjetividade circunspecta por meio dos olhares e posicionamentos referentes às ações comunicativas. Há de se considerar a pertinência que será creditada ao diálogo entre os dados obtidos e a literatura, de modo a se poder enquadrar, confrontar e até diferenciar os resultados obtidos, caso haja necessidade.

Em resumo geral, de todos os nossos diversos olhares minuciosos direcionados ao objeto da investigação, construímos, enfim, caminhos que possam dar à luz princípios capazes de satisfazer as necessidades explícitas por meio dos questionamentos lançados e provocados no pontapé inicial e, conseqüentemente, sequenciado no desenrolar do nosso estudo, é o que pretendemos revelar nos entornos de cada palavra escrita, transcrita, analisada e confrontada entre sujeitos e a literatura, sob as linhas e entrelinhas do texto a seguir.

4.1 A Excelência no Esporte

Esta categoria pretende conhecer e compreender o entendimento dos atletas acerca da concepção de excelência no esporte. As subcategorias definidas foram as seguintes: conceito de excelência no esporte, concepção de atleta de excelência, fatores primários e fatores secundários para a excelência no desporto.

Estudos desenvolvidos no âmbito da excelência do esporte (Baker; Horton, 2004; Bloom, 1985; Celestino, Leitão; Pereira, 2016; Culross, 2015; Hartigh; Hill; Geert, 2018; Mundim, 2018; Pereira, 2001; Simonton, 2005) estão mais direcionados aos fatores de ordem interna dos atletas, quer sejam psicológicos, genéticos, fisiológicos ou biológicos. Esse fato nos leva a crer que existe uma carência com relação aos estudos sobre a influência dos aspectos socioculturais na preparação dos atletas de alto nível. Isso nos permite deduzir que há muito a pesquisar e descobrir, visto que a dimensão que abarca a excelência do esporte vai além de uma visão isolada.

A considerar as fragilidades dos estudos sobre a excelência no esporte do Brasil, nossa investigação visa central conhecer quais os aspectos que os atletas campeões olímpicos brasileiros consideraram importantes para o desenvolvimento da excelência no desporto. A análise desenvolvida nas entrevistas concedidas nos conduz a uma interpretação da excelência do esporte em uma perspectiva mais complexa, não no sentido de buscar uma solução, ou entendimento unilateral,

mas de modo a conferir as diferentes formas de conceber o esporte de excelência.

A esse propósito, Morin (2010, p. 189) diz que “a complexidade é um desafio ao conhecimento, não uma solução”. A saber, tanto os atletas quanto às três categorias de professores exprimiram suas concepções de esporte de excelência com base nas suas vivências no campo esportivo e educacional. Cremos que esse fato justifica a complexidade nas diferentes formas de conceber a compreensão do esporte de excelência.

4.1.1 Conceito de excelência no esporte

Ante as falas dos atletas, a concepção sobre esporte de excelência passa pelo entendimento de alto rendimento, esporte de elite, perfeição, financeiro, profissionalismo, determinação, conhecimento científico e específico, organização, sonho, alto nível e topo olímpico. Isso nos faz perceber a relação entre os fatores primários e secundários, no que concerne à compreensão do esporte, tornando-o um campo de conhecimento complexo, haja vista não se limitar tão somente ao esporte rendimento, já que outros fatores interferem para se chegar à excelência esportiva, inclusive fatores relacionados ao conhecimento científico e específico da área.

A performance desportiva humana tem sofrido uma constante evolução nos últimos anos, apesar de ainda não se ter encontrado um modelo preditivo de qual atleta se apresenta como o mais capaz para alcançar a excelência. Um bom sistema educacional e desportivo que proporciona oportunidades para todos, que possibilite a cada um autonomia para optar pelo rumo desportivo que achar mais conveniente na altura certa, continua a ser o melhor modelo de identificação de talentos (Gonçalves *et al.*, 2012).

Afinal o desporto é uma coisa muito linda e séria, uma bandeira de felicidade. Melhor, é para além de uma coisa: é do domínio simbólico e instrumental, ético e estético. No halo e na fronteira do aparente materializam-se a grandeza e a significação da transcendência que encerra. Prefigura e concretiza um método, uma via, uma forma de gestão e uma versão pedagógica, axiológica e cultural da existência e do sentido da vida que o nosso contexto civilizacional celebra e referência como sendo superior. Encerra e ensina uma pedagogia e filosofia da vida àqueles que não são pedagogos nem filósofos. Socializa em sentimentos e procedimentos que qualificam a pessoa e o seu trajeto existencial. É da ordem da cultura, da política, da cidadania. Ou seja, pertence às coisas elevadas que não são enxergadas por vistas baixas e rasteiras (Bento, 2007, p. 29-30).

Com isso, passamos a descortinar, minuciosamente, os diálogos na intenção de diagnosticar os sentidos e significados atribuídos ao esporte de excelência. Vejamos o que dizem os atletas.

Eu penso muito no esporte como um todo, atrelado a uma instituição de ensino. Então, acho que se massificasse mais alguns esportes olímpicos, o Brasil melhoraria bastante, na excelência olímpica, nos resultados olímpicos. Então eu acredito muito no esporte escolar, no esporte dentro da escola, no judô dentro da escola, no basquete de uma maneira, é... mais profissional e mais alguns centros de treinamentos voltados ao alto rendimento também, com atletas reunidos mesmo, em prol da melhora da excelência olímpica. E, hoje, a estrutura do esporte olímpico brasileiro, ainda está nos clubes, ainda é amadora de certo ponto. Então, eu acho que colocar alguma coisa mais voltado nas escolas, em centro de treinamento, montar uma estrutura, mas nesse sentido, seria interessante (A7).

O atleta confere o entendimento do esporte olímpico à escola. O argumento dessa fala está em torno da massificação do esporte nas instituições de ensino, uma vez que, se todas as pessoas em idade escolar tivessem acesso à prática esportiva, o número de atletas em competições olímpicas aumentaria, como também as chances de conquistar medalhas olímpicas. Conferindo, ainda, o depoimento de A7, visualizamos abertamente a indicação a um sentido de totalidade. Isso mostra haver um condicionante para a concretização da excelência no esporte, o qual é a massificação por intermédio da escola.

É com enfoque na utilização do esporte no ambiente formal de ensino, ou seja, na escola, como se referem Paes (2002) e Tubino (2002), que nos direcionamos, por ser fato que o esporte está significativamente presente na vida dos indivíduos, inclusive na dinâmica escolar, especificamente, no desenvolvimento da Educação Física como componente a ser trabalhado nas aulas.

A Educação Física Escolar não pode ignorar o fato de que a realização dos eventos olímpicos tem grande mobilização popular e que é preciso pensar a partir da lógica dos megaeventos, assumindo a tarefa de preparar os alunos. Para Bracht (2011), o esporte de alto rendimento passa a ser sistematicamente alvo de políticas públicas no Brasil e a escola tem seu engajamento no processo assumindo a tarefa de preparar alunos, além de predispor os discentes para esses megaeventos, ampliando os seus conhecimentos sobre o fenômeno esportivo, isso envolvendo tanto o aprendizado dos esportes no sentido da sua prática, regras, características e lógicas internas, como a compreensão do significado cultural, político e econômico.

A considerar o entendimento do esporte de excelência de forma mais objetiva, as falas de A3 e A4 traduzem, de maneira reducionista, direcionado ao produto final, ou seja, as competições, campeonatos mundiais e jogos olímpicos.

E é campeonato mundial, campeonato mundial.../ muitos participantes... muita gente, de alto nível... que você vai ver nos... jogos olímpicos... então isso... (A3). Então, essas pessoas que foram fundamentais para estar com alto rendimento aí, e alcançar o sucesso (A4).

Para os referidos atletas, o esporte de excelência é sinônimo de esporte de alto nível ou esporte de rendimento. Tubino (2002) aponta que o esporte se desenvolve a partir de três manifestações: 1) Esporte Educação, que tem como meta o caráter formativo; 2) Esporte- Participação, cuja finalidade é o bem-estar e participação do praticante e 3) Esporte Performance ou de rendimento, que objetiva o competitivo dentro de uma obediência rígida às regras e aos códigos existentes para cada modalidade esportiva.

Para Moura (2012), a ideia de a escola trabalhar o esporte eficazmente reforça o argumento dos determinantes sobre o desempenho dos alunos, pois os valores Olímpicos e Paraolímpicos, que passam por uma tradução pedagógica nas aulas de Educação Física, reforçam valores educacionais, como equilíbrio entre corpo, vontade e mente, alegria do esforço, busca pela excelência, jogo limpo e respeito pelos outros. Barbosa (2015) ressalta a importância da vivência de valores a fim de contribuir para a construção de atitudes que sirvam de exemplo multiplicável para inúmeros outros públicos, além dos estudantes.

Para que os alunos vivenciem os valores, a escola deverá empreender esforços para inseri-los no seu dia a dia, ou seja, os princípios precisam ganhar corpo em algo concreto que, neste caso, são as ações do cotidiano voltadas para uma melhor convivência escolar. Trabalhar valores de caráter esportivo promovidos pelo olimpismo possibilita que crianças e jovens cresçam representando modelos que incentivarão positivamente suas vidas, desenvolvendo competências mediante atividades desportivas com valores que possibilitam mudanças de atitude na comunidade escolar.

Comungamos com Bento (2017) quando busca compreender o valor e o significado do esporte. Vejamos:

A um passado ligado à afirmação e difusão de um modelo uniformizado em torno de estereótipos de masculinidade, juventude, força outras referências afins, sucedem um presente e um futuro de configuração de uma pluralidade de práticas, diversificadas sob o primado de princípios subsidiários da qualidade e excelência

da vida e do homem de todas as idades e condições. De um desporto de entretenimento e espetáculo do fim de semana evoluiu-se para uma cultura do quotidiano (Bento, 1999, p. 51).

Um esporte que permita o desenvolvimento multicultural, a inclusão, a educação e a formação de todos. Acreditamos que o esporte serve também como um instrumento educacional, com poder de desenvolver valores éticos dentro da sociedade.

4.1.2 Conceção de atleta de excelência

A percepção que um atleta de excelência tem sobre si e pode contribuir para os questionamentos do nosso estudo, dado que essa construção de identidade de si pode ter relação com as vivências e experiências no percurso para o pódio olímpico. É importante considerar também a compreensão que os profissionais, que estão diretamente envolvidos com o esporte rendimento, têm sobre o que caracteriza um atleta de excelência. Galatti *et al.* (2015) argumentam que a expressão do desempenho de excelência é multifatorial, enquanto Celestino (2015) compreende a excelência do esporte em uma dimensão holística.

O esporte, enquanto fenômeno social, se manifesta em um contexto e sofre diversas influências do que compõe esse contexto. Isso ocorre, de igual modo, com as características dos atletas, refletidas com base no processo de formação. Assim, o processo de formação passa pela preparação do atleta nos treinos, a considerar os aspectos psicológicos, biológicos, bem como as relações estabelecidas nesse contexto, ou seja, dentro de um aspecto social (Baker; Côté; Albernethy, 2003).

Tubino (1999) nos diz que o esporte, em função de sua diversificação, consegue atingir vários elementos da vida do homem, quer sejam: educação, saúde, lazer, etc. Isso nos remete ao entendimento do esporte enquanto fenômeno social, colocando-o como um instrumento importante na vida do homem.

Sabendo da importância do esporte para a sociedade, Tubino (1988) já apontava preocupações com o esporte brasileiro, quando:

A ideia deveria presidir, do ponto de vista filosófico, a esse processo renovador, deveria ser, portanto, a da representação de interesses dos segmentos sociais interessados. A forma de como se poderia dar essa representação pode ser variada, bem mediante a abertura do CND a uma comissão parlamentar que dele participasse regularmente, bem mediante a participação mista de parlamentares e representantes das federações espor-

tivas, bem mediante uma tríplice participação dessas duas instâncias e de cidadãos comuns. O importante é garantir, de um lado, o processo de tomada de decisões e de continuidade administrativa (que exige a manutenção de uma mínima estrutura burocrática) e de outro, a participação ativa da sociedade. (Tubino, 1988, p. 84)

Nessa linha de pensamento, Almeida e Gutierrez (2009) apontam, em outros termos, as diferentes formas de manifestação do esporte na sociedade, como educação e qualidade de vida. Sobre a relação do esporte com a saúde, os autores dizem que:

A relação esporte-saúde não é clara, pois as modalidades esportivas produzem efeitos diferentes sobre os organismos, que podem não se adequar à realidade ou necessidade individual. O ambiente e a forma de manifestação do esporte também exercem efeitos positivos ou negativos sobre a saúde. Ou seja, as diferentes formas de manifestação do esporte exercem diversos impactos e influências sobre os indivíduos, assim como qualquer outra forma de atividade física. O simples fato de se movimentar sistematicamente não garante boa saúde, porém se essa forma de exercício for adaptada, dirigida e adequada às capacidades, limites e necessidades do sujeito, pode colaborar para melhoria dos seus quadros salutares. Essa relação acontece da mesma forma com o esporte (Almeida; Gutierrez, 2009, p. 97).

Sabe-se que o esporte, através dos megaeventos esportivos, abrange fortemente o setor econômico. Grandes empresas investem no campo esportivo e se apropriam, também, dos meios de comunicação, para alcançar o máximo de pessoas, no sentido de divulgar seus produtos, desse modo, a TV passa a ser um aliado poderoso na divulgação do esporte. E sobre esse aspecto, Almeida e Gutierrez (2009) apontam:

Por fim, em relação ao mercado, tem-se que o esporte no século XXI baseia-se, principalmente, num conceito de produto e gerador de novos produtos. Dessa forma, o acesso a práticas esportivas encontra-se cada vez mais pautado em seu consumo, seja através da mensalidade de um clube/academia, do aluguel de uma quadra de Futebol Society, da compra de materiais específicos para corrida (que, por intermédio de um discurso comercial, acabam sendo tidos como cada vez mais imprescindíveis), canais de televisão a cabo, entre outros (Almeida; Gutierrez, 2009, p. 96).

Observamos claramente uma das formas como a sociedade se apropria do esporte, especificamente, o esporte como espetáculo. O esporte espetáculo, por intermédio da mídia, estimula o consumo e, conseqüentemente, aumenta o número de investidores e faz movi-

mentar milhões.

De acordo com Hatje (2003), quanto mais a população está envolvida e apaixonada pelo esporte, maior a probabilidade de investir nele.

No sentido de difundir, discutir e promover valores através do esporte, Paes (2002) destaca que:

Para estruturar metodologicamente a pedagogia visando ao ensino dos jogos coletivos é preciso ter o conhecimento (...) promovendo intervenções com graus crescentes de dificuldade. Entretanto, para efetivamente estruturar uma pedagogia do esporte, com o objetivo de contribuir com o processo educacional (...), é preciso avançar em outra direção. Nesse contexto, o referencial socioeducativo constitui-se um ponto sustentador (...) Esse referencial será contemplado na medida em que, além do enfoque técnico-tático, importante na pedagogia do esporte, também se levará em conta princípios indispensáveis para o desenvolvimento da personalidade da criança e do jovem. Destacam-se: cooperação, participação, convivência, emancipação e co-educação (Paes, 2002, p. 94).

É preciso considerar que o esporte de excelência não é para todos. Muitos almejam, mas poucos conseguem se manter no esporte de alto rendimento. Daí, alguns autores questionam o esporte com fins exclusivos nos resultados, nas competições. De Rose Junior (2002) diz que o sentido do esporte competitivo é perder ou ganhar. Desse modo, o esporte no contexto educacional, ao invés de promover a formação dos alunos, acaba por excluir os meninos habilidosos e valorizar os mais habilidosos, favorecendo a exclusão de uma grande parcela de crianças e adolescentes em idade escolar.

A pedagogia do esporte envolve vários elementos e deve se constituir no intuito da formação da pessoa. Vejamos o que diz Bento (1999), sobre pedagogia do esporte:

(...) a pedagogia do Desporto ostenta uma dupla proveniência: enquanto pedagogia especial e aplicada e enquanto área de conhecimento das Ciências do Desporto. É expressão tanto do interesse, da especialização e aplicação da Pedagogia no Desporto como do espaço e aceitação que as questões pedagógicas usufruem no contexto das Ciências do Desporto (...). A questão do entendimento do desporto, ultrapassando o problema da modelação didáctica da introdução numa técnica cultural, a questão de desnudar o significado e o valor do desporto para aqueles que o praticam, a questão de saber como organizar tal prática para que se realizem os valores humanos pretendidos – eis hoje a questão central para cuja resposta se deve orientar e mobilizar

a totalidade das Ciências do Desporto. Os seus especialistas não podem quedar-se numa atitude de exterioridade; devem submeter-se a uma ética de co-responsabilização pela organização e condução humanista das práticas desportivas, fazendo jus à preocupação de um equilíbrio entre responsabilidade humana e pretensão científica (Bento, 1999, p. 31-32).

A pedagogia do esporte no ensino da Educação Física Escolar, no sentido apresentado por Bento (1999), deve considerar a formação e o valor humano. Nesse sentido, o papel do professor de Educação Física é imprescindível no trato com o conteúdo esporte. Não se pode admitir limitar o esporte escolar tão somente ao perder e ganhar. Ainda é preciso entender que, na escola, o ensino é direcionado a alunos e não a profissionais do esporte, conforme asseveram Martins *et al.* (s/d).

Considerando-se o papel do professor de educação física frente ao esporte escolar, Ferreira, Galatti e Paes (2005, p. 128) afirmam que:

[...] o professor deve estar atento em promover intervenções positivas; ter a participação, a cooperação, a co-educação, a emancipação e a totalidade como princípios; buscando, assim, valer-se da pedagogia do esporte já discutida e não da simples administração da prática esportivizada (Ferreira; Galatti; Paes, 2005, p. 128).

Em conformidade com as considerações indicadas pelos referenciais apresentados nos parágrafos anteriores, iremos ordenar a concepção de atleta de excelência, neste ponto, compreendida por meio das características, em dois prismas: um de ordem interna e o outro de ordem externa. As características de ordem interna são aquelas inerentes, especificamente, à individualidade do atleta, e as de ordem externa são as características apreendidas pelo meio em que o atleta está inserido, essas sofrem influências do contexto.

Na direção de obtermos mais clareza sobre o entendimento do esporte de excelência é que colocamos em discussão a concepção que atletas e professores têm sobre o atleta de excelência. Na sequência, apresentamos como os atletas caracterizam um atleta de excelência.

Fé... coragem... determinação... perseverança... e humildade (A6); Superação, fé em DEUS., felicidade, determinação, garra e família, dedicação, coragem (A9); Abdicação, respeito, confiança, humildade e força de vontade (A4); Determinado, apaixonado, vontade, foco, feliz, sonhar (A3); Sonho, desejo, planejamento, equipe, família, realização, força, disciplina, garra, vontade

(A8); Disciplina, determinação, fé em Deus, foco, garra (A7); Objetivo, determinação, disposição, esforço, persistência (A2); Talentoso, comprometido, oportunista, dedicação, honestidade, disciplina, amor e fé. (A5); Disciplina, dedicação, respeito, ética, objetivos de vida, educação, persistente (A1).

4.1.3 Fatores Primários e Secundários

Percebe-se, no processo de carreira de um atleta, a manifestação de fatores que podem ser determinantes para o alcance da excelência. Conforme a literatura, esses fatores podem ser compreendidos, conforme já mencionamos, de ordem primária ou secundária (Baker; Horton, 2004; Celestino, 2015; Côté *et al.*, 2008; Morgan; Giacobbi, 2006; Phillips; Davids; Renshaw; Portus, 2010; Stambulova, 2009). Os fatores primários e secundários, no contexto esportivo, não são expressos isoladamente, esses “pressupõem a necessidade de uma conjugação entre eles” (Celestino, 2015, p. 15).

Considerando a literatura do estudo, no que se refere aos fatores primários e secundários (Baker; Horton, 2004), apresentaremos os fatores primários e secundários trazidos das falas dos atletas e professores.

4.1.3.1 Fatores primários

Em referência aos fatores primários, esses exercem influência direta na obtenção da performance, através de vários aspectos relativos exclusivamente ao atleta, podendo ser categorizados nos fatores genéticos, de treinamento e psicológicos (Baker; Horton, 2004).

A atleta A6, repetidamente, aborda a força de vontade como fator determinante em sua trajetória no esporte, intrínseca ao desejo de conquistar um espaço de reconhecimento e enfrentar os desafios encontrados no meio do caminho. A atleta reforça a importância de se ter força de vontade também em outros aspectos da vida e aponta as habilidades individuais como mais um fator determinante desse processo.

Eu vou dizer assim. pelo tópico que é a força de vontade... a força de vontade é o ideal pra poder se conquistar... eu posso falar que... não só no esporte... mas sim... na vida, se a gente não tiver força de vontade... a gente fica pra trás e... como eu tinha dito... você tem que querer muito... ter suas habilidades (A6).

De igual modo, o atleta A4 diz que a força de vontade é um dos fatores que conduz à conquista dos objetivos, e essa característica, de acordo com o pensamento do atleta, não se constrói, vem de dentro de cada um.

Se você tem força de vontade, você vai conseguir, se você não tem, você não vai conseguir. Porque a força de vontade não se faz, ela nasce dentro de você. Se você tem força de vontade, você consegue alcançar seus objetivos (A4).

Para a A1, a boa vontade, a dedicação e os objetivos traçados podem determinar o sucesso de um atleta.

É a boa vontade... Se os dois tiverem boa vontade, tiver dedicação, tiver objetivos (A1).

Em uma entrevista concedida a Gomes (2007), o maratonista Vanderlei Cordeiro de Lima fala das dificuldades, de não ter se arrependido e que o esporte é sua vida, e que por meio da prática do atletismo conseguiu realizar-se na vida tanto pessoal, quanto profissional. O atleta continua:

Para praticar um esporte como esse é preciso muita dedicação, determinação e , principalmente, concentração. Quando treino, procuro me esquecer de tudo. Minha atenção fica totalmente centrada nos meus movimentos e nos meus objetivos (Gomes, 2007, p. 20).

O atleta A9 condiciona o amor que tem pela modalidade esportiva (ginástica) às suas conquistas. As declarações do atleta são enfáticas quando colocam o amor como fator determinante para o enfrentamento da dor e das dificuldades e também a dedicação.

Quando existe amor, a gente enfrenta qualquer objetivo. Então, é...eu amo muito a ginástica. Então, eu vou enfrentar dores, vou enfrentar dificuldades, vou enfrentar ter uma idade maior agora para a ginástica, mas, eu amo o que eu faço, então, sempre em frente. Ah, eu acho que foi o meu primeiro título mundial, que valeu muito a pena, porque eu tinha operado do meu pé direito na época, eu fiquei seis meses sem treinar, e fui campeão mundial treinando três semanas, isso eu acho que valeu tudo a pena, e ali eu vi que nada é impossível, se a gente trabalhar, tiver dedicação (A9).

Por sua vez, o atleta A3 destaca o sonho, o desejo e a vontade como determinantes para conseguir atingir seu objetivo, ser campeão olímpico.

A... é... é o sonho de ser campeão olímpico... isso que me move... isso que eu acordo e tem uma frase no meu quarto que... que eu coloquei, que eu coleei que É BOM SER CAMPEÃO OLÍMPICO, isso que me move isso que... de ter essa conquista de... ser sonhador... isso que me move... isso é o que amo... eu amo sonhar... (A3).

No que concerne à compreensão do atleta A8, o aspecto determinante para ser um atleta de excelência é a disciplina. De igual modo, Rodrigo Pessoa, em conversa com Gustavo Gomes (2007), refere-se à disciplina e à determinação como aspectos elementares na carreira de um atleta. O cavaleiro campeão olímpico brasileiro faz a seguinte afirmação:

Com certeza são a disciplina e determinação. Desde criança sou capaz de traçar metas e cumprir objetivos. Sempre fui meticoloso, detalhista. E quando quero uma coisa, não tem dúvida, vou buscar (Rodrigo Pessoa *apud* Gomes, 2007, p. 99).

Corroborando a fala de Rodrigo Pessoa, o atleta A9 aponta a disciplina como fundamental, enfatizando que a desenvolveu na prática esportiva.

Lá, eu aprendi realmente a ter disciplina para me tornar um atleta de alto rendimento (A9).

No entanto, garra, vontade e motivação foram determinantes para o triunfo do atleta A7. Esses fatores dão vida à prática esportiva do atleta:

Porque essa garra eu tinha quando criança, essa vontade que eu tinha de trabalhar, tenho isso como motivação a mais para mim, eu levo isso como um combustível a mais pra continuar lutando (A7).

Por fim, a atleta A5 compreende que o que determina a construção de carreira de um atleta medalhista olímpico é a dedicação, honestidade, disciplina e, principalmente, o amor:

Disciplina também, eu colocaria como uma característica mais minha. Então, honestidade, dedicação, disciplina, é... amor a modalidade, a prática, amar o que faz, eu digo que eu sou uma eterna amadora, no sentido puro da palavra, de amar o que faz, eu sou profissional, uma amadora profissional (A5).

O sucesso está também relacionado ao fato de se tomarem as decisões certas na altura devida, monitorização do seu próprio desenvolvimento desportivo, estabelecer objetivos claros e realistas e, igualmente, ter percepção do que se fazer e qual o esforço necessário para que se alcancem esses objetivos (Zimmerman, 2002, p. 206).

As competências cognitivas na persecução de uma carreira desportiva de sucesso aparentam desempenhar um papel decisivo (Jonker; Elferink-Gemser; De Roos; Visscher, 2012), sendo que não

é apenas na área desportiva que esses fatores de sucesso aparentam ser importantes (Jonker; Elferink-Gemser; Visscher, 2009). Williams (1986) defende que, para ser possível que os atletas consigam treinar tantas horas seguidas, é fundamental que, ao nível mental, consigam fazer uma adequação com as exigências inerentes à alta competição.

4.1.3.2 Fatores secundários

Os fatores secundários podem ser considerados como moderadores importantes e mediadores das relações entre influências primárias e desempenho esportivo, estes incluem fatores socioculturais e contextuais (Baker; Horton, 2004). Para os autores, a influência dessas variáveis vem através do seu efeito indireto sobre fatores primários.

Alguns estudos revelam que o processo de formação de um atleta conta com a participação efetiva da família (Bloom, 1985). A presença da família na fase inicial de carreira de um futuro atleta exerce influência, já que a criança, na maioria dos casos, depende do apoio da família para realizar suas atividades fora de casa. De acordo com Paes e Balbino (2012):

Família e professores são elementos cruciais para o caminho do desenvolvimento dos talentos. O papel da casa, alterado no decorrer do tempo, como as qualidades e qualificação dos professores, parecem ser fundamentais (Paes; Balbino, 2012, p. 47).

É desse modo que o atleta A8 descreve como forte influência a família, os amigos e, em especial, o avô.

Mas é a família, são os amigos e as pessoas que ajudaram que, realmente, dá o sabor do negócio, e vai transformando a sua cabeça para você achar que o sonho é possível, para você achar que as coisas podem acontecer. Então, como eu tive o exemplo do meu avô no começo, que me influenciou bastante, a ir em busca dos meus sonhos, como pessoas me ajudaram, nesse fato de querer vir para São Paulo. É... eu tinha um técnico do projeto do futuro, que me ajudou bastante nessa parte mental (A8).

Para o atleta A1, destacam-se como relevantes a importância de uma boa equipe técnica, boa vontade no processo de formação do atleta, como também, de uma boa estrutura material.

Bom, primeiro você precisa ter bons técnicos. Técnicos capacitados para conseguir passar a parte do treinamento. A outra parte, é você ter uma estrutura adequa-

da, porque se você não tiver uma estrutura, você não consegue fazer o desenvolvimento, da sua ginástica. E terceiro, é a boa vontade. Acho que, tanto a vontade do técnico, como a vontade do atleta. Se os dois tiverem boa vontade, tiver dedicação, tiver objetivos... É o conjunto completo. Na minha trajetória, a gente foi conquistando. No início, como falei, não tinha nenhum desses aparelhos. Então a gente participava de competições, mais básicas, e acaba conseguindo ter um bom resultado. Aí a gente tinha algum argumento para...para ter uma estrutura melhor. E aí, tinha uma, aí conseguiu um aparelho. Aí a gente ia para uma outra competição, com um nível um pouco maior, e conseguia ganhar, e a gente tinha um outro argumento para ter mais aparelhos. E isso foi passando, isso foi acontecendo até ter essa estrutura total (A1).

O atleta A9 elenca que, em sua trajetória como ginasta, foi fundamental a inspiração que teve em sua irmã, mais velha, que já praticava o esporte.

Mas, eu me espelhei mais na realidade em cima da minha irmã, porque ela fazia ginástica e ela, morava em conjunto comigo. Então é, a minha influência foi mais a Dani. Era um esporte muito, que não era tão conhecido, o que é atualmente mais pessoas veem, mas ainda tem muitos mistérios na ginástica né, que é um esporte de uma plasticidade muito grande, mais, por ser muito técnico, acaba não trazendo ainda tantas crianças, que poderia trazer (A9).

Há um consenso entre alguns atletas sobre a importância atribuída à família na sua trajetória esportiva. O atleta A3 também aponta a família e amigos como fundamentais no início de carreira. O atleta destaca o papel da mãe como incentivadora na fase inicial. Paes e Balbino (2012, p. 48) ressaltam que “para a criança desenvolver seu talento em potencial, o suporte familiar tanto em termos psicológicos como materiais é essencial”.

[...] a família é sempre fundamental, a família é amigo e que é a nossa base... que são que vão sempre apoiar a gente em tudo... então... foram fundamentais... minha mãe também... eu lembro que eu voltei e disse: mãe, eu não quero mais... não quero mais, e ela me respondeu, não... você vai, você vai você vai continuar ((risos)) e aí... continuei (A3).

O principal motivo que mantém vivo o interesse e desejo do atleta A4 em continuar lutando o Taekwondo é em função da mãe. O atleta saúda a mãe repetidamente e a trata como algo maior.

Eu acho que a base de tudo isso é o respeito, disciplina. Mas, os principais, é você ter o porquê lutar, é você ter um algo maior. Se você tem um algo maior, o meu algo maior é minha mãe, eu luto pela minha mãe, sabe, é o meu prazer, o meu algo maior seria ela. Tem gente que tem filho que é algo maior, que nem aqui na equipe amigos que luta pelo filho, bom ... cada um tem que ter só algo maior. E dentro do algo maior só tem uma coisa que ninguém na face da terra vai conseguir fazer, é você ter imenso treinador, é única coisa que impede o treinador é essa força de vontade. (A4).

A mãe foi determinante na carreira esportiva da atleta A5. Mesmo sem ter ao lado a figura do pai, ela vestiu a camisa do desejo da filha pela prática do esporte, quer fosse conduzindo-a para os treinos, quer fosse por meio de recursos financeiros, orientando, ajudando a tomar decisões ou até mesmo rezando.

É... não... muitas pessoas... não dá para descrever quantos mãos foram envolvidas, assim, né! Desde o apoio da família, de minha mãe, especialmente separada do meu pai, assumiu os filhos e levava e fazia e acontecia, me apoiou sempre, sempre, sempre...ah, ela foi incondicional, ela é a peça principal em minha vida, ela sempre em primeiro lugar. Daí, pois acho que nem o próprio França, foi o cara que me treinou a vida toda, quem acreditou, quem me ensinou a ser disciplinada me ensinou a ser assim, foi mais fácil me convencer que isso precisava acontecer, que eu já era disciplinada, já tinha, já fui educada dessa forma, mas o atleta, ele precisa sempre um pouco mais, e acho que todos os treinadores, todos de alguma forma tem uma parcela de culpa aí no processo e todas as pessoas que ajudaram de alguma maneira, né! Minha família inteira, era torcendo, e mandando dinheiro para comprar a passagem, era ajudando de lá, simplesmente acreditando e rezando para que as coisas acontecessem da melhor forma possível. Então não consigo contar assim, apenas pessoas, mas são muitos (A5).

Ainda a observar a presença dos pais nessa fase de iniciação de carreira no esporte, Fiorese Vieira, Vieira e Krebs, citados por Paes e Balbino (2012), dizem que as crianças, por não terem autonomia no deslocamento para os espaços de treinos, passam a depender dos pais. Esse aspecto pode implicar na continuidade ou desistência da prática desportiva.

A atleta A6 expõe a importância do patrocínio para financiar o preparo do atleta.

É essencial, né? É essencial... porque... o patrocínio... queira ou não... como eu tinha dito... esse aqui é o nosso trabalho... a gente vive disso... então... a gente tem que ter sim um patrocínio pra gente poder viver tranquilo e focar que é no nosso trabalho...que é no nosso treinamento... isso aí... quando se tem um patrocínio, realmente é bem-vindo a... o estresse é menos... a insegurança é menos... porque a gente tem um retorno pra poder a gente dar continuidade... e ter algo que pague as nossas contas. E durante esse termo aí, que eu não tinha retorno financeiro em relação a patrocínios, eu... tinha que trabalhar... trabalhei em várias empresas... trabalhei. Como agente de saúde... trabalhei na Coelba... que é uma empresa de eletricidade aqui em Salvador... de... ajudar... cadastrante de eletricista... ajudante (A6).

O atleta A8 entende que a estrutura necessária para haver um bom treino e uma equipe de profissionais que possa proporcionar uma boa qualidade física e psicológica ao atleta são determinantes na construção de carreira:

Um bom investimento, apoio tanto financeiro quanto nutrição, médico, psicológico, um bom acompanhamento e o investimento na estrutura da academia, bons materiais, boas roupas de treino. Isso eu tenho certeza que se houvesse mais, teria muitas outras medalhas (A8).

Brincadeiras na escola e na rua proporcionaram o despertar da atleta A2 para as práticas esportivas. Mas a escola teve um papel determinante para que ela descobrisse sua paixão pelo judô.

A minha infância sempre foi brincando na escola, próximo de casa, eu morava em um bairro que era bem tranquilo as brincadeiras, e com nove anos conheci o judô na escola, numa apresentação de judô e eu me apaixonei pelo esporte e acabei tendo a minha infância dentro do tatame, sai das ruas, saí das brincadeiras para brincar no Tatame e em seguida conheci o clube onde tem mais crianças praticando esporte eu fui treinada nesse clube e acabei me desenvolvendo mais (A2).

A influência da família no processo de formação de um atleta de excelência vem sendo estudada por pesquisadores (Bloom, 1985; Ericsson *et al.*, 1993). E foi com base nesses estudos que Côté (1999) desenvolveu um Modelo de Desenvolvimento da Participação Desportiva (MDPD). Nesse modelo, há um destaque para a participação dos pais no início das vivências esportivas dos filhos. Esse fato é percebido na medida em que os pais incentivam os filhos a praticar o

esporte de forma lúdica, extracurricular. A essa fase o autor denomina de prática deliberada (Côté, 1999).

Essa prática deliberada, genericamente, também é vivenciada no contexto escolar, especificamente nas aulas de Educação Física, em que o professor desenvolve suas atividades lúdicas pré-desportivas. Essa metodologia de ensino vai ao encontro da forma como o atleta conta sobre sua infância, sempre brincando na escola. Isso leva à relação e à importância atribuída ao professor de Educação Física (escola) e ao treinador das modalidades esportivas (clube) no processo de transição de carreira de atletas talentosos.

Nos anos iniciais do ensino fundamental, muitos atletas são orientados pelos professores de Educação Física nos espaços escolares, no entanto, num período posterior, é fundamental que os atletas sejam encaminhados para um acompanhamento mais individualizado, por treinadores que já tenham mais experiências e competências com o treinamento esportivo de alto rendimento, o que não cabe à escola. Em algumas situações, atletas de elite foram ou são treinados por treinadores que terão sido, eles próprios, atletas de nível internacional (Ericsson *et al.*, 2007).

Bloom (1985) sugeriu três estágios: anos iniciais, anos intermediários e anos finais. Nos anos iniciais, os atletas praticam uma ou mais modalidades. Os treinadores assumem o papel de motivadores, dando muito *feedback* positivo no sentido de o jovem gostar da modalidade. Os anos intermediários são caracterizados pela prática de apenas uma única atividade, pois os atletas se envolvem cada vez mais nessa modalidade. Nesse sentido, procuram ter acesso a melhores treinadores que, por sua vez, exigem sempre mais dos atletas. Nos anos finais, os atletas estão completamente comprometidos com a sua modalidade e em alcançar, cada vez mais, melhores resultados.

Os atletas afirmam que o apoio da família, dos professores e dos treinadores é determinante para a fase de iniciação e manutenção no esporte. Há de considerar a valorização atribuída às condições financeiras e ao apoio dos patrocinadores, que contribuem para a manutenção das estruturas físicas, equipamentos e toda a logística que envolve as competições. Outro aspecto que merece atenção são os fatores relacionados à formação educacional. Os atletas apontam a importância do esporte escolar na fase de iniciação de carreira. Nesse sentido, os professores podem contribuir para a formação de um atleta de excelência, na medida em que desenvolvem suas competências apreendidas no processo de formação inicial e continuada. Segundo os atletas, pais e treinadores são elementos intervenientes para a condição ideal de se tornarem atletas de sucesso, além de uma combinação favorável de outros fatores como: profissionais capacitados, financeiri-

ro, treinadores, estrutura física, equipamento, família, financeiro, educação, escola, projetos sociais, professores, equipe multiprofissional.

A influência familiar no desenvolvimento de jovens atletas vai assumindo diferentes papéis de acordo com o nível que os seus filhos atingem no desporto. Nos anos iniciais do ensino fundamental, os pais proporcionam oportunidades para que os filhos tenham a maior diversidade possível de experiências, oferecendo-lhes apoio financeiro e de logística de deslocamento. Nos anos intermediários, os pais aumentam o interesse pelo esporte que o filho escolheu para se especializar. Já nos anos finais, o papel assumido pelos pais se assenta no auxílio ao filho no sentido de encontrar o melhor clube ou centro de treino para que este potencialize as suas capacidades.

4.2 A Formação do Atleta de Excelência

De modo geral, a formação do atleta de excelência pode estar intimamente ligada à sua formação como pessoa inserida em um contexto social, haja vista as exposições e acessibilidades de práticas esportivas em diversos espaços sociais, quer sejam na escola, no clube e/ou rua. Isso nos leva a crer que esse processo de formação acompanha o atleta desde a infância até a fase final de carreira e justifica a importância de tomar ciência de como se deu o processo de formação de carreira de um atleta medalhista olímpico, uma vez que poderá ser no decorrer desse processo que possamos encontrar respostas às questões do estudo.

Nesse sentido, percorremos a história de vida do atleta desde seu primeiro contato com o esporte até suas perspectivas relacionadas à fase final de carreira.

4.2.1 Primeiro contato com o esporte

Considerando o primeiro contato com o esporte, os atletas tiveram essa primeira experiência em espaços e modalidades diferentes da que praticam e na qual atingiram a excelência. Os atletas A6 e A8 iniciaram a prática esportiva brincando na rua, o atleta A1 na escola de natação, já o atleta A3 iniciou no clube e a atleta A2, na escola. Abaixo apontamos as falas de cada atleta abordando onde se deu seu primeiro contato com o esporte. Vejamos:

Na mesma hora que eu estava brincando com os moleque... eu já estava ali brigando com eles...já saia na mão... mas... e: aos 17 anos foi quando eu/eu tive o primeiro contato com o boxe e: aos 18... eu passei a levar ele realmente como um lado profissional na minha vida (A6); Olha! O primeiro contato geral foi a natação. Foi a primeira vez que eu tive um contato com algum esporte

na minha vida (A1); Foi porque o judô... o judô... o judô e a ginástica.../ no clube onde eu treinava... era bem próximo... então eu acabava vendo o judô e a ginástica, o judô e a ginástica... e isso me dava uma vontade de praticar o esporte (A3); Eu gostava de esporte desde pequeno e eu comecei no esporte no karatê. Então, como os meus vizinhos, eles eram maiores do que eu, assim, sempre rolava briga, e eu levava a pior. Aí meu avô escolheu me colocar no karatê para eu aprender a me defender e tal, e eu comecei numa arte marcial assim. Aí quando eu estudava em escola pública, gostava de basquete também, handebol, eu jogava futebol, era muito ruim no futebol (A8); Toda minha escola, toda minha vida foi em Teresina (A2).

As falas apresentadas evidenciam que a escola, o clube e as brincadeiras de rua foram os espaços em que os atletas tiveram o primeiro contato prático com as modalidades esportivas. Esse fato revela a importância do trato direcionado ao esporte nas aulas de Educação Física.

4.2.2 Pessoas que influenciaram

Algumas relações sociais são estabelecidas no percurso de carreira de um atleta medalhista olímpico, quer seja de ordem profissional, amizade ou familiar, pessoas estiveram presentes nessa caminhada.

A fase de iniciação de carreira de um atleta medalhista olímpico geralmente ocorre na infância, esse aspecto poderá justificar a presença de pessoas do convívio do atleta como influenciadores no seu pontapé inicial. Nesse sentido, Kátia Rúbio (2013), ao investigar atletas olímpicos brasileiros, faz a seguinte afirmação:

Essa fase, bem como os profissionais que fizeram parte dela, e às vezes a família são considerados como a mola propulsora da carreira que foi desenvolvida depois. Profissionais e redes de apoio são, portanto, a base estruturante para uma carreira esportiva sólida (Rúbio, 2013, p. 93).

Essa compreensão trazida por Rúbio (2013) reforça a exposição da atleta A6, quando coloca pessoas do seu entorno como incentivadores durante o seu percurso no esporte.

Minha família... minhas irmãs, né? É... meus próprios colegas de treino... meu treinador Luís Dória ... meu outro treinador também, Rangel Almeida... foram pessoas que estiveram sempre do meu lado... meu Psicólogo... uma pessoa maravilhosa que sempre teve ao meu lado... me incentivando e me animando... e DEUS... DEUS

dentro de mim sempre falava... filha sou contigo... sou contigo... vai que ainda tem muita coisa ainda pela frente... você vai voltar ainda (A6).

A tradição familiar foi um fator decisivo para a entrada nos esportes. Pais adeptos às práticas esportivas, irmãos ou até mesmo a cidade que incentivava o esporte, contribuíram para os atletas conhecerem modalidades esportivas em geral e poderem optar pela que lhes despertava maior interesse.

Eu comecei no SESI de Santo André em São Paulo por influência da Dani, minha irmã que já fazia ginástica 4 anos antes de mim, ela começou com 5 anos de idade (A9).

Apesar de a mãe incentivar a prática esportiva como forma de saúde, o atleta A1 atribui a ele próprio o interesse por praticar a ginástica.

Não. Influência para a ginástica não. Acho que foi escolha própria mesmo. É, minha mãe dava opção... ô, você pode fazer o que você quiser, se quiser fazer futebol, tudo bem; se quiser fazer ginástica, tudo bem. Aí eu optei, optei pela ginástica (A1).

O atleta A4, no percurso de sua fala, aponta a mãe como motivo maior de sua permanência no esporte olímpico. Por vezes, pensou em desistir em função da doença da mãe, mas se manteve firme, justamente pelo apoio que a mãe deu em todo o processo. O atleta revela essa condição quando tem a mãe como seu algo maior. Assim, o orgulho e o prazer de estar no meio esportivo em função de um algo maior, nesse caso, a mãe, alimentam a força e a coragem do atleta A4 em continuar no campo esportivo de alto nível.

Os ídolos também são considerados importantes no tocante à prática da atividade esportiva. Ter algum contato com um atleta considerado ídolo alimenta a chama e o desejo de um dia alcançar o mesmo patamar. Isso foi um dos motivos que motivou o atleta A3 a entrar no esporte de alto nível.

Foi na época da Daiane dos Santos que eu comecei a querer fazer a querer começar a fazer ginástica...aí eu fiz nesse clube da cidade, em 2004, depois das olimpíadas (A3).

A esse propósito, Rúbio (2013) relata que:

Ao iniciar a carreira esportiva a criança ou o jovem carrega não apenas o desejo de uma prática que envol-

ve prazer e esforço, mas também o referencial de outros que, antes dele, criaram uma imagem gloriosa de si mesmos por meio do êxito em competições (Rúbio, 2013, p. 117).

O atleta A8 atribui ao avô sua principal influência na prática do esporte de combate.

Acho que a primeira influência foi do meu avô, por ter me colocado em uma arte marcial. Judô também é uma arte marcial (A8).

Além da influência da família na trajetória de vida dos atletas, o esporte escolar também tem relevante influência. O esporte na escola tem por objetivo trabalhar a formação integral do aluno, devendo respeitar a fase de desenvolvimento natural e os limites de seus praticantes. A maior contribuição que o esporte escolar pode proporcionar a um possível atleta de excelência é o de ampliar seu repertório motor por meio do movimento corporal. Da forma como a atleta A2 expõe suas primeiras experiências esportivas, compreendemos que a ludicidade é um forte aliado para atrair novos praticantes.

Meu primeiro treinador foi o professor da escola. O Professor parou de ministrar aula na escola e ele passou todos... alguns alunos dele para outro professor. Este outro professor, assim que viu que eu tinha talento, que eu chegava às lutas e ganhava rapidamente, ele começou a investir no meu treinamento e aí começou a trabalhar mais comigo, colocava na minha cabeça onde eu poderia chegar, nós trabalhamos juntos e alcançamos (A2).

Ao considerar a permissão da mãe para a prática esportiva, a atleta A5 aponta o treinador como uma das pessoas que influenciaram no início e durante o percurso de carreira no esporte olímpico:

Muitas mãos envolvidas no processo. Eu, se fosse sozinha, formada em Educação Física, entendedora do assunto, eu não teria chegado. Se fosse outro treinador, que me treinou, se não fosse eles, talvez não tivesse chegado, mesmo com talento, com dedicação, mesmo com comprometimento, com tudo, talvez não tivesse chegado. Acho que foi uma receita que deu certo. Poderia ter chegado, poderia ter ido além, até, se fossem outros treinadores que fossem melhores, sei lá, mas eu estou falando assim, que essas pessoas que se envolveram, se comprometeram e viveram o mesmo objetivo que eu, o tempo todo, são, foram fundamentais. Eu conheço muita gente, pessoas que para mim,

não são os melhores treinadores, mas que tem atletas exemplares, super exitosos, muito sucesso. E conheço treinadores que para mim seriam perfeitos, tipo: ‘esse cara é tudo, tudo que ele faz é certo, dá certo’, mas nem por isso tem os melhores atletas. Então foram medidas que quando se juntaram para fazer a massa fizeram um bom bolo (A5).

É notório que a interação dos familiares deve acontecer constantemente, levando sempre em consideração o seu auxílio na formação de conceitos educacionais (relativos ao esporte, em específico, neste momento) e psicológicos positivos. Valorizar ações, procurar pontos positivos de equilíbrio para contrapor os negativos, são algumas atitudes que podem ser tomadas e que irão acrescentar na formação do atleta dentro do contexto esportivo. Além disso, membros de times vencedores percebem que os amigos e familiares auxiliam, amparam e encorajam os atletas, fornecendo uma estrutura de apoio para que os atletas possam manter o foco de sua atenção na competição (Gould; Cols, 1999).

Desde essa perspectiva, os amigos, a comissão técnica, os outros jogadores do time e os familiares fazem parte do suporte informal. Corrêa *et al.* (2000) atentam para a importância do que chamam de suporte social, ou seja, as pessoas com quem os atletas podem contar para auxiliá-los na preparação e no decorrer da competição. Por sua vez, o psicólogo esportivo e os administradores dos clubes compõem o suporte formal aos atletas.

É claro e óbvio que a ajuda familiar e dos amigos são favoráveis para o estímulo do atleta para a prática. Se o indivíduo atleta se sente realizado, se sente motivado, com uma vibração positiva, por conseguinte, seu comportamento modifica e suas tarefas saem bem elaboradas e com sucesso, sua performance entra num estágio de superação e torna um elemento importantíssimo para a prática da atividade, seja qual for ela (Becker, 2000).

4.2.3 Dificuldades encontradas

Via de regra, notamos que as maiores dificuldades dos atletas, relativamente aos aspectos da falta de orientação, bem como à precariedade das condições e equipamentos adequados para a prática da modalidade esportiva, se deram já no início de carreira, por não conhecerem o esporte, e praticá-lo sem apoio e em situação de precariedade estrutural e financeira. Mas elencamos, também, outras batalhas pontuais que podem ser trazidas, como o aspecto físico e institucional da prática desportiva.

A atleta A5 fala que sua maior dificuldade com relação à prática do esporte se deu quanto à visibilidade do esporte, pois este era

novo no início da carreira da atleta, o que desencadeou problemas quanto à obtenção de patrocínio, etc.

Então ter começado a fazer um esporte na sua fundação, foi uma dificuldade muito grande, e isso, a gente pode defender outras frentes de dificuldades, né. Não só a questão de dificuldades financeiras, que é um esporte caro. Dificuldade de patrocínio. Qual a empresa que vai patrocinar um atleta de um esporte que ninguém conhece? Não tem visibilidade, não tem divulgação, não tem nada, né. Não tem certeza que vai dar certo, não vai (A5).

As maiores dificuldades enfrentadas pela atleta A2 eram materiais e se deram no início de sua carreira, ainda quando criança.

O que tive dificuldade no início foi achar patrocínio para pagar com todas as competições no ano, foi bem difícil. E no início, quando eu era criança com relação ao tatame, local de treino (A2).

Para o atleta A7, as maiores dificuldades foram em decorrência da falta de apoio e investimento no começo de seu percurso.

Foi isso o início, que eu tive sem apoio, sem investimento, sem materiais de treino (A7).

O atleta A8, por sua vez, tem a solidão como seu maior obstáculo no esporte, pois dela decorrem dificuldades que devem ser enfrentadas e superadas pelo atleta sozinho.

Eu acho que é um caminho bem solitário, assim, o alto rendimento... mais do que enfrentar o adversário, mas do que enfrentar inúmeras dificuldades, você tem que enfrentar os seus medos, têm que enfrentar os seus receios, e então, quando você está sozinho lá no quarto, pensando em desistir eu acho que você passa por vários momentos assim (A8).

Para o atleta A9, as maiores dificuldades são em decorrência das complicações físicas, do convívio com a dor.

A dor. Com certeza, porque as dores são diárias. Eu tive muitas lesões graves e isso eu acho que foi o que eu tive mais dificuldades. Eu sempre consegui lutar, porque a dor, sempre está ali, se você consegue, eu trato todos os dias, mas, ela sempre está ali. Na realidade, a questão de superar a dor é muito difícil. Isso é o ponto mais crítico (A2).

Diante do exposto, as maiores dificuldades apresentadas pelos atletas estão relacionadas ao preconceito enfrentado, particularmente pelas atletas das artes marciais; ao financeiro e patrocinadores, que impossibilita a logística de estar participando das competições preparatórias para as olimpíadas, bem como para manter a estrutura física, equipamentos e os custos pessoais dos atletas; a conviver com a dor é um grande desafio enfrentado pelos atletas, comumente aos que praticam ginástica; e a se adaptar a uma realidade diferente, com exigências de treinos exaustivos sem a presença da família.

O caminho para se tornar um atleta profissional pode ser definido em uma simples palavra: obstáculo. Definição que não vem sendo refletida e associada pelos jovens adolescentes. Como salienta Alcântara (2006), a globalização do esporte na mídia, que expõe a brutal fama dos atletas bem-sucedidos, não correlaciona a realidade às enormes dificuldades que essa profissão representa.

Moraes, Rabelo e Salmela (2004) enfatizam a necessidade de acompanhamento dos pais para o desenvolvimento desses jovens como um fator fundamental no sucesso na carreira esportiva. Afirmam que o apoio apropriado dos responsáveis aumenta consideravelmente a participação e chances de grandes experiências e permanência no esporte. Em muitos dos casos brasileiros, os atletas são vistos como a solução para ascensão social de uma família inteira. Essa responsabilidade fica evidente também no envolvimento em excesso dos pais, que prejudica o desenvolvimento e influi negativamente no desempenho do atleta. Os autores ainda salientam que o superenvolvimento ocorre quando os pais excedem em sua participação na vida esportiva dos filhos, não sabendo separar seus próprios desejos, fantasias e necessidades daqueles dos seus filhos.

Para suportar todas essas adversidades existentes no campo organizacional do esporte, os atletas devem ter altos níveis de trabalhos motivacionais para conseguirem permanecer na ativa. Portanto, fica patente a necessária atuação conjunta de federações, clubes e até mesmo unidades escolares para que conciliem esse conflito. Do mesmo modo que a escola precisa do esporte, o esporte também precisa da escola balanceando, assim, o progresso físico e mental do ser humano, transformando jovens adolescentes em grandes cidadãos brasileiros (Alcântara, 2006).

4.2.4 Superação das dificuldades

As maiores dificuldades apresentadas pelos atletas, como apontado anteriormente, estão relacionadas ao aspecto financeiro, que implica diretamente na condição estrutural de treinos, equipamentos, recursos para viagens, hospedagem e alimentação; no preconceito relacionado à prática de esporte de combate pelo sexo feminino; na dor

frequente em função da busca de superar limites nos programas de treino e na solidão, o estar distante da família, em alguns casos, pode ser motivo de desistir do desejo de ser um vencedor.

Mas, apesar das barreiras encontradas, esses atletas conseguiram realizar o sonho de ser um vencedor, de conquistar o pódio olímpico. Em meio a tamanhas dificuldades, conseguiram avançar, superar. É sobre essa forma de lidar com os desafios e superar as dificuldades que iremos tratar a seguir, em outros termos, como os atletas conseguiram vencer os obstáculos encontrados no caminho para o pódio.

O atleta A9 aponta a superação como uma constante em sua vida, e elenca fatores fundamentais para que ele a exerça: fé em Deus, felicidade, determinação, garra e família.

Eu acho que uma já me caracteriza, superação, sempre eu vou me superar. Na minha vida, em tudo, nunca, eu acho... Que sempre o que vai dizer até aonde a gente vai, são os nossos esforços e a nossa fé em DEUS. Se a gente trabalhar a probabilidade decerto, ela é grande. Superação, felicidade, determinação, é... garra e família (A9).

Observemos a maior dificuldade manifestada pelo atleta A8, o distanciamento da família, ou seja, o sentimento de solidão, e que os amigos e familiares foram determinantes para o enfrentamento das dificuldades.

Então, acho que quando você está nos momentos de maiores dificuldades, as pessoas, os amigos que estão do lado, ali, influenciam bastante para que você consiga superar as dificuldades. São nesses momentos, acho que os amigos e a família são, são bastante importantes, que ajudam a superar as coisas (A8).

Com relação à superação de suas dificuldades, o atleta A7 contou com a colaboração de seu professor, o treinador Dória.

Tive várias, várias pessoas que teve sempre ao meu lado me apoiando: os treinadores, professores, principalmente, Dória aqui. Então são muitas pessoas que estiveram envolvidas (A7).

As dificuldades enfrentadas pela atleta A2 foram compartilhadas e solucionadas em conjunto com seu professor/treinador:

Acredito que tive dificuldades, mas junto com o professor/treinador, e a gente conseguiu vencer através de procura de pessoas para ajudar em termos financeiros você ter que pagar uma viagem, hospedagem, alimentação e deu certo (A2).

Por sua vez, a atleta A5 diz que um dos aspectos que contribuiu para superar as dificuldades, no âmbito financeiro, foi a criação, em 2005, do Programa Bolsa Atleta, do Ministério dos Esportes, que destina uma verba para atletas destaques do Brasil e uma parte dos recursos oriundos da loteria federal, que é investida no esporte brasileiro. Esse incentivo contribuiu para ajudar na manutenção de alguns atletas brasileiros.

É, existem essas bolsas que dão ajuda de custo, bolsa atleta, loteria federal. Depois das olimpíadas eu consegui ficar muito bem no ranking né, e aí em 2013, 2014, aí começaram a sair aquelas bolsas, a bolsa pódio né, que era um valor bem considerável, bem legal, que me ajudou muito. Mas aí tinha a bolsa do governo do estado, aí tinha alguns apoios por aqui, por exemplo, a fisioterapia, eu pagava antigamente e o cara disse – a partir de agora não paga mais – é... a parte física aqui na academia eu pagava, – não agora você não paga mais – E aí as coisas são facilitadoras e quando se somam fazem a diferença. Então é mais ou menos por aí (A5).

O esporte apresenta características importantes para o desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais dos indivíduos (melhora da autoestima, independência para desenvolver tarefas cotidianas, possibilidade de estabelecer novas relações, conhecer pessoas, desenvolver potencialidades e estimular novas habilidades).

Para Silva, Rabelo e Rubio (2011), transpor obstáculos é um desafio físico e psicológico constante para o atleta na busca incessante pela vitória. No esporte de alto rendimento, este lugar de sucesso não é condicionado apenas pelo nível de habilidade técnica apresentado pelo indivíduo, mas é resultado de uma somatória de fatores físicos e mentais, que, aliados a essas habilidades e à tecnologia, contribuem para que os objetivos sejam alcançados.

Na busca desse objetivo estão implicados valores próprios da sociedade atual, como o trabalho alienante, em que o corpo é usado e manipulado pelo próprio atleta e pela comissão técnica para alcançar o rendimento máximo, em um curto espaço de tempo, atendendo aos interesses que gravitam no entorno do espetáculo, como a venda de produtos ou a imagem do patrocinador.

Na concretização desse intuito está implicada a realização integral do potencial físico e emocional do protagonista do espetáculo esportivo, tendo aqui o psicólogo um papel determinante, visto que o rendimento máximo pode estar associado às habilidades e características inerentes ao atleta, ou, em outra direção, na busca desse maximizador em componentes externos, como o apoio social ou o uso de substâncias proibidas (Rubio, 2006).

Segundo Rubio (2006), no esporte moderno, a melhor performance passou a ser associada à conquista da primeira colocação, ou ao recorde, distinguindo seu executor dos demais participantes da competição. A busca pelos melhores resultados deixou de ser a superação do próprio limite para se tornar a superação do resultado do adversário. Nessa condição, a vitória, e não a participação, é o valor supremo da competição esportiva, isso porque a vitória está associada ao reconhecimento social, ao dinheiro e ao desejo da permanência, levando ao menosprezo de qualquer outro resultado.

Essa procura pela conquista e superação de recordes passa a ser um meio de se sobrepor aos limites do esporte, pois, a quem se supera, a sensação de bem-estar e de dever cumprido se engrandece, e o apoio desde o berço pode ser uma influência marcante para a conquista do objetivo almejado.

De acordo com Vilani e Samulski (2002), as diversas influências que os pais exercem sobre a criança e o jovem no esporte competitivo podem determinar o contexto favorável ou não para a otimização do rendimento futuro do jovem no esporte.

Depois de analisarmos as falas dos sujeitos investigados, consideramos pertinente estendermos a discussão sobre o aspecto da espiritualidade, uma vez que foi fortemente justificado como um elemento determinante para a superação das dificuldades enfrentadas pelos atletas. Apesar de assumirmos essa postura, escalaremos que não temos a intenção de aprofundar a discussão, haja vista não ser o objetivo central da nossa investigação. O espaço destinado ao trato desse elemento deverá ser compreendido como uma simples tentativa de suprir alguns questionamentos.

4.2.5 A espiritualidade

Enfim, é chegado o grande dia. Foram anos de luta, treinos, competições, investimentos de tempo e dinheiro. Momentos tristes, alegres e, muitas vezes, solitários. Quase mil quatrocentos e sessenta dias de muita dedicação e preparação para apresentar com eficiência, competência e perfeição de toda gestualidade apreendida por meio das técnicas de um longo período de preparação. Antes de entrar no palco do grande espetáculo, mais um minuto de concentração. De mãos dadas com o companheiro de equipe ou com as mãos unidas à frente do peito, se faz uma oração, quer seja de agradecimento, por conseguir realizar o primeiro sonho (afinal de contas, estar entre os melhores já é um grande feito), ou fazer mais um pedido, para concretizar o segundo e mais almejado sonho, subir ao pódio, ser condecorado com uma medalha ao som do hino de seu país. Tudo pronto para entrar em cena. Ao ser sinalizado o início da encenação, ainda há tempo para beijar o escapulário e fazer o sinal da cruz.

A descrição supracitada faz parte do cenário esportivo brasileiro. Oração, gesto que simboliza o sinal da cruz, tatuar o corpo com a imagem de Cristo, da cruz e de versículos bíblicos, de algum modo, configura-se como um hábito entre vários atletas de diferentes modalidades esportivas no Brasil.

A crença demonstrada publicamente como forma de agradecimento e proteção divina é expressa de diversas formas, por vários atletas consagrados na elite esportiva do Brasil. Uma pequena demonstração dessa realidade encontramos nas palavras de Neymar Júnior, em conversa com o pai, Neymar. O atleta de futebol de campo, reconhecido mundialmente pela arte de jogar futebol, tem o hábito de, quando está se deslocando para o estádio ou no vestiário, ligar para o pai, e os dois fazerem uma oração, o que ele afirma ser um ritual.

E principalmente oramos juntos. Sempre finalizando com Isaías: ‘Toda arma forjada contra mim, não prosperará, toda língua que ousar contra mim, em juízo Deus a condenará, esta é a herança dos servos do Senhor, e o direito que procede dele diz o Senhor’ (Moré, 2013, p. 157).

Corroborando o pensamento, Bernardinho, ex-atleta e treinador de voleibol, ao escrever uma de suas cartas, “Em nome de Todos”, que versa sobre a importância do trabalho em equipe, mostra dois exemplos em que entra em cena a evocação de um ser supremo; o primeiro refere-se a uma atitude de Taffarel, goleiro de futebol da seleção brasileira, que clama “papai do céu”, com o desejo que o jogador Baggio não consiga acertar o pênalti; e o segundo retrata um trecho do filme *For love of the game*, em que o protagonista pede a “papai do céu” ajuda para que ele suporte durante mais 10 minutos uma dor no braço e consiga realizar um lançamento. O autor afirma que “muitos costumam recorrer a um ente superior nos momentos de tensão” (Bernardinho, 2007, p. 94).

No desenrolar da carreira de um atleta, é inevitável o surgimento de situações inesperadas, tornando o percurso mais longo e desgastante, o que poderá aniquilar o sonho tão desejado. Uns ficam pelo caminho, enquanto outros conseguem, com todas as forças, deixar acesa a chama. Estes dificilmente desistem, mesmo quando há pouca esperança. Saretta (2010), na crônica “Nascer para perder, viver para vencer”, narra três histórias de vida de atletas (Rock – do boxe; Figueroa e Hector Castro – do futebol) que tiveram severos problemas de saúde na infância e se consagraram no meio esportivo. O autor encerra a crônica dizendo:

Muitas vezes nos deparamos com situações que parecem intransponíveis e definitivas. Uma doença, um preconceito, terrível desígnios que podem levar a um futuro incerto e desolador. Ainda assim, quando tudo parece perdido, costuma surgir dentro do homem, aquela centelha que conduz à vitória, produzindo verdadeiros campeões do esporte e da vida (Saretta, 2010, p. 18).

Os textos conduzem à compreensão da existência do surgimento de algo no interior do atleta que gera forças e faz permanecer acesa a chama da esperança. A crença em um Deus, em uma força maior, presente em determinadas fases da carreira de atletas de rendimento, vai ao encontro dos dados verbais resultantes das entrevistas dos sujeitos investigados neste estudo.

De fato, observamos, em vários momentos das falas dos sujeitos investigados, fragmentos direcionados à fé em Deus, bem como à crença em um algo maior, o que nos permite considerar ser possível tal crença contribuir de maneira significativa para a formação, não apenas dos atletas, mas também das práticas profissionais de professores de Educação Física do ensino básico e do ensino superior, com experiências no esporte rendimento.

É importante clarificar que não temos pretensão de defender, tampouco nos aprofundar, em ideologias teístas ou ateístas. Deveremos, sim, trazer para o diálogo teóricos que versam sobre o assunto. Nos termos, o trato com o conhecimento será direcionado aos achados e elencados como importantes para dar respostas ao objeto em questão.

Diante disso, na tentativa de absorver o que move os sujeitos a responsabilizar uma divindade superior pela superação das dificuldades e pelas vitórias alcançadas no meio esportivo, iremos nos debruçar nos dados verbais e desenrolar o novelo com fins de compreender a contribuição da dimensão espiritual na formação de carreira de atletas medalhistas olímpicos, de igual modo, no contexto educacional, compreendendo-o como base piramidal do esporte brasileiro.

Nas trajetórias de vida de atletas de excelência no esporte do Brasil, denotam histórias curiosas, descortinamos, como exemplo, a realidade de atletas que, mesmo sem recursos financeiros para viabilizar as mínimas condições de treino (estrutura, equipamentos, viagens, patrocinadores, etc.), conseguiram, em meio a atletas com grandes estruturas, conquistar o pódio olímpico. O que poderia se caracterizar como improvável, em meio a tamanhas dificuldades, torna-se provável, realizável.

Destacamos dois recortes extraídos dos textos transcritos, que declaram duas situações distintas: ao passar por uma grande dificuldade, com problemas de saúde da mãe, o atleta deposita toda confiança

em Deus na esperança de reverter o problema, que ameaçava sua continuidade na carreira esportiva.

Eu sou muito católico, sabe! Eu pedi muito a Deus, porque só ele poderia me dar forças, que mais ninguém ia conseguir. Ninguém ia conseguir falar na minha cabeça, ninguém, ninguém. Várias pessoas chegaram e me falaram, não. Uma pessoa, mesmo, por mais que uma pessoa seja amiga, por mais que umas pessoas estejam conversando e falando com você, quer a melhora para você, que você precisa, isso não adianta. Eu pedi muito a Deus, pedi para me dar forças, rezei e pedi muito a Deus para abençoar minha mãe, e ela fez o mesmo, acabou que deu tudo certo no final (A4).

A segunda declaração exprime uma verdade vivenciada por vários atletas de excelência no Brasil: garantir o sustento da família por meio do trabalho. Isso conduz, inevitavelmente, a conciliar o tempo dos treinos com o tempo do trabalho, o que dificulta ainda mais o caminho para o esporte de excelência, já que há situações na preparação do esporte rendimento em que atletas treinam três sessões em um único dia.

Mas, o que também nos chama atenção é, ao final da grande batalha (já que as dificuldades vão além do tempo para efetivar os treinos), agradecer a Deus por ter conseguido vencer, apesar dos obstáculos.

[...] eu conciliava entre trabalho e/ou treino sim... aí foi uma época 'punk' na minha vida também... eu chegava em casa 11 da noite... pra seis e meia da manhã... acordar... para sete horas pegar serviço... então... assim... foi uma trajetória árdua mas... valeu a pena... graças a DEUS (A6).

Destarte, o desejo de ancorar e mergulhar nas profundezas dos sentidos e significados supracitados nas entrelinhas dos dados analisados possibilitou a percepção, na justificativa das respostas dos sujeitos, de um pensar que transcende a lógica provável apontada nos aspectos oriundos dos fatores primários e secundários dos estudos relacionados à excelência do esporte no Brasil.

Para além da influência da família (pais, irmãos, cônjuge, avós, tios), professores, treinadores, equipes de treino, amigos, patrocinadores, escola, clubes, programas e projetos sociais, fatores genéticos, fatores psicológicos, desempenho individual, surge, à luz da dimensão espiritual, um Deus ou uma força maior, revelado por meio da crença, da fé.

Eu estou no superior incompleto. Se Deus quiser me formo esse ano. Eu já sou formado em licenciatura, mas agora estou acabando bacharel em educação física (A1).

Constatamos no transcorrer da análise a singularidade no discurso, quando o atleta, ao ser provocado a expor em cinco palavras suas características, especificamente enquanto atletas medalhistas olímpicos, cita notadamente a fé, enquadrada como um dos requisitos para caracterizar um atleta de rendimento. Obviamente que não somente a fé, mas acreditar, confiar e arriscar na certeza de que a crença e a fé, juntamente com os outros ingredientes, fortalecerão ainda mais a conquista dos objetivos almejados. Assim, veremos na fala abaixo:

[...] é... deixe eu ver, alguma coisa que seja, mas eu, assim... se tiver alguma coisa que seja mais eu assim... dedicação, honestidade, disciplina, amor e FÉ. Muitas coisas assim, eu acho que eu consigo...eu atribuo à minha fé, assim... eu tenho aquela crença e eu acredito, eu vou e arrisco e dá certo (A5).

A fé, aqui, é caracterizada pela razão. A dimensão da espiritualidade cristã é externada de maneira racional e convicta, baseada em uma jornada vivenciada no decorrer de décadas, trazidas de forma lúcida pela memória. João Paulo II, ao discorrer sobre a razão e a fé, apresenta uma vertente de entendimento que julga ser: “Pela razão que o homem alcança a verdade, porque, iluminado pela fé, descobre o sentido profundo de tudo, e particularmente da própria existência” (João Paulo II, 2001, p. 32).

Com efeito, a crença se evidencia claramente nas interlocuções de atletas e professores no campo esportivo, quer seja no período de descoberta, em que ocorre um maior envolvimento dos professores em espaços escolares, quer seja no clube ou nos ringues de competição.

Assim, a veracidade faz emergir a necessidade de um olhar mais apurado para uma maior e melhor compreensão da obra. Nos termos, daremos continuidade ao texto, trazendo para o diálogo citações que servem de motivação para esclarecer os questionamentos da referida investigação.

Em função das referências a Deus, crença, fé, algo maior, força maior e cristianismo apoderados pelos indivíduos apontados na pesquisa, recorreremos, brevemente, a posicionamentos de escritores que estudam sobre os tópicos em questão.

Em princípio, percorremos a coleção de livros adotados pelo cristianismo. A ideia parte da intenção de expor versos que possam dar possíveis indícios que justifiquem a entrega e confiança dos problemas e propósitos a uma divindade.

Nesse sentido, verificamos nas escrituras contidas na Bíblia, a manifestação produzida, de certa forma, pela imaginação, do relacionamento do homem com Deus através de Jesus Cristo: “E o Verbo se

fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João, 1,14).

Desse modo, a coleção de livros versa sobre a história de diversos povos com culturas e linguagens diferentes, que foram unidos e alcançados pelo conhecimento da existência de uma vida pós-terrena, “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João, 3,16). Um conjunto de argumentos que objetiva convencer o leitor da verdade de suas ideias.

Destarte, a Bíblia, para quem nela crê, se torna fonte de energia, força e coragem para continuar no enfrentamento das dificuldades, conferindo a esperança para a realização dos desejos, libertação do mal e contemplação de uma nova morada. O livro de Mateus reforça o entendimento no capítulo 7, versículos 7 e 8, que diz: “pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e encontrareis; batei, e abrir-se-vos-á porque, aquele que pede, recebe; e, o que busca, encontra; e, ao que bate, abrir-se-lhe-á (Mateus, 7, 7-8).

Confrontando a fala da atleta A6, observamos uma ligeira relação de seus argumentos com os versículos acima expostos, “já que para quem pede, recebe, para quem busca, encontra e para quem bate as portas se abrirão”.

A fé é expressa com a razão. Quando questionada sobre as estratégias utilizadas para superar as dificuldades enfrentadas no decorrer de sua trajetória ao pódio olímpico, a atleta reage dizendo:

[...] minha amiga... Deus! Ele acima de tudo/ quando... realmente eu passei a usar a razão e finquei a minha fé nele... foi quando... realmente ele começou a abrir as portas, né? E mostrar ao homem que quem tinha poder era Ele (A6).

Outro comentário declarado afirma que nossos limites estão condicionados aos esforços e à fé em Deus.

Que sempre o que vai dizer até aonde a gente vai, são os nossos esforços e a nossa fé em Deus. Se a gente trabalhar a probabilidade decerto, ela é grande. Superação, felicidade, determinação, é... garra e família (A9).

Adentrando as correntes dos cientistas e sábios, há quem vislumbre um olhar convergido para existência de Deus, do místico. No primeiro caso, Descartes (2011, p. 4) faz a seguinte reflexão: “é preciso acreditar que há um Deus, porque isto é assim ensinado nas Santas Escrituras”.

Como podemos observar, a busca da verdade absoluta sobre o mistério da criação do universo desperta em alguns cientistas a crença

na existência de uma força superior. Crer haver uma força que está além da dimensão humana não abrange tão somente professores e atletas. A saber, a ciência também revela forte atração pela metafísica.

Descartes (2011), ao estudar a metafísica, demonstra que a religiosidade e fé em Deus provocam inquietações por parte de alguns cientistas. O autor diz que indagações sobre Deus e sobre a alma deveriam ser demonstradas pelas razões mais da filosofia que da teologia, e justifica:

Pois, embora nos seja suficiente, a nós outros que somos fiéis, acreditar pela fé que há um Deus e que a alma humana não morre com o corpo, certamente, não parece possível poder jamais persuadir os infiéis de religião alguma, nem mesmo de qualquer virtude moral, se primeiramente não se lhes provarem essas duas coisas pela razão natural (Descartes, 2011, p. 04).

A fenomenologia da percepção, apontada por Merleau-Ponty (2001), provoca uma atitude reflexiva entre o fenômeno, os outros e o mundo. O olhar fenomenológico vai além do simples ato de enxergar, já que para a teoria não se pode desenvolver um olhar sensível única e exclusivamente de ordem individual. Outros elementos entram em cena. Por meio do olho sensível, o homem desnuda e alcança o espírito.

O olho realiza o prodígio de abrir à alma o que não é alma, o bem-aventurado domínio das coisas, e seu deus, o sol. Um cartesiano pode crer que o mundo existente não é visível, que a única luz é a do espírito, que toda visão se faz em Deus (Merleau-Ponty, 2001, p. 42).

Morin (2007, p. 36) diz que o homem vive em um processo de criação e destruição. A vida e a morte dialogam como um ato de ligação e separação, “tudo o que está ligado, está separado e tudo o que está separado está ligado”. Para o autor, “As religiões universalistas, abertas em princípio a todos os seres humanos, eram e são religiões fechadas, que exigem fé em suas próprias revelações, obediência aos próprios dogmas e ritos” (Morin, 2007, p. 36).

Na mesma direção, contemplamos o adágio de Bohm, em entrevista concedida a Weber, discutindo a possibilidade de um diálogo entre o místico e o físico. O conceituado físico Bohm afirma que “a matemática está mais próxima da realidade espiritual que material” (Weber, 1986, p. 175). Conferindo uma outra pergunta de Weber a Bohm, ao questionar se não seria um eufemismo a ordem super implícita para Deus, Bohm afirma ser impossível, e contextualiza dizendo que as pessoas, na atualidade, não caracterizam a forma de inteligência

que organizou o universo como Deus: “as pessoas intuem do passado uma forma de inteligência que organizou o universo e a personalizam dando o epíteto de Deus. A mesma intuição existe hoje, sem, no entanto, ser personalizada e nomeada assim” (Weber, 1986, p. 63).

Diante dos dados analisados e discutidos sobre a dimensão da espiritualidade, compreendemos que as formas de expressão dos teóricos convidados à discussão, como também dos sujeitos da pesquisa, comprovam existir uma verdade dentro do homem que o liga a uma outra dimensão, de onde se alimenta a esperança e recarregam-se as forças, transformando a teoria do improvável (revelada por meio da realização dos sonhos) no provável, realizável. Notemos o que diz Morin (2007) sobre o amor e a religação cósmica:

As religações universalistas, abertas em princípio a todos os seres humanos, eram e são religações fechadas, que exigem fé em suas próprias revelações, obediência aos próprios dogmas e ritos. O amor é a expressão superior da ética [...] conectar-se ao amor significa conectar-se a religação cósmica (Morin, 2007, p. 37).

As falas que seguem, de forma resumida, foram o eixo que motivou a busca de uma compreensão um pouco mais apurada da relação entre vitória e espiritualidade.

Minha amiga... DEUS ((rindo)) ele acima de tudo/ quando... realmente eu passei a usar a razão e finquei a minha fé nele... foi quando... realmente ele começou a abrir as portas, né? É mostrar ao homem que quem tinha poder era ele (A6); Que sempre o que vai dizer até aonde a gente vai, são os nossos esforços e a nossa fé em DEUS. DEUS deu talento para todas as pessoas. (A9); Eu sou muito católico, sabe! Eu pedi muito a DEUS, porque só ele poderia me dar forças, que mais ninguém ia conseguir. Ninguém ia conseguir falar na minha cabeça, ninguém, ninguém. Várias pessoas chegaram e me falaram, não, não. Uma pessoa, mesmo, por mais que uma pessoa seja amiga, por mais que umas pessoas estejam conversando e falando com você, que quer, quer a melhora para você, que você precisa, isso não adianta. Sou muito católico, eu pedi muito a Deus, pedi a DEUS para me dar forças, rezei e pedi muito a DEUS para abençoar minha mãe, e ela fez o mesmo, e acabou que deu tudo certo no final. (A4); Disciplina determinação muita fé em Deus e... foco e muita garra (A7); Muitas coisas assim, eu acho que eu consigo... eu atribuo a minha fé, assim, eu tenho aquela crença e eu acredito, eu vou e arrisco e dá certo. (A5); Se Deus quiser me formo esse ano (A1).

Essas expressões podem evidenciar uma forte tendência da dimensão espiritual como um fator determinante no processo e na manutenção de um atleta no esporte rendimento.

4.3 Contributos das Instituições e dos Professores para a Excelência

Com esta categoria, pretendeu-se identificar o papel das instituições de ensino (escola e universidades) e dos professores no desenvolvimento de alunos rumo à excelência desportiva.

4.3.1 Papel da escola e da universidade

A Educação Física pode ser também tempo e lugar de investigação e problematização da história de alunos e alunas encarnados e presentes na escola, que revela o conhecimento sobre as práticas corporais da cultura de que são portadores(as); de invenção de outras maneiras de fazer os esportes, as danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras; de questionamento dos padrões éticos e estéticos construídos culturalmente para a realização dessas e de outras práticas corporais; de realização do princípio que os alunos e as alunas podem (e devem) se colocar à disposição de si mesmos quando partilham, fruem, usufruem, criam e recriam as práticas corporais da cultura; de garantia do direito de todos(as) participarem, sem exclusão por nenhum motivo; de respeito à corporeidade singular de cada um, construída em sua história de vida.

No Brasil, em decorrência do alcance populacional que o esporte abrange, sua prática vem sendo estimulada, de modo geral, por instituições de ordem governamental e não governamental. No tocante às instituições educacionais, essa realidade é refletida através da participação de alunos do ensino básico nos jogos escolares, bem como dentro das universidades (Neto; Ferreira; Soares, 2011).

Nesse sentido, a Educação Física escolar, por décadas, elegeu o esporte como conteúdo principal no contexto escolar. Com a conquista da copa do mundo em 1970, a secretaria de esporte, a nível federal, tentou implantar o esporte na escola como base piramidal, com o objetivo de formar atletas que pudessem representar o país, dando visibilidade mundial (Bracht; Almeida, 2003). É nessa conjuntura que as vivências esportivas nos campos, piscinas, quadras, pistas das escolas, ganham mais força e adeptos. O incentivo à prática do esporte e os jogos escolares presentes nos calendários letivos das secretarias de educação passaram a ser realizados por municípios e estados de todo o país. Betti (1991) acredita que não é papel da escola trabalhar o esporte no intuito de formar atletas, mas possibilitar, também por

meio do esporte, experiências, de formas diversificadas, com foco na formação dos escolares.

Introduzir a iniciação ao esporte de competição nos programas escolares não significa aceitar para a escola a missão de produzir atletas que assegurem o prestígio esportivo nacional. Este é um efeito secundário que precisa ser considerado, mas o objetivo principal é o de estender a todos uma gama tão extensa quanto possível de atividades formativas (Betti, 1991, p. 54).

Na década de 1980, com o retorno de pesquisadores dos cursos de pós-graduação, iniciam-se novos discursos, questionamentos sobre o ensino da Educação Física Escolar, o principal desses é o processo de esportivização dentro das escolas. O intento desses debates não era abolir o esporte escolar, mas apontar outras formas culturais de vivenciar o corpo nas aulas de Educação Física (Taffarel; Escobar, 1987; Castellani Filho, 1988; Soares, 1996; Almeida, 1997). Examinemos a fala da atleta A2:

Eu descobri o esporte que pratico na escola, através da apresentação de judô que aconteceu (A2).

Benelli (2018), ao investigar as trajetórias de atletas brasileiros de alto rendimento no basquetebol masculino e feminino, verificou que o início das práticas esportivas dos atletas se deu em instituições públicas, inclusive no espaço escolar, nas aulas de Educação Física escolar. Quanto ao desempenho esportivo, deve-se desconsiderar a ênfase no êxito esportivo ou cobranças de desempenhos e habilidades nas atividades e valorizar a criatividade e a ludicidade (Soares *et al.*, 1992). Ao se referir ao recreio escolar, o atleta A3 considera oportunas as brincadeiras que o mantinham ativo.

É... em termos de escola, qualquer oportunidade que tinha de brincar a gente brincava, oportunidade de horário de Educação Física, no recreio, a gente corria, eu gostava de correr muito sabe, era muito ativo, muito ativo (A4).

A mídia assume um papel importante, no sentido de atrair os alunos à prática esportiva. Desse modo, os alunos sentem-se estimulados à prática do esporte, o que favorece ao professor trabalhar as competências que o esporte pode proporcionar, capacidades físicas, valências físicas e desenvolvimento sócio-psico-cognitivo. Como podemos observar na fala abaixo, em que o atleta A3 amplia as vivências no esporte, fora da escola.

Era... era muito de/ de escola mesmo... não tinha/ a gente não tinha uma... uma aprendizagem de outras modalidades de/ de uma vivência de esporte... então era sempre vôlei... basquete... handebol e futebol dentro do colégio que eu fui a gente começava isso, né? É o colégio que dava mais futebol então... o contato mesmo com/ com outras modalidades foi fora... fazendo... fora da escola (A3).

O atleta A8 dá total crédito ao esporte escolar, e justifica, dizendo que as instituições escolares massificam o esporte brasileiro.

Mas eu, eu penso muito no esporte como um todo, atrelado ao... a uma instituição de ensino. Então, acho que se massificou se mais alguns esportes olímpicos, o Brasil melhoraria bastante, é, na excelência olímpica, nos resultados olímpicos. Então eu acredito muito no esporte escolar, no esporte dentro da escola, no judô dentro da escola, no basquete de uma maneira, é... mais profissional e mais alguns centros de treinamentos voltados ao alto rendimento também, com atletas reunidos mesmo, em prol do da melhora da excelência olímpica. É, hoje a estrutura do esporte olímpico brasileiro, ainda está nos clubes, ainda é amadora de certo ponto. Então, eu acho que colocar alguma coisa mais voltado nas escolas, em centro de treinamento, montar uma estrutura, mas nesse sentido, seria interessante (A8).

A configuração do esporte enquanto conteúdo, nas aulas de Educação Física Escolar, vem provocando discussões sobre o real papel do professor de Educação Física nesse campo de atuação. Observa-se que o professor, geralmente, assume o papel de técnico/treinador e, conseqüentemente, o aluno assume a figura do atleta. Essa forma de pensar o esporte escolar desvia o foco da formação do aluno e direciona a atenção para a formação do atleta.

Assim, sua presença na escola tem por perspectiva a formação do cidadão para atuação direta na sociedade a que pertence. Dessa forma, temos como premissa que a Educação Física possui o papel de oportunizar as experiências e vivências lúdicas no ambiente escolar para o desenvolvimento de sujeitos críticos, construtivos e criativos, através da espontaneidade, descompromisso e da expressividade. Vejamos o que diz o atleta A5:

Olha, na escola, eu não tenho muita lembrança, assim como era exatamente. Mas a gente tinha né, essa... esse estímulo motor né. Mas eu acho que essa...essa parte corporal de atividade de uma forma mais generalizada, ela se dava, era muito presente na minha vida né, não só na escola, como fora também. Nas brincadeiras, nas

calçadas na rua com meus amigos e tudo. Mas, é na escola especificamente, eu lembro que a gente ia para quadra, que a gente jogava bola, e lá é muito forte o handebol, no interior, não sei porque. Mas o handebol, lá em Afogados especialmente é muito forte, todas as escolas têm times, mas eu não tive minha iniciação esportiva lá não tive nenhum envolvimento com nenhum esporte assim, regulamentado né claro. Mas, é... ah... eu era muito pequena também né, a atividade...essa parte...Minhas duas irmãs praticavam handebol em Afogados. Como falei, lá era muito forte o handebol, os jogos escolares eram um mega evento (A5).

É importante considerar que as diferentes formas da prática esportiva possibilitam ao professor de Educação Física estratégias diversificadas no planejamento de suas aulas. Isso poderá proporcionar aos alunos vivenciar o corpo de forma global, em que possam ser trabalhadas habilidades e esquemas motores. Destacamos, também, as metodologias aplicadas ao esporte, entre elas, a ludicidade, pois através da alteração das regras, todos podem participar.

A gente tem em mente, é, é que, a gente pretende neste ciclo, ao mesmo tempo, estar treinando, a gente pretende fazer, como posso dizer? Fazer novos projetos para a iniciação no esporte já na ginástica. E onde que a gente busca isso? É nas escolas. Então a gente colocar a ginástica né, nas escolas equipar as escolas com aparelho de ginástica para que ela tenha esse contato já inicial, já na sua infância (A1).

Para Soares *et al.* (1992, p. 70), o trato com o conteúdo esporte, de igual modo aos outros conteúdos propostos pelos referidos autores, terá de partir da elaboração coletiva de um projeto político pedagógico, e este deverá considerar a realidade social dos alunos, na busca de produzir, reproduzir ou transformar essa realidade. Sobre os conteúdos da Educação física, Betti (2002), diz:

A Educação Física enquanto componente curricular da educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (Betti, 2002, p. 75).

Destarte, não é interessante introduzir o esporte moderno dentro da escola sem que antes sejam estabelecidas as críticas e discussões necessárias para repensar suas ações e modelos de ensino,

agregar aqueles valores que sejam condizentes com a realidade social, econômica e histórica inerentes a cada realidade escolar específica, reelaborando os mecanismos e estruturas do esporte competitivo e midiático, utilizando-o com finalidades lúdicas e pedagógicas.

4.4 Influência do Atleta de Excelência na Sociedade

Com a análise desta categoria, pretendeu-se examinar de que forma o atleta se percebe diante da sociedade e conhece o seu contributo para o desenvolvimento social do Brasil. Por outro lado, procurou-se identificar se os professores reconhecem o papel do atleta de excelência como um fator de desenvolvimento social.

4.4.1 Expansão do esporte

Recobrando a história do esporte, discorreremos a partir dos primórdios do desporto, ainda na vida primitiva do homem, passando pelos Jogos Olímpicos da Antiguidade, a negação das práticas corporais na Idade Média, pelo movimento esportivo inglês, até os Jogos Olímpicos da era moderna e o uso político do desporto, finalizando com o Movimento Esporte para Todos. Sempre pautados em autores de grande prestígio na área, buscamos entender como essas práticas corporais, socialmente construídas, vieram a se tornar, ao longo da história, esse fenômeno de consumo com o qual nos deparamos atualmente (Kunz, 2006; Castellani Filho, 1988; Soares, 1996).

O sucesso obtido nas competições esportivas de grande visibilidade desperta o interesse das pessoas para conhecer e praticar tais modalidades. A mídia, nesse sentido, passa a ser um elo de contato entre o esporte e o espectador. Mauro Betti (1998), em sua obra *Janela de Vidro*, coloca em cena o esporte, a televisão e a Educação Física. O referido autor discute sobre a influência da mídia em vários aspectos sociais.

O esporte pode aparecer como pano de fundo ou como tema principal; como simulação de prática ou como falação. Atletas e técnicos são presenças quase permanentes nos programas de auditório e entrevistas. Os atletas são figuras públicas, quais artistas famosos. Bisbilhotam suas vidas pessoais, expõem suas casas e suas famílias. A inserção do esporte no cotidiano mostra que ele é um conhecimento socialmente partilhado (Betti, 1998, p. 71-72).

A massificação do esporte pode ter como principal influência a propagação dos resultados que os atletas conseguem alcançar e são amplamente divulgados nos meios de comunicação. Podemos observar, na fala da atleta A5, seu reconhecimento e da modalidade que ela pratica:

Então, é... antigamente as pessoas que... gostam de esporte, que assistiam televisão e que sempre estavam mais ou menos por dentro, chegavam e falavam: Ah, você é aquela menina que faz como é? Que faz aqueles esportes lá, um monte de coisa. Hoje em dia, o que é um pentatleta. E eu atribuí isso, num percentual altíssimo a medalha de Londres (A5).

A conquista da medalha olímpica da atleta A2 massificou a prática do esporte em sua cidade de morada, que passou a ser reconhecida através da conquista do pódio olímpico:

O que mudou foi o meu reconhecimento, a gente conseguiu aumentar a quantidade de crianças da minha cidade a praticar o esporte, conseguimos formar vários polos do nosso instituto na cidade. Beneficiou mais as crianças no esporte (A2).

Além do reconhecimento da população, a conquista do ouro olímpico abriu caminhos para o atleta A7 participar de projetos de políticas públicas destinados à prática esportiva da população carente:

Depois dessa última conquista minha nos jogos olímpicos, eu recebi uma proposta, uma proposta de criar novos projetos sociais. Então a gente está encaminhando isso, para criar novos projetos sociais e assim através disso, eu possa estar ajudando as crianças (A7).

Para o atleta A8, uma das formas de expandir ainda mais o judô é por meio da sua história enquanto atleta medalhista olímpico. É o reconhecimento da sua própria história.

O judô já é um esporte bem conhecido por conta da frequência das medalhas em olimpíadas. Não passa uma olimpíada que o judô não traz medalhas. Mas, eu acho que sim, ajuda a massificar o esporte, ajuda a divulgar bastante o judô, e, ao mesmo tempo, é aquele negócio de se tornar uma referência e servir de exemplo para algumas pessoas, que é bastante importante e o maior legado de quem está em uma olimpíada (A8).

O atleta A9 atribui ao legado desportivo um fator de incentivo às crianças, e isto, como um precursor de mudança da realidade nacional:

O legado, é uma questão de inclusão social. Porque pode mover muitas crianças, pode mudar muito o nosso país. O nosso país, vive por momentos muito delicados (A9).

Ao indagarmos sobre a importância de um atleta medalhista olímpico para a expansão do esporte no Brasil, os dois grupos de sujeitos apontaram o valor atribuído pela mídia ao atleta em momentos de megaeventos esportivos, fazendo entrevistas sobre suas histórias de vida, histórias de superação, enfatizando a ascensão do atleta, que em determinadas modalidades mudaram de vida em função do esporte, tratando-o como um herói. Betti (1998, p. 72) afirma que “a inserção do esporte no cotidiano mostra que ele é um conhecimento socialmente partilhado”. Ainda sobre o esporte, “crianças imitam o voleibol que veem na televisão e brincam de rebater a bola com as mãos” (Betti, 1998, p. 147). Isso vem a reafirmar a influência da mídia na expansão do esporte na sociedade. Claro que a mídia se apropria de toda dinâmica do fenômeno esportivo, inclusive das histórias de vida dos atletas para aumentar sua audiência, mas o fato é que ajuda a massificar as práticas esportivas em sociedade.

4.4.2 Referência para outras pessoas

O esporte olímpico tem notoriedade em vários países, o que vem a despertar curiosidade e interesse das pessoas. Durante a realização de um megaevento esportivo, os olhos da população se direcionam para o protagonista da ação, o atleta.

O atleta e seus feitos tomam conta, conquistam olhares e desejos das pessoas, que os transformam em celebridades/mitos/heróis capazes de superar seus próprios limites e encorajar outras pessoas a investirem tempo, esforços e dinheiro nessa aventura que é o esporte. Assim, a referida pesquisa buscou encontrar, nas falas dos sujeitos, elementos que pudessem clarificar as opiniões sobre a percepção dos dois grupos de sujeitos investigados com relação a se o atleta se considera ou é considerado uma referência para as pessoas. Nos termos, destacamos os comentários que seguem, tanto dos atletas quanto dos professores.

Relativamente à fala da atleta A6, observamos uma mudança de comportamento de um jovem admirador do boxe, em função do desejo de praticar o esporte, depois de tê-la como referência:

Olha... eu tinha/ eu tenho até exemplos, né? Eu tenho... ((tosse)) é... dois garotinhos lá em/ lá em...Vitória... Vitória do Espírito Santo e uma aqui no nordeste/ foram/ foram pessoas que eu tive esse acesso... principalmente os de Vitória e:: ontem ele me ligou... ele conseguiu meu número com/ na academia de um amigo meu lá... e:: e ele me ligou, não é? Na verdade, esse amigo meu me ligou... e ele falou comigo... e falou se/ eu... estava indo/ estava dando continuidade à/a/ às drogas... os vício e:: parei (A6).

O atleta A1 afirma se considerar uma referência, principalmente depois da conquista do ouro olímpico nas olimpíadas:

Mas eu posso dizer que sim, posso dizer, que posso me considerar uma referência (A1).

Contudo, para a atleta A6, ser uma referência está para além da conquista de uma medalha olímpica, uma vez que a referência está direcionada para a trajetória de carreira de um atleta e não somente para a subida ao pódio.

Assim, não tem como negar isso, seria uma falsa modesta minha. Mas eu acho que não pela medalha, pelas medalhas, talvez, pelos resultados, assim que a gente conseguiu aos pouquinhos mostrar para o Brasil que, por! Tem gente suando a camisa nesse esporte maluco aí, né. A gente não vive só de futebol, vamos combinar. E assim, acho que o esporte de uma forma geral, ele inspira (A6).

Face ao exposto, é notável, nas falas dos sujeitos, as opiniões frente ao papel assumido pelos atletas dentro da sociedade, ou seja, como uma referência, justamente por ser considerado um ídolo, mito ou herói, isso em função das conquistas e da superação das dificuldades encontradas no percurso de preparação rumo ao pódio. Ainda é importante considerar a influência exercida pelos meios de comunicação, que corrobora a construção dessa imagem, o que conduz o atleta de excelência a ser referência para as pessoas.

4.4.3 Formação de crianças e adolescentes

A vontade de mudar de vida, por meio do esporte, move os pais a buscarem o mesmo objetivo, ascensão social por meio do esporte. Efetivamente, o atleta medalhista olímpico, de algum modo, se caracteriza como fonte de inspiração, desejo e sonhos de crianças e adolescentes, em especial de zonas de risco. Essa visibilidade é refletida, por exemplo, na escolha da modalidade esportiva e no jeito como se expressam em sociedade.

A atleta A6 aborda que ela é uma referência para novos atletas, na prática do boxe, pois, nela, os jovens têm inspiração e exemplo para seguir dentro da modalidade; ademais, ela, enquanto mulher, vê-se numa posição de incentivo à abertura de espaços para as meninas dentro deste esporte.

A emoção que você teve... quando eu vi você ganhando a primeira luta eu... eu tive... eu vi... eu vi a sua luta pela... pela... pela internet... e aquilo me... me emocionou muito... e eu vi que eu... eu poderia também chegar

aonde você chegou... então... acho que são esses motivos é... que me faz também a dar continuidade ao meu trabalho... a dar continuidade a... trazer grandes conquistas... pelo fato desse motivo que eu sei o quanto tinha sido referência para... não só pra esse garoto... mas sim... pra várias meninas hoje aí que eu recebo mensagens é... hoje elas falam... pô... você tem sido minha referência... você tem me dado ANIMO para poder... dar continuidade... veja que o boxe me, não... não acabou... porque eu tenho visto você aí é lutando pela gente... pelo mundo no nosso país (A6).

O atleta A9 enxerga que sua experiência, enquanto atleta, inspira as pessoas, pois elas veem na sua trajetória de sucesso que é possível alcançar seus objetivos; absorvemos que, nesse ponto de vista, o atleta é um exemplo, quando se mostra numa posição de igualdade com os demais sujeitos.

As pessoas têm que se espelhar em algo que tenha alguma experiência positiva, e por eu ter tido uma experiência positiva, isso pode fazer com que as pessoas acreditem nelas também, porque se aconteceu comigo pode acontecer com qualquer pessoa, basta na realidade se dedicar, encontrar o seu talento na área que for, todas as pessoas têm talento. Muitas pessoas se menosprezam muitas vezes porque se acham inferiores às outras (A9).

O atleta A3 traz em seu depoimento uma factualidade que demonstra como os ídolos influenciam sujeitos à prática desportiva, ele narra sua vontade de ser uma referência na ginástica a partir da inspiração em Daiane dos Santos. Para ele, quando seu referencial ocupa o alto nível, e soma conquistas, as pessoas também se veem lá.

Sendo medalhista olímpico, mas assim também você ir numa olimpíada, acho que todo atleta olímpico já acaba virando uma referência... em um esporte, no seu esporte porquê... você fica lá em evidência... você tá representando o seu esporte, a sua modalidade então... todos os atletas que praticam já ver... que esse é o auge do atleta é está participando dos jogos olímpicos, é representar o país. É está querendo o mais alto nível que/ que nós ... e... tanto o atleta masculino quanto feminino já viramos o/ esse ícone... esse/ esses ídolos pra/ pra garotada ou pra quem quer chegar lá e eu acho assim... isso importante porque... eu me via há... 11 anos atrás... quando eu entrei na modalidade eu me via a Daiane dos Santos... um exemplo, aquilo me inspirou... aquilo que/ que me fez querer... estar presente, para... querer conhecer ela, querer... sabe? Treinar junto com ela... então acho que... que não/ que eu acabei me tornando isso... eu acabei

passando experiência para muito atleta... novo... jovens que... que... queira conhecer, queira treinar, que queira tá junto daqui a um tempo então eu acho que... que isso é muito legal porque... foi/ foi da minha história foi/ foi do/ então eu acho que também pode... inspirar outros atletas. É... eu acredito que... que para ser... essa... ter/ ter essa influência neles...é mais mostrar que/ que dá pra eles seguirem se eles acreditarem no sonho deles... sabe? É mostrar que... que é possível você chegar lá... se você acreditar porquê... fácil/ não é fácil... num/ a medalha não chega assim. pra você, você tem que... fazer por onde e mostrar/ fazer (A3).

É notório que a mídia exerce forte influência na divulgação do esporte de excelência. São matérias que caminham por diferentes vertentes, quer sejam sobre a história da modalidade esportiva, quer sejam sobre as dificuldades e superação dessas dificuldades do atleta rumo ao pódio olímpico. Verdade é que muitos são paralisados para dar audiência a qualquer tema referente ao esporte. E isso pode ser um forte indício da expansão do esporte no seio social. Ao considerar o papel da mídia no campo esportivo, observemos a percepção de Betti (1998):

O quadro da globalização nos faz compreender melhor o aumento na quantidade e na importância das transmissões televisivas de eventos internacionais. Os jogos olímpicos e a copa do mundo de futebol, são assuntos globais com ramificações políticas e econômicas. Torneios mundiais de várias modalidades e campeonatos europeus de futebol, compõem partes expressivas da programação televisiva. O esporte telespetáculo faz parte da sociedade global (Betti, 1998, p. 128).

E é através desse poder midiático que o atleta A8 diz haver a expansão do esporte na sociedade. Na medida em que as pessoas acompanham a materialização dos objetivos dos atletas, muitos passam a acreditar que também conseguem chegar ao mesmo patamar.

É, quando um atleta sobe em um tablado desse, em um tatame olímpico, ele acaba servindo de fonte de inspiração para outras pessoas. Um pela visibilidade que a mídia proporciona e, é aquela pessoa sentir que é possível chegar, porque o cara, o cara que sobe em um tatame olímpico, ele está realizando um sonho né, de participar de uma olimpíada. Quem conquista uma medalha, também está realizando um sonho. Então é essa história de conquistar os objetivos, eu acho que é mais impactante para as pessoas, que a pessoa conseguiu chegar onde ela queria, ela conseguiu uma medalha olímpica,

conseguiu traçar um plano e realmente executar. Então eu acho que quanto mais pessoas consigam se inspirar com essa história, melhor. E eu acho que é, sim, impactante na vida de algumas pessoas. E assim como eu, vi o Senna lá, entrando para, para correr. Eu vi o Aurélio Miguel ganhando uma medalha em 1996. Como outros atletas me inspiram até hoje, eu acho que servir de fonte de inspiração é uma grande responsabilidade, mas também é um dever que eu tenho, para poder, mais pessoas acreditarem que é possível realizar um sonho (A8).

Para o atleta A7, sua história de vida e o resultado de tamanhas conquistas favoreceram o aumento do número de praticantes do esporte.

Antes eu já tive referências, até hoje eu tenho pessoas que eu admiro no esporte e eu acho que minha história de vida, meus últimos resultados, não só a medalha olímpica, como fui campeão mundial militar, campeão sul-americano, tricampeão continental, então são coisas que as pessoas vão vendo, vão percebendo a sua vontade e determinação. E é muito bom você servir de exemplo e de espelho para novas crianças e novos atletas (A7).

A atleta A2 diz que as dificuldades enfrentadas na prática do judô servem de exemplo e motivação para outras crianças praticarem o esporte:

Não só pela conquista da medalha, mas é pela minha rotina, né!. Conciliar estudo, infância, o trabalho muito jovem. Então tudo isso, é... me transformou como uma criança para um adulto muito rápido e acabei sendo espelho para muitos jovens e adolescentes... Através da minha determinação que eu tive dentro e fora do tatame. Através da minha história de vida, através dos títulos que eu conquistei. Então eu acredito que isso pode ajudar a transformar os jovens que às vezes querem ir para o lado ruim (A2).

Ademais, a atleta A6 considera seus resultados como maior fonte de inspiração para novos adeptos do esporte.

E assim, eu acho que o esporte de uma forma geral, ele inspira, né. As pessoas me conhecem na rua, as crianças me reconhecem, e aí o pai chega e diz: Ele torceu tanto por você, que depois das olimpíadas ele quer fazer natação, quer fazer não sei o que... então, você ouve, e é claro o tanto que isso inspira as crianças, os jovens e é uma referência tão positiva sempre né, do atleta do es-

porte. O atleta, ele tem que aprender alguns valores, tem que ser. Se não aprender ele não vai ser atleta. Ele tem que ser dedicado, tem que ser comprometido, tem que ser responsável. Então, são valores assim, que todo pai quer para o filho né. Então aí vem a questão de estímulo de dar oportunidade, de lhe... essas crianças vivenciam uma vida no esporte. Então eu acho que... esse lado bom né, de poder contribuir para a sociedade né, com boas influências. Ele existe sim e é claro assim sabe, no dia a dia você ver relatos de crianças que... chegam assim... e vai dar um abraço para uma foto e o coração está quase saindo do peito. É muito gratificante (A6).

Apesar de não se considerar a principal referência, o atleta A1 reforça a importância da mídia, ao divulgar sua trajetória de conquistas, na expansão de novos praticantes da ginástica:

Posso me considerar uma referência, né. Não posso dizer que sou a principal referência. Isso jamais. É... eu contribuo um pouquinho para elevar o nome da ginástica. É, eu posso dizer, que tem bastante criança que começaram a fazer ginástica, por ter me visto na televisão competindo, e... pegou o gosto, né, pegou interesse pela ginástica. Então eu posso dizer que eu contribuí para, para, para novos ginastas aí, essa nova molecada aí começar a treinar (A1).

As falas dos sujeitos, quando questionados sobre a influência do atleta no processo de formação de crianças e adolescentes, em especial, os que se encontram em situações de risco, foram semelhantes quando apontaram a forma como o atleta é visto pela sociedade (herói, ídolo), sua história de superação, ascensão social e econômica, passando a ser um espelho, uma motivação para que outros almejem alcançar o mesmo patamar.

4.4.4 Contribuição para a sociedade

No campo esportivo, como já apresentado na literatura, o esporte contempla três dimensões sociais: esporte educação, esporte participação (lazer) e esporte performance (rendimento) (Tubino, 2001). Essas dimensões apresentadas pelo autor nos permitem visualizar, de maneira clara, a relação estabelecida entre as mesmas, na medida em que a prática desportiva, em sua fase inicial, ocorre geralmente de forma deliberada, como prática de lazer e/ou educacional e sua continuidade pode favorecer ao esporte rendimento.

Arriscamos a apontar mais uma dimensão do esporte, o esporte social, esse objetiva integrar e oportunizar possibilidades de transformação social. O esporte social se efetiva por meio das políticas públicas governamentais ou não-governamentais.

Esse modelo de esporte é desenvolvido por atletas que desejam dar sua contribuição à sociedade, oferecendo a prática da atividade física por meio de associações (Sarah Menezes, implantou uma associação de Judô, em Teresina, para dar assistência a crianças carentes), com o intuito de oportunizar uma formação cidadã e afastar crianças e adolescentes das áreas de riscos.

De igual modo ao que faz a atleta Sarah Menezes, outros projetos são desenvolvidos por atletas e ex-atletas medalhistas olímpicos. O esporte, com esse fim, também é pensado em ser desenvolvido após o fim de carreira no esporte de excelência, como podemos observar nas falas dos atletas A5, A8, A1 e A4.

A atleta A5 planeja, estando aposentada como atleta, seguir carreira como professora de Educação Física e usar suas vivências para auxiliar na formação de crianças.

Curso de gestão, tenho planos com a carreira, tudo nessa área do desporto de alto rendimento. E aí, eu quero me qualificar para ser uma boa...e conhecer técnica, dar uma boa contribuição em alguma área, alguma função. Mas, é... enfim... quem sabe eu não mudo o lado da prancheta né! Passar a escrever para alguém fazer. Mas eu tenho planos já, enquanto professora de Educação Física já, passar tudo isso que eu vivi, tudo isso que eu aprendi, para jovens, para crianças da iniciação, eu acho que eu tenho uma contribuição significativa para dar (A5).

Semelhantemente, a atleta A2 almeja fomentar a cidadania através da aquisição de um centro de treinamento para ajudar crianças em vulnerabilidade socioeconômica que não gozam de condições materiais de custear uma academia ou clube.

O centro de treinamento para ajudar as pessoas que não têm tanto poder aquisitivo, que não conseguem academia. A gente pensou no lado de ajudar, o estado em si, de diminuir essa parte de drogas e crianças nas ruas, da violência e transformar esses grandes garotos em cidadãos (A2).

O atleta A8 vê a educação como fundamental no fomento da cidadania, por isso, ele pretende seguir com a promoção do esporte, em parceria com o sistema educacional, com o intuito de melhorar a formação cidadã de crianças e jovens.

Mas depois que eu parar, eu tenho interesse de tocar um projeto realmente, de ter um instituto voltado para o desenvolvimento do esporte. E também outras atividades em contraturno escolar, que auxilia uma criança se

desenvolver. Algum projeto educacional, rolando junto com judô, não só no sentido de alto rendimento, mas de cidadania mesmo, de ter mais cidadãos do bem, e praticantes de esporte, e ter mais jovens que consigam se formar numa faculdade, entrar no mercado de trabalho. Acho que a educação é a grande ferramenta de transformação para que a gente melhore o Brasil, melhore qualquer outra, outra sociedade, outro meio que a gente vive (A8).

O atleta A4, que já foi participante de projetos sociais na infância, pretende criar e ajudar outros programas, já que eles lhe conferem muita importância no cenário social.

Eu... eu tenho planejamento já em casa eu estou estudando, estou fazendo aos poucos, de criar projetos sociais, sabe! É, foi da onde eu surgiu e da onde pode surgir mais, milhares de mim por aí, milhares de vida, superação, entendeu? (A4).

O atleta A9 atribui sua história de superação de desafios como um fator de contribuição social por inspirar as pessoas a enfrentar e vencer suas batalhas sem desistir.

Ah! Eu acho que, a questão muitas vezes de você, de não desistir é o que mostra minha carreira. Tudo o que eu falei aqui, foi bem claro. Espero que possa mover outras pessoas, mover crianças, seres humanos, não só no esporte em qualquer área, porque a minha história de superação é uma história do dia a dia do brasileiro, do ser humano. A gente sempre vai ter problema, a maneira como a gente lida com o problema, é que faz o sucesso, e eu acho que eu lido de uma maneira muito boa. Sempre acreditando em mim, nunca desistirei de mim (A9).

Em ambas as perspectivas, para além do desenvolvimento da prática esportiva, o atleta assume ter a necessidade de dar um retorno à sociedade através de suas competências adquiridas no esporte e também pela empatia com a carente realidade de muitas crianças e jovens. O atleta acredita, por ser espelho e referência, influenciar positivamente na formação desses sujeitos do esporte.

4.4.5 Perspectivas futuras

Observamos, com relação às perspectivas futuras, que os atletas visam permanecer em busca de títulos em campeonatos internacionais, inclusive nos Jogos Olímpicos. Vemos o enfoque na preparação física e no treinamento como foco para alcançar seus objetivos.

4.4.6 Objetivos como atleta de excelência

A atleta A6, em face da peculiaridade do esporte que pratica dentre os outros esportes – uma divisão de modalidades nas olimpíadas e campeonatos mundiais –, almeja, após o período olímpico de conquista, “fazer história” também nas outras competições internacionais de boxe feminino.

Meu maior objetivo... o maior objetivo agora é... como tinha lhe dito no início... eu... e migrando pro lado profissional... é... agora é... fazer novas histórias... né? É conquistar aí agora aí um título mundial e... e ter um grande êxito, não é? É... é o que almejo aí de... de todo o meu coração (A6).

O desejo do atleta A1 é ser bicampeão nas competições de maior expressividade da ginástica. Esse é seu eixo motivador.

Então é o grande fator motivacional para continuar no esporte e dar bons resultados, além de...fazer a dobradinha nos resultados. Já fui bicampeão no sul-americano, agora vou em busca do meu bicampeão pan-americano, bicampeão mundial, bicampeão olímpico. Então, é... sonhos, e objetivos na minha vida que fazem me motivar para vir todos os dias ao ginásio aqui treinar (A1).

Já na fala do atleta A9, notamos vontade, após sua trajetória dentro do esporte, de permanecer por algum tempo no esporte de alto rendimento, mantendo seu nível, sem adquirir lesões neste período.

Ah... é... acho que durar quatro anos sem nenhuma lesão grave (A9).

Para o atleta A8, o foco na permanência no esporte de alto rendimento exprime uma sequência de conquistas, mas, de início, almeja aumentar suas vitórias nos Jogos Olímpicos, através da obtenção de uma medalha de ouro nas olimpíadas, a qual é inédita no seu rol de vitórias.

É, ir para terceira olimpíada, e tentar ganhar o ouro, né, porque eu não tenho ainda o ouro, então é o principal objetivo de título. Depois, tem outras coisas, mas, no momento é isso (A8).

A perspectiva do atleta A3 é conquistar o ouro olímpico, esse é seu maior desejo.

É... é o sonho de ser campeão olímpico... isso que me

move... isso que... eu acordo e... tem uma frase no meu quarto que... que eu coloquei, que eu coleí que É BOM SER CAMPEÃO OLÍMPICO, isso que me move isso que... de ter essa conquista de... ser sonhador... isso que me move... isso é o que amo... eu amo sonhar... (A3).

Tendo em conta os atletas estarem em pleno desenvolvimento de carreira, as perspectivas futuras estão mais direcionadas à conquista do pódio olímpico, esse é o sonho, o desejo dos atletas. Para além dessa etapa, a maioria planeja permanecer trabalhando no campo esportivo, seja como treinador, gestor, ou mesmo à frente de projetos de políticas públicas.

4.4.7 Regresso à sociedade

Stambulova (1994) propõe o modelo analítico da carreira atlética criado a partir da análise das fases da carreira de um atleta profissional: iniciação, desenvolvimento, aperfeiçoamento, excelência e aposentadoria (Bloom, 1985; Salmela, 1994). Tal modelo, considera os pontos críticos previsíveis das transições entre cada uma das fases e destaca a necessidade de os atletas receberem apoio psicológico a partir das especificidades e possíveis dificuldades surgidas nesses períodos, que podem levar, inclusive, a uma aposentadoria prematura.

O modelo analítico considera a carreira esportiva e as especificidades de suas diversas fases, mas não integra todos os aspectos da vida de um atleta. O modelo desenvolvimentista da carreira esportiva, de Wyllemann e Lavalée (2004), faz uma integração da vida esportiva com a vida não esportiva do atleta, entrelaçando diferentes esferas da vida de uma pessoa a partir da fase esportiva, do nível de desenvolvimento psicológico, nível psicossocial e nível de escolaridade.

Essa percepção integrada das carreiras esportiva e não-esportiva ajuda a entender a vida do atleta como um todo e destaca a importância de se considerar as outras demandas, para além da vida esportiva, tais como: o nível de maturidade psicológica (infância, adolescência e idade adulta), as referências de relacionamento (família, amigos, parceiros e treinadores) e o nível de escolaridade. É importante ressaltar que a relação entre a idade cronológica e as fases nas diferentes esferas é apenas uma aproximação e deve ser novamente tratada de forma individualizada e conforme o contexto sociocultural do atleta e da modalidade envolvida.

Nessa perspectiva o atleta A1 projeta, após a sua aposentadoria como atleta de alto rendimento, fazer parte de projetos que visam à promoção deste esporte; tonificado, aliás, pela sua formação no curso de Educação Física.

Fazer novos projetos para a iniciação no esporte. Eu acredito que sim. Não digo ser técnico, mas com certeza a educação física vai me ajudar a abrir bastantes portas né, porque se você tem algum projeto, e você tem uma formação de curso superior, você demonstra que você está com boa vontade e você sabe o que está fazendo. E é o que a gente pretende, é fazer isso (A1).

Já o atleta A9 apresenta o desejo de, após a sua aposentadoria, trabalhar com a mídia esportiva como forma de permanecer vinculado ao esporte.

Então, na realidade foi uma questão de dar continuidade o que eu vivi minha vida inteira, né, porque, eu sempre achei muito difícil sair do meu meio, depois quando terminar minha carreira eu acho muito difícil eu não ficar dentro da área esportiva também, então como comentarista, como apresentador de esportes, trabalhar com atletas. Mas, hoje em dia minha visão não é muito de trabalhar como profissional de educação física, eu não tenho muita vontade de ser hoje em dia um treinador, tenho muito mais vontade de trabalhar como, por exemplo, como um apresentador, como um repórter esportivo, algo que seja mais para dissipar o esporte nacional (A9).

Ao refletir as falas dos atletas A4, A5 e A8, observamos uma grande importância aos projetos sociais, em seu viés de formação esportiva e cidadã. Aqui eles apresentam o desejo de contribuir com esses projetos.

Sempre ressaltar nos projetos, porque dentro dos projetos é onde surgem as grandes histórias de vidas, os grandes campeões, entendeu? Assim como eu, espero e pretendo trabalhar com projetos também se tivesse oportunidade tira de satélite de ruas entre ele aqui com a gente sociais também, e pretendo dar continuidade e tirar muitos atletas dali de dentro. Entre perder eles para as ruas, entre ter eles aqui com a gente, eu prefiro ter ele aqui. Vou brigar, igual a todos brigam, como brigaram para mim estar dentro do projeto socioeducativo e hoje eu me tornei um ídolo para todos. Então, assim é uma coisa que eu gostaria de ressaltar seria legal para você (A4). Depois de 2020, eu devo parar e aí eu vou tocar outros projetos, e acho que sempre ligado ao esporte que pratico (A8). Meu maior objetivo hoje é tentar usufruir né, arrumar algum benefício assim, em função de tudo o que eu fiz, de tudo o que eu vivi, de tudo o que eu alcancei, para o meu espaço de carreira. Trabalhar, é, ter uma oportunidade de passar esse conhecimento para as pessoas, seja na pista, seja uma coisa mais burocrática,

sejam assim, conhecimento técnico em alguma função, que ajude no esporte como ferramenta de educação, como uma oportunidade de vida para os jovens (A5).

O atleta A3, embora não definindo o que fazer, pretende estar vinculado ao esporte que pratica:

Ah... eu já parei pra pensar em ser um treinador... um técnico de ginástica... pensei bastante já... mas também penso em... em ter projetos em... benefício social de... que possa ajudar o esporte mas... melhor uma coisa que você tenha tempo, né? (A3).

Grande parte dos trabalhos sobre transições da carreira esportiva vem abordando variados aspectos da “aposentadoria” de atletas profissionais e os aspectos positivos e negativos deste acontecimento (Botterill, 1983; Crook; Robertson, 1991; Sinclair; Orlick, 1993; Murphy, 1995; Stambulova, 1997; Taylor; Ogilvie, 1998; Schmidt, Huang; Hackfort, 1999; Schmidt; Hackfort, 2001; Huang, Schmidt; Hackfort, 2001; Gordon, Lavalée; Grove, 2005; Lavalée, 2006).

As causas mais comuns de aposentadoria esportiva identificadas por esses estudos são a idade, lesões, escolha própria e o processo seletivo. Apesar de o assunto ser alvo constante de reportagens na mídia, pouco se sabe sobre os instrumentos de suporte social e familiar que os jovens atletas brasileiros possuem. Wurth, Alfermann e Sabrowski (1999) fizeram um estudo sobre os fatores pessoais e sociais que contribuíram para o término da carreira esportiva de jovens atletas alemães e perceberam que aqueles que buscam o alto nível, precisam do apoio dos pais para alcançá-lo.

No Brasil, todavia, pesquisas já identificaram diferenças no tipo de apoio familiar e financeiro que atletas de diferentes classes sociais recebem ao longo de sua carreira esportiva (Rabelo, 2002; Vianna Júnior, 2002; Salmela; Moraes, 2003; Vianna Júnior; Rabelo; Mourthe; Salmela, 2005).

Diante disso, segundo Alfermann e Stambulova (2007), o modelo mais recente que pode ser aplicado a qualquer fase é o de transição da carreira atlética. Os princípios desse modelo baseiam-se na capacidade do atleta de mobilizar recursos para lidar com a transição e as dificuldades encontradas. Os recursos do atleta envolvem fatores primários e secundários: capacidade intelectual, habilidades, traços de personalidade, motivação, disponibilidade de apoio social e financeiro. Da mesma forma, as dificuldades envolvem fatores primários e secundários: falta de conhecimento ou habilidades, conflitos interpessoais, falta de condições de treinamento, falta de apoio social e financeiro. O modelo sugere, ainda, intervenções preventivas e até mesmo intervenções psicoterápicas ou clínicas, quando se torna evidente que o atleta está em crise.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desafio de desenvolver uma investigação sobre a excelência no esporte, em especial com atletas medalhistas olímpicos brasileiros, foi uma verdadeira aventura. Navegamos em mares desconhecidos, em cada porto, as incertezas prevaleciam, pois a performance de elite, para atingir o alto nível, estreita uma relação muito íntima em acumular incontáveis horas de treino, desenvolvimento de competências, contabilizando anos de especialização para se materializar em momentos decisivos.

Por vezes, questionamos: Qual o rumo? Quais condições? Qual condução? O tempo? O treino? A folga? O espaço? Procurando contribuir para uma melhor compreensão do desenvolvimento desportivo dos atletas e analisando as suas falas, no sentido de perceber o trajeto para o alto rendimento.

No decorrer de todo o processo, transitamos do desconhecido para uma nova descoberta, das incertezas às certezas e um ponto que merece destaque foi percebermos quão grandiosa é a pessoa humana. O que buscamos nas histórias de vida de cada atleta medalhista olímpico e no conhecimento de cada professor sobre o esporte de excelência encontramos em cada um deles atenção, cuidado, carinho refletido em um abraço, aperto de mão, em uma fotografia e também no convite “[...] ah, se não tiver como retornar a sua cidade, venha para minha casa”.

Fomos além do que procurávamos, pois interagimos não só com atletas de excelência, mas, principalmente, com pessoas humanas exuberantes na excelência. Interagimos com a delicadeza, o acolhimento e a empatia. Os desafios foram superados nos gestos de apoio, atenção e confiança expressos por cada um dos sujeitos que, de algum modo, se envolveram na pesquisa.

As pesquisas que procuram discutir e esclarecer elementos relacionados à excelência no esporte atraem a atenção de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Apesar da importância imputada, inicialmente aos aspectos genéticos, psicológicos e desempenho pessoal, novos olhares têm despertado o interesse para as questões socio-culturais. Especificamente, com o propósito de conhecer os aspectos que os atletas medalhistas olímpicos brasileiros consideram importantes para o desenvolvimento da excelência no desporto, deparamo-nos, inicialmente, com a compreensão dos sujeitos sobre a excelência, uma vez que vivem ou já tiveram contatos com o esporte de rendimento.

Ter ciência de como esses sujeitos concebem o espaço em que habitam nos ajudou a vislumbrar novos horizontes, já que a concepção de esporte de excelência percorre todo o processo formativo do atleta

de alto rendimento. As falas revelaram que não podemos figurar a excelência no esporte de forma reducionista, olhando para o significado da expressão ou para sua culminância, ao contrário, deve-se pensá-la em uma dimensão complexa, buscando compreender todos os elementos ligados ao fenômeno esportivo.

Para os sujeitos, o abarcamento do esporte de excelência remete à formação do atleta voltada para a cidadania plena e participativa através de profissionais e educadores físicos qualificados com o trato esportivo em todo o percurso da educação básica, afinal, a escola deve ser um espaço educativo em que ocorram os primeiros contatos formais curriculares para a cultura corporal do movimento e do gestual.

Nessa linha de pensamento, em nosso estudo, chegamos à compreensão de esporte de excelência como manifestação sociocultural que exige do atleta uma formação básica direcionada para a cidadania, de estrutura física com qualidade, equipamentos e recursos financeiros, que não careça de profissionais capacitados com alto nível de conhecimentos específicos, práticos e científicos que preparem o desportista para alcançar os melhores resultados nos jogos olímpicos.

Com a compreensão de esporte de excelência estabelecida através dos dados verbais, percorremos por mais um aspecto que julgamos essencial para compor a obra final. De modo a acreditar que o atleta é o ator principal da cena, presumimos ser de fundamental valia elucidar as características que compõem a excelência. E, para tal, evocamos suas falas para apontar tais características. Assim, o conjunto da obra é permeado por características de ordem interna e externa, direcionando a mais um elemento que irá compor a obra final, no caso, os fatores determinantes no processo de carreira dos atletas medalhistas olímpicos.

Em conformidade com os dados apresentados sobre os fatores primários e secundários, cabe-nos ressaltar as dimensões abstraídas das análises que encaminharam para as seguintes considerações: Os fatores primários foram distribuídos (de acordo com o estudo) da seguinte forma: psicológico, cognitivo, emocional, desempenho pessoal; Os fatores secundários foram distribuídos (de acordo com o estudo) do seguinte modo: socioafetivo, financeiro, políticas públicas, socioprofissional, socioinstitucional, socioeducacional). Sendo os mais valorizados: socioafetivo, socioeducacional e políticas públicas.

Dentre os fatores primários, nessas considerações, chamamos atenção para as dimensões cognitiva e emocional. Outro aspecto que requer prudência é o posicionamento da dimensão da espiritualidade na arena do fenômeno esportivo. Esse entendimento é decorrente das reflexões empreendidas sobre a complexidade desse elemento, em es-

pecial, no campo da excelência no esporte, e, por essa razão, assumimos, de maneira consciente, o não enquadramento desta dimensão nos fatores primários e secundários.

O que caracteriza a dimensão cognitiva são os conhecimentos que atletas e profissionais devem ter na preparação rumo ao pódio. Esses conhecimentos transcorrem desde a abordagem de ensino que o profissional de Educação Física elege para ministrar suas aulas, passando pelo pensamento crítico e resolutivo dos atletas, até chegar aos conhecimentos específicos dos profissionais que atuam na formação especializada de cada atleta.

A dimensão emocional aqui é caracterizada como a paixão, o prazer, a afinidade e o gosto pela prática esportiva, que torna o atleta capaz de enfrentar a dor e não desistir mediante as dificuldades.

Para a dimensão da espiritualidade, Deus, fé e crença são os alimentos que ajudam os atletas no enfrentamento de suas maiores dificuldades. Essas três dimensões, de acordo com nossa amostra, podem influenciar, de maneira significativa, o percurso de vida de um atleta medalhista olímpico.

Quanto aos fatores determinantes secundários, as dimensões socioafetiva, políticas públicas e socioeducacionais merecem um olhar diferenciado.

Começamos pelas relações estabelecidas e apresentadas como determinantes na carreira dos atletas. A família, mães, pais, avós, irmãos, professores e técnicos são apresentados, não só como um apoio, vai bem mais além. Essas pessoas vestem os sonhos dos atletas e se entregam aos seus objetivos, se dedicam intensamente, sofrem com as dificuldades e se contentam com as conquistas como se eles estivessem no pódio olímpico. É uma relação abastecida de afeto e confiança, ou é a mão que não deixa cair ou desistir.

Com relação às políticas públicas, há uma expressividade de atletas brasileiros originários de classe social vulnerável, que treinaram em projetos comunitários e programas sociais criados para ocupar o tempo de crianças e adolescentes residentes em área de alto risco social, ou seja, em situação de vulnerabilidade.

Alguns dos atletas entrevistados iniciaram sua trajetória para o pódio em programas sociais com foco no desporto. O curioso é que alguns atletas já trabalham com programas com esse fim e outros já têm a mesma pretensão. A justificativa para a implantação de um programa voltado para as classes menos favorecidas está na formação do sujeito enquanto cidadão e na possibilidade de ser também um atleta de sucesso.

A dimensão socioeducacional foi fortemente mencionada pe-

las duas categorias de sujeitos. Nossas considerações finais apontam a educação como um fator determinante para a construção da carreira de atletas de excelência.

A educação proporciona a formação de sujeitos críticos, reflexivos e autônomos e contribui para a formação de um atleta capaz de refletir sua realidade, emitir críticas e ter autonomia para transformá-las; e o esporte se apresenta como mais uma possibilidade de contribuição para a formação de crianças e adolescentes, pois através das vivências em diferentes práticas esportivas, a pessoa em formação pode aprender a viver em sociedade, com mais resiliência no enfrentamento das dificuldades. Em suma, a prática esportiva poderá garantir uma formação para a vida.

A trilogia educação/escola/esporte está diretamente ligada ao processo de formação do atleta. Não podemos negar a importância dessa tríade no equilíbrio entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, tendo a capacidade de unir pessoas, classes e países, neutralizando divergências ideológicas e amenizando posições políticas divergentes.

Assim, diante dos objetivos propostos no início do estudo, e tendo como ponto de partida conhecer quais os aspectos que os atletas medalhistas olímpicos brasileiros consideram importantes para o desenvolvimento da excelência no desporto, inferimos que os atletas apontam elementos enquadrados nos fatores primários e secundários como determinantes para construção de suas carreiras, no entanto, os fatores secundários predominam nas falas, na proporção em que apontam as relações estabelecidas com as pessoas mais próximas, as contribuições oriundas das políticas públicas, a educação básica e as instituições formadoras com uma maior frequência e destaque.

Por último, na fala dos atletas medalhistas olímpicos, foram destacados aspectos das políticas públicas e espiritualidade como determinantes no processo de carreira de um atleta medalhista olímpico. Eles pensam o esporte como uma possibilidade de interferir na formação de crianças e adolescentes e que a conquista do pódio olímpico representa todo o processo de construção de carreira, pelo qual vários fatores foram determinantes, ou seja, desde o primeiro contato, o apoio da família, os conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física, a fé, a determinação, o sonho, todos favorecem a chegada ao pódio.

O estudo evidencia que alcançar a excelência é um processo transdimensional, isso em razão de existir uma interação entre as dimensões, não somente se restringindo a uma fase de vida do atleta, ao propor uma ligação articulada entre todas as dimensões, uma vez que não se consegue separar o eu-atleta do contexto que o cerca. Assim, o

alcance da excelência no esporte é estabelecido por um conjunto de fatores: psicológicos, biológicos, educacionais, emocionais, espirituais, sociais, financeiros, institucionais, cognitivos e de políticas públicas.

Sendo assim, a proposta da trajetória de carreira de um atleta de excelência mostra a relação entre todos os fatores primários e secundários. As fases foram estabelecidas do seguinte modo: i) fase de descoberta – período em que o atleta tem o primeiro contato com o esporte, de forma desinteressada, que pode ser na rua, na escola, no parque, no clube e acompanhado por familiares e amigos; ii) fase de iniciação – período em que o atleta começa a praticar o esporte com mais regularidade, quer seja na escola ou no clube, com o apoio da família e do professor; iii) fase de especialização – período em que o atleta treina de forma sistematizada e passa a participar de competições de menor expressividade; iv) fase de afirmação – período em que o atleta passa a se dedicar mais aos treinos e que seus resultados o consolidam entre os melhores do *ranking*; v) fase da consagração – período em que o atleta consegue atingir o ápice de sua carreira nos maiores eventos esportivos do planeta; vi) fase do regresso à sociedade – período em que o atleta deixa de praticar o esporte de alto rendimento e retorna a desempenhar outros papéis na sociedade.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, A.; COLLINS, D. Eliminating the dichotomy between theory and practice in talent identification and development: considering the role of psychology. **Journal of Sports Sciences**, v. 22, n. 5, p. 395-408, 2004.

ALBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi, revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALCÂNTARA, H. A Magia do esporte: negócios, transações e personagens. **Estudos Avançados**, n. 20, 2006.

ALFERMANN, D., & STAMBULOVA, N. Career transitions and career termination. In: TENENBAUM, G.; EKLUND, R. C. (Eds.). **Handbook of sport psychology**. (3rd ed.), New York, NY: Wiley, 2007, p. 712-736.

ALMEIDA, L. S.; WECHSLER, S. M. Excelência profissional: a convergência necessária de variáveis psicológicas. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 32, n. 4, p. 767-775, 2015. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000400019>. Acesso em: 10 out. 2018.

ALMEIDA, M. A. B.; GUTIERREZ, G. L. Esporte e sociedade. **EF-**

Deportes.com, Revista Digital. Buenos Aires, n. 133, p. 1-8, 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd133/esporte-e-sociedade.htm>. Acesso em: 08 set. 2018.

AMAT, M.; BATALLA, A. Deporte y Educacion em Valores. **Revista Candidus**, Año 1, n. 12, Nov/dez, 2000.

ANTUNES, F. R.; BOLSONI, J.; KRUG, H. N. Histórias de vida de professoras de educação física: reflexões sobre as trajetórias formativas. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 8, n. 16, agosto/dezembro de 2013. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1707>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BAILEY, R. P.; MORLEY, D. Towards a model of talent development in physical education. **Sport, Education and Society**, v. 11, n. 3, p. 211-230, 2006. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13573320600813366?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BAKER, J.; CÔTÉ, J.; ALBERNETHY, B. Learning from the experts: practice activities of expert decision makers in sport. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Illinois, v. 74, n. 3, p. 342-347, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Joe-Baker-8/publication/9080320_Learning_from_the_Experts_Practice_Activities_of_Expert_Decision_Makers_in_Sport/links/02e7e5214f61d1211c000000/Learning-from-the-Experts-Practice-Activities-of-Expert-Decision-Makers-in-Sport.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

BAKER, J.; HORTON, S. A review of primary and secondary influences on sport expertise. **High Ability Studies**, v. 15, n. 2, December 2004. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=a-d3f7ef5ce9d575c2934686f0482c60151862d37>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BARBANTI, V. **Dicionário de Educação Física e esporte**. 2. ed. Barueri/SP: Manole, 2003.

BARBOSA, C. L. A. **Educação física e filosofia: a relação necessária**. Petrópolis: Vozes; 2015.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BARRETO, M. A. **Esporte paraolímpico brasileiro: vozes, histórias e memórias de atletas medalhistas (1976 – 1992)**. Universidade de Campinas (Unicampi), Campinas-SP. 2016 (Tese de doutorado). Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/970925>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 237-49, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/>

<index.php/Movimento/article/view/2811>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BECKER JR., B. **Manual de psicologia do esporte e exercício**. Porto Alegre: Nova Prata, 2000.

BENTO, J. O.; CONSTANTINO, J. M. **Em defesa do desporto: Mutações e Valores em Conflito**. Coimbra - Edições Almeida, AS. C, 2007.

BENTO, J. O. **Do Desporto como um Projeto Ético. Para uma mudança nas mentalidades e atitudes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

BENTO, J. O. **Ética e Compromisso Social nos Estudos Olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

BERNARDINHO. **Carta a um jovem atleta: Determinação e talento: o caminho da vitória**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

BERTAUX, D. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Trad. Zuleide Alves Cardoso Cavalcante, Denise Maria Gurgel Levallée. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

BETTI, M. **A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física**. 4. ed. Campinas: Papyrus, 1998. (Coleção Fazer/Lazer).

BETTI, M. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: Unijuí, 1997.

BLOOM, B. **Talent development in young people**. New York, NY: Ballantine, 1985.

BÖHME, M. T. S. **Esporte Infantojuvenil**. São Paulo: Phorte, 2011. Cap.11, p.257 – 282.

BOSI, É. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BOTTENBURG, M. SHIBLI, S. **A Conceptual Framework For Analysing Sports Policy Factors Leading To International Sporting Success**. European Sport Management Quarterly. 2006. 6. 10.1080/16184740600955087.

BOTTERILL, C. Retirement and detraining foreword: what endings tell us about beginnings. In: ORLICK, T.; PARTINGTON, J. T.; SALMELA, J. H. **Mental training for coaches and athletes**. Ottawa, Canada: Coaching Association of Canada, 1983, p. 164-166.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRACHT, V. **Educação Física & Ciência**: Cenas de um casamento (in)feliz. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007. 160 p. (Coleção Educação Física).

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí-RS: Unijuí, 2011.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. 3 ed. Ijuí: Unijuí. 2005. Coleção educação física.

BRACHT, V; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n 23, p. 87-101, maio, 2003. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/765/439>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRACHT, V; PIRES, R.; GÁRCIA, S. P.; SOFISTE, A. F. S. A prática pedagógica em educação física: a mudança a partir da pesquisa-ação. **Revista Brasileira das Ciências do Esporte**, v. 23, n. 2, p. 9-29, 2002. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/267>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRANDÃO, L. O esporte e a escrita da história: novos desafios. **Revista CES**, v. 24, Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cesRevista/issue/view/31/showToc>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – Educação Física”. Brasília, 1997.

BRASIL. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. **Código Penal**. Rio de Janeiro, RJ, 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm. Acesso em: 14 nov. 2018.

BRASIL. **Parecer CNE/CES 058/2004**, de 18 de fevereiro de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física. Brasília, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/pces058_04.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRASIL. **Resolução CNE/CP 01/2002**, de 18 de fevereiro de 2002. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf. Acesso em: 29 mar. 2024.

BRASIL. Lei nº 3071, de 01 de janeiro de 1916. **Código Civil dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, RJ, 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm. Acesso em: 14 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e

Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Educação Física. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997a.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Apresentação dos Temas Transversais, Ética. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/esporte-e-lazer-da-cidade/programa-esporte-e-lazer-da-cidade-pelc>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: Acesso em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm. 10 mar. 2023.

CACHADA, J. M. L. S. **Estudo a Partir da Vida de Nuno Delgado**: Porto. Tese de Doutorado da Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Porto, 2013.

CACHADA, J. M.; ARANHA, A. ROCHA, A. MARINHO, T. **Nuno Delgado**: Uma história de vida, um ensaio para excelência. Portugal, CERPSI, 2016.

CANCELLA, K. B. **O esporte e as forças armadas na Primeira República**: das atividades gymnasticas às participações em eventos esportivos internacionais (1890-1922). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2014.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**: educação como componente curricular. 3 ed. Vitória: CEFD/UFES, 2007.

CARNEIRO, Fernando Henrique Silva; TEIXEIRA, Marcelo Resende; PEREIRA, Cláudia Catarino; HUNGARO, Edson Marcelo & MASCARENHAS, Fernando. Orçamento do esporte no governo Dilma: a primazia dos interesses econômicos e o direito escanteado, **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Volume 41, Issue 4, 2019, Pages 343-349, ISSN 0101-3289, <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.032>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328917301026>. Acesso em: 29 mar. 2024.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física, Esporte e Lazer**: Reflexões Nada Aleatórias. Campinas: Autores Associados, 2013. 144 p. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).

CASTRO, L. **Memórias de chumbo – o futebol nos tempos do con-**

dor. Brasil: ESPN Brasil, 2012.

CELESTINO, T. **A excelência no desporto: estudo do seu desenvolvimento em atletas de elite na orientação.** Tese de doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real, 2015.

CELESTINO, T.; LEITÃO, J. C.; PEREIRA, A. **A Excelência no desporto Orientação.** Portugal, 1 ed. Federação Portuguesa de Orientação. 2016.

CHARMAZ, K. C. **Constructing Grounded Theory.** Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2006.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992.

CONDURÚ, M. T.; MOREIRA, M. C. R. **Produção científica na universidade: normas para apresentação.** Belém: Eduepa, 2007.

CORTELA, C. C. et al. Tenistas Top 100 – um estudo sobre as idades de passagens pelos diferentes marcos da carreira desportiva. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 1-17, 2010.

CORTELLA, M. S. **Qual é a tua obra?: inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética.** 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CORRÊA, D. K. A. et al. Excelência na produtividade: A performance dos jogadores de futebol profissional. **Revista Eletrônica – SCIELO - Brasil. Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, n. 2, Porto Alegre, 2000.

CÔTÉ, J. The influence of the family in the development of talent in sport. **The Sport Psychologist**, Champaign, v. 13, p. 395-417, 1999.

CÔTÉ, J.; STRACHAN, L.; FRASER-THOMAS, J. Participation, personal development, and performance throughsport. In: HOLT, N. L. (Ed.). **Positive youth development through sport.** London: Routledge, 2008. p. 34-45.

COUSINEAU, P. **O ideal olímpico e o herói de cada dia.** Trad. D. Azevedo. São Paulo: Mercuryo, 2004.

COUTINHO, P. C. **Metodologia da Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática.** Coimbra-PT: Edições Almedina, S.A., 2014.

COUTINHO, P. A. S. **O percurso para excelência no desporto: Estudos Retrospectivos de Fatores de Treino e Psicossociais em Voleibolistas Portugueses.** Porto/PT. Dissertação de Doutoramento em Ciências do Desporto da Universidade do Porto, Porto, 2014.

CROOK, J. M., ROBERTSON, S. E. (1991). Transitions out of elite sport. **International Journal of Sport Psychology**, 1991. 22(2), 115-

CULROSS, R. R. A Talent Development Perspective on the Olympic Athlete. **American Journal of Sports Science and medicine**, v. 3, n. 5, p. 108-111, 2015. Disponível em: <http://pubs.sciepub.com/ajs-sm/3/5/4>. Acesso em: 08 ago. 2018.

CUNHA, G. R. **Galileu é meu pesadelo**. [Recurso eletrônico] - Passo Fundo: Editora CGR, 2012. ISBN 978-85-64997-33-2 Crônica. -Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 118p.; E-book.

CUNHA, M. S. V. **Educação física ou ciência da motricidade humana?** Campinas: Papirus, 1989.

CYRULNIK, B. **Autobiografia de um espantelho**: Histórias de Resiliência. O retorno à vida. Trad. C. Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DAOLIO, J. **Educação Física e o Conceito de Cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004, p. 13; 18; 22; 25.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. (Comp.). **Educação Física na Escola**: Implicações para a prática pedagógica. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. (Educação Física no Ensino Superior).

DAVIDS, K., & BAKER, J. GENES, environment and sport performance. Why the nature nurture dualism is no longer relevant. **Sports medicine**, 2007. 37, 961–980.

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. 3. ed. Trad. S. Homero e M. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Coleção Clássicos WMF).

DESCARTES, R. **Meditações Metafísicas**. 3. ed. Trad. Homero Santiago & Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011. (Coleção Clássicos WMF).

DESPORTO. In: **Dicionário de Português online Léxico**. Porto: 7Graus, 2017. Disponível em: <<https://www.lexico.pt/desporto/>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

DIAS, N. C. M. **O percurso desportivo de atletas de alta competição no atletismo**: Conciliação Entre Sucesso Desportivo E Sucesso Escolar. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto) – Universidade De Trás-Os-Montes E Alto Douro: Vila Real, 2013.

DRUMOND, M. Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. **Est. Hist.**, v. 22, n. 44, p. 398-421, jul./dez. 2009.

DUARTE, R. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115/a05n115.pdf>. Acesso em: 10 set. 2018.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: NORBERT, E.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

DURAND-BUSH, N.; SALMELA, J. H. The development and maintenance of expert athletic performance: perceptions of world and olympic champions. **Journal of Applied Sport Psychology**, Cardiff, n. 14, p.154-171, 2002.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EINSTEIN, A. **Como vejo o mundo**. Trad. H. P. de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ELIAS, N. A génese do desporto: um problema sociológico. In: NORBERT, E.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992a.

ELIAS, N. Ensaio sobre o desporto e a violência. In: NORBERT, E.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992b.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ERICSSON, K. A., RORING, R. W., NANDAGOPAL, K. Misunderstandings, agreements, and disagreements: Toward a cumulative science of reproducibly superior aspects of giftedness. **High Ability Studies**, n. 18, p. 97-115, 2007.

ERICSSON, K. A.; KRAMPE, R. T. H.; TESCH-ROEMER, C. (1993). O papel da prática deliberada na aquisição de desempenho de peritos. **Psychological Review**, 1993. 100, 363- 406.

ESPORTE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2017. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/esporte/>. Acesso em: 09 abr. 2017.

FERREIRA, A. B. **Miniaurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FILHO, Mário. **O Negro no Futebol**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010, 307p.

FILIN, V. P.; VOLKOV, V. M. **Seleção de talento no desporto**. Londrina: Midiograf, 1998. 193p.

FIRMINO, C. B. **Sou atleta, sou mulher: a representação feminina**

sob análise das modalidades mais noticiadas nas olimpíadas de Londres 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação), da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Universidade Estadual Paulista: Bauru, 2014.

FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Trad. C. C. Roberto. Cons., Sup. e Rev. Téc. Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009a.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Trad. J. E. Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009b, 405p.

FLICK, U. **Métodos qualitativos na investigação científica**. 1. ed. Trad. A. M. Pereira. Lisboa: Ed. Monitor, 2005.

FLICK, U. **An Introduction to Qualitative Research**. London: Sage Publications, 1998, 293p.

FOLLE, A., COLLET, C., SALLES, W. D. N. e NASCIMENTO, J. V. D. Transitions in the process of female basketball players' development. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p.477-490, 2016.

FRANÇOSO, S. **Cruzando fronteiras curriculares: a Educação Física no enfoque cultural na ótica de docentes de escolas municipais de São Paulo**. 2011. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e ação na sala de aula).

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

- FREIRE, P. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 1995.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- FREITAS, D. M.; CARVALHO, M. J.; COSTA, I. T.; FONSECA, A. M. Liderança dos presidentes das federações olímpicas brasileiras: análise da autopercepção das competências em função da formação acadêmica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 1, n. 15, p. 79-98, 2015.
- GAGNÉ, F. Transforming gifts into talents: the DMGT as a developmental theory. **High Ability Studies**, v. 15, n. 2, p. 119-147, 2004.
- GAGNÉ, F. Ten commandments for academic talent development. **Gifted Child Quarterly**, v. 51, n. 2, p. 93-118, 2007.
- GALLAHUE, D. L.; DONNELLY, F. C. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. 4. ed. São Paulo: Phorte, 2008.
- GALATTI, Larissa Rafaela. **Esporte e clube sócio-esportivo: percurso, contextos e perspectivas a partir de estudo de caso em clube esportivo espanhol**. 2010. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.
- GALATTI, L. F.; PAES, R. R.; MACHADO, G. V.; GONÇALVES, C. E. B.; SEOANE, A. M. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da seleção brasileira na perspectiva das atletas. **Rev. Educ. Fis/UEM**, v. 26, n. 4, p. 621-632, out./dez. 2015.
- GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. **Revista Movimento & Percepção**. Espírito Santo

do Pinhal, SP, v. 6, n. 9, jul./dez. 2006, p.16-25.

GALATTI, L. R. **AFEs, Desenvolvimento Humano e Esporte de Alto Rendimento**. PNUD. 2017. 1. 1.

GARCIA, R. P.; CUNHA, A. C. **Jogos Olímpicos: Sob o Signo da Utopia**. Lisboa: Visão e Contextos, Edições e Representações Lda., 2016.

GARCIA, R. P.; LEMOS, K. **Temas (quase éticos) de desporto**. Belo Horizonte. Casa da Educação Física, 2005. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/ximenes/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

GÁRCIA, R. P., PORTUGAL, P. O desporto e histórias de vida. Proposta de um novo itinerário, a partir de uma visão personalista. *Spot and life stories. A proposal for a new itinerary based on a self concept. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*. 2009. 9(1), 90-102.

GEBARA, A. Educação Física e Esportes no Brasil: Perspectivas (na história) para o Século XXI. In: MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física & Esportes: Perspectivas para o Século XXI**. Campinas, SP: Papirus, 1992.

GILGUN, J. Writing up qualitative research. In: LEAVY, P. (Ed.). **The Oxford Handbook of Qualitative Research**. New York: Oxford University Press, 2014, p. 658-676.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, p. 20-29, mai./jun. 1995.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 3. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 1999.

GOMES, Gustavo. **Segredo do Campeão**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

GONÇALVES JUNIOR, L. **Cultura corporal: alguns subsídios para sua compreensão na contemporaneidade**. São Carlos: EdUFSCar, 2003.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2008.

GORDON, S., LAVALLEE, D.; GROVE, J. R. Career assistance program interventions in sport. In: HACKFORTH, D.; DUDA, J.; LIDOR, R. (Eds.). **Handbook of research in applied sport and exercise psychology: International perspectives**. 2005 (p. 233-243). Morgantown, WV: Fitness Information Technology.

GUBA, E., & LINCOLN, Y. Paradigmatic controversies, contradictions and emerging confluences. In: N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.),

The Sage Handbook of Qualitative Research, 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage Publications. 2005.

GUIRALDELLI, P. J. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico social dos conteúdos e a educação física brasileira**. São Paulo-SP: Edições Loyola, 1991.

GUTTMANN, A. **From Ritual to Record: the nature of modern sports**. New York: Columbia University Press, 1978.

HAHN, E. **Entrenamiento con niños**. Barcelona: Martínez Roca, 1988.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. S. Beatriz. São Paulo: Centauro, 2003.

HARTIGH, R. J. R.; HILL, Y.; GEERT, P. V. The Development of Talent in Sports: a dynamic network approach. **Complexity**, 2018, Article ID 9280154, 13 pages. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2018/9280154>. Acesso em: 10 set. 2018.

HATJE, M. **Esporte e sociedade: uma relação pautada pela mídia**. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br>. Acesso em: 31 ago. 2010.

HEGEL, G.; WILHELM F. **Fenomenologia do espírito**. 6. ed. Trad. Paulo Menezes. Editora vozes: Brasil, 2009. (Coleção Pensamento Humano).

HELAL, R. **Passes e impasses: esporte e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HENRIKSEN, K.; STAMBULOVA, N.; ROESSLER, K. K. Successful talent development in track and field: considering the role of environment. **Scandinavian Journal of Medicine of Science Sports**, Malden, v. 20, p. 122-132, 2010. Sup. 2.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; TAFFAREL, C. Z. (Orgs.). **Currículo e Educação Física: Formação de Professores e Práticas Pedagógicas nas Escolas**. Ijuí: Unijuí, 2007. 472 p. (Coleção Educação Física).

HIRAMA, L. K.; MONTAGNER, P. C. Algo para além de tirar da rua: o ensino do esporte em projeto socioeducativo. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 1, p. 149-164, jan./mar. 2012.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOHMANN, A.; SEIDEL, I. Aspects of talent development. **International Journal of Physical Education**, Washington, D.C., v. 40, n. 1, p.9-20, 2003.

HUANG, Z.; SCHMIDT, U.; HACKFORT, D.; SI, G. Career transition of former elite athletes: preliminary results of a cross-cultural study between China and Germany. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODORAKIS, Y. (Eds.). **The dawn of the new millennium**. Thessaloniki: Christodoulidi, 2001. v.3, p.151-3. (Program and proceedings).

HUBERMAN, M. O Ciclo de vida Profissional dos Professores. In: NOVOA, A. (Org.). **Vida de Professores**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2000.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. 4 ed. São Paulo-SP: Editora Perspectiva S.A., 2000.

IMBERNÓN, F. **Formação Permanente do Professorado**: novas tendências. Trad. S. T. Valenzuela. São Paulo: Cortez, 2009.

JAYANTHI, N.; PINKHAM, C.; DUGAS, L.; PATRICK, B.; LABELLA, C. Sports specialization in young athletes: evidence-based recommendations. **Sports Health**, v. 5, p.251-257, 2013.

JONKER, L.; ELFERINK-GEMSER, M. T.; VISSCHER, C. Talented athletes and academic achievements: A comparison over 14 years. **High Ability Studies**, v. 20, n. 2, p. 55-64, 2009.

JONKER, L., ELFERINK-GEMSER, M. T., DE ROOS, I. M. & VISSCHER, C. The Role of Reflection in Sport Expertise. In: **Sport psychologist**. v. 26, n. 2, p. 224-242, Jun-2012.

KARNAL, L. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2016.

KUNZ, E. **Educação física**: ensino e mudanças 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004. 160p. (Coleção educação física).

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. 7. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 160 p. (Coleção Educação Física).

KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física 2**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005. 160 p. (Coleção Educação Física).

KUNZ, E. (Org.). **Didática da Educação Física 1**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 160 p. (Coleção Educação Física).

LEITE, W. S. S. **Uma máquina de produzir ilusões**: a função social do esporte. Disponível em: <http://www.sanny.com.br>. Acesso em: 31 ago. 2010.

LEONTIEV, A.N. O desenvolvimento do psiquismo. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2004

LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. São Paulo: Loyola, 2008 (24. Ed.). 1. edição: 1985

LIMA, G. S.; NIERO, R. F. A visão sociológica de Pierre Bourdieu sobre o esporte. **Akrópolis**: Umuarama, v. 19, n. 2, p. 125-134, abr./jun 2011.

LINCOLN, Y., & GUBA, E. **Naturalistic Inquiry**. Newbury Park, CA: Sage Publications. 1985.

LINCOLN, Y., & GUBA, E. Paradigmatic controversies, contradictions and emerging confluences. In: N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), **The Handbook of Qualitative Research** (2nd Ed.), (p. 163-188). London: Sage Publications. (2000).

LIRA NETO. **Getúlio**: do governo provisório a ditadura do estado novo (1930-1945). 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

LUCENA, R. F. **O esporte na cidade**. Campinas: Autores associados, Chancela editorial, 2001. Coleção educação física e esportes.

LUCKESI, C. C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1990.

MAGNANE, Georges. **Sociologia do Esporte**. Coleção debates. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969.

MANSO, J.; GRANELL, J.; GIRÓN, P.; ABELLA, C. **El talento deportivo**: formación de élites deportivas. Madrid: Gymnos, 2003.

MARCO, A. (Org.). **Educação Física**: Cultura e Sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2006.

MARCONE, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARINHO, V. **O Esporte pode tudo**. São Paulo: Cortez, 2010. 3 v. (Coleção Questões da Nossa Época).

MARTINS, D. F. et al. **O esporte como papel de uma reunião social**. Disponível em: <http://www.facecla.com.br>. Acesso em: 30 ago. 2010.

MARTINS, J. M. R. R. **A influência da prática desportiva no talento desportivo**: investigação com atletas de elite e atletas comuns no futebol. 2011. Dissertação – Faculdade Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa: Lisboa, 2011.

MARTINS, M. J. Educação Física Escolar. In: SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV, A. N. (Orgs.). **Educação Física: Conhecimento teórico X Prática Pedagógica**. Porto Alegre: Mediações, 2002.

MATIAS, Wagner Barbosa. A “solução Temer” e a política esportiva. **Rev Bras Ciênc Esporte**. 2021; 43: e004721. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/W5FjGP7KpPP9nNkfrCzwtpm/?format=pdf>. Acesso em: 29 mar. 2024.

MATIAS, Wagner Barbosa. A necropolítica esportiva do governo Bolsonaro (2019-2020). **Rev. Motriviv.**, Florianópolis, v. 33, n. 64, e80435, 2021. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175=80422021000100400-&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2024. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2021.e80435>.

MATOS, D. S.; CRUZ, J. F. A.; ALMEIDA, L. S. Excelência no Desporto: Para uma compreensão da arquitetura psicológica dos atletas de elite. **Motricidade**, v.7, n. 4, p. 27- 41. ISSN 1646-107X. 2011.

MATOS, Z. Contributos para a compreensão da pedagogia do desporto. In: TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara- Koogan, 2006, p. 154-184.

MEDINA, J. P. S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. 26. ed. Campinas: Papirus, 2013.

MELO, V. A. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil: panorama e perspectivas**. 4. ed. São Paulo: Ibrasa, 1999.

MENICUCCI, T. M. G.. Políticas públicas de lazer: questões analíticas e desafios políticos. In: LINHALES, M; ISAYAMA, H. F. (Orgs.). **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 136-164.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o Espírito**. Trad. P. Neves; M. E. G. G. Pereira. 1. ed. Brasil: Cosac & Naify, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Trad. C. A. R. Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Tópicos)

MESTRE, A. M. **Direito e Jogos Olímpicos**. Coimbra: Edições Almedina, 2008.

MESQUITA, I; GRACA, A.. Modelos instrucionais no ensino do desporto. In: MURPHY, S. Transitions in competitive sports: maximizing individual potencial. In: MURPHY, S. (Ed.). **Sport psychology interventions**. Champaign: Human Kinetics, 1995. p.331-45. of Sport Psychology). of the 10th World Congress of Sport Psychology).

MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOLLI, F. R.; SOUZA, D. L.(Org.). **Es-**

- porte e Lazer:** Subsídios para o Desenvolvimento e a Gestão de Políticas Públicas. Jundiaí: Fontoura, 2006. p.142
- MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOLLI, F. R.; SOUZA, D. L. (Org.). **Políticas Públicas e Esporte.** Várzea Paulista: Fontoura, 2014. 288 p.
- MONTAGNER, P. C. **Estudos em pedagogia do esporte de crianças e jovens:** análises, olhares e desafios teóricos. - Campinas, SP: [s.n], 2015. Tese (livre docência) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1963.
- MONTANDON, I. **Educação física e esporte nas escolas de 1º e 2º graus.** v. 2. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Villa Rica, 1992.
- MONTEIRO, A. O. **Desporto:** da excelência a virtude um caminho de vida para crianças e jovens. Tese (Doutorado em Educação Física) Instituto da Criança – Universidade do Minho: Braga, 2007.
- MORAES, L. C.; RABELO, A. S.; SALMELA, J. H. Papel dos Pais no Desenvolvimento de Jovens Futebolistas. **Psicologia: Reflexão e Crítica,** v. 17, n. 2, p. 211-222, 2004.
- MORÉ, I; BETING, M. **Neymar:** conversa entre pai e filho. São Paulo: Universo dos Livros, 2013.
- MOREIRA, W. W. (Org.). **Educação Física & Esportes:** Perspectivas para o Século XXI. Campinas/SP: Papyrus, 1992. (Coleção Corpo e Motricidade).
- MORGAN, T. K., & GIACOBBI, P. R. Toward Two Grounded Theories of the Talent Development and Social Support Process of Highly Successful Collegiate Athletes. **The Sport Psychologist,** 2006. 20, 295-313. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1123/tsp.20.3.295>. Acesso em: 12 jul. 2018.
- MORIN, E. **A Religação dos saberes:** o desafio do século XXI. Trad. F. Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.
- MORIN, E. **Meu Caminho:** entrevistas com Djénane Kareh Tager. Trad. A. C. Carvalho; M. P. Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b. 378p.
- MORIN, E. **O método 6:** Ética. 4. ed. Trad. J. Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 12. ed. Trad. C. E. F. Silva; J. Sawaya. São Paulo: Cortez, 2007.
- MOURA, D. L. **Cultura e educação física:** uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2012.

MUNDIM, M. C. B. Fatores favorecedores e cerceadores da excelência feminina no esporte. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, v. 23, n. 242, jul. 2018.

MURAD, M. **Esporte de excelência**: dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

NAKATAL, E. **A transcrição de carreira de ex-atleta de rendimento**. Tese (Doutorado em Administração). Universidade de São Paulo: São Paulo, 2014.

NEGRINE, A. Instrumentos de Coletas de Informação na Pesquisa Qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVINOS, A. N. S. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na educação física**: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

NEIRA, M. G. **Educação Física**: desenvolvendo competências. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, M. G. **Educação Física**. São Paulo: Blucher, 2011. v. 8. (Coleção A reflexão e a prática de ensino).

NISTA-PICCOLO, V. L.; MOREIRA, W. W. **Esporte para a Vida no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2012. (Coleção Educação Física Escolar).

NOLETO, M. J. **Abrindo espaços**: educação e cultura para a paz. 4. ed. rev. Brasília: UNESCO, Fundação Vale, 2008. 109 p.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. Porto-Portugal: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, A. (Org.). **Vida de Professores**. Porto-Portugal: Porto Editora, 2000.

NUNES, C. C., & CUNHA, G. S. V. T. Estado e as Políticas Públicas Esportivas: O contexto brasileiro. **Revista da ALESDE**, Curitiba, 2014 SET. - 4(2), 04-15.

OLIVEIRA, S. A. **Reinventando o Esporte**: Possibilidades da Prática Pedagógica. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2010. (Coleção Educação Física e Esportes).

OLIVEIRA, S. A. **Reinventando o Esporte**: possibilidades da prática pedagógica. Campinas, SP: Autores Associados, Chancela Editorial CBCE, 2001.

PAÇHARES, M. F. S.; LOPES, F. T. P.; SOUZA JUNIOR, O. M. **Relações com o Esporte Espetáculo**. Curitiba, PR: CRV, 2016.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: Contextos e Perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: ROSE JR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, 2002. p. 89-98.

PAES, R. R. **Educação Física Escolar: O Esporte como Conteúdo Pedagógico do Ensino Fundamental**. Canoas: Ulbra, 2001. 136 p.

PAES, R. R.; GALATTI, L. R. Pedagogia do Esporte: o clube sócio-esportivo como uma nova possibilidade de ambiente. In: TANI, G. et al. (Org.). **Celebrar a Lusofonia: ensaios e estudos em Desporto e Educação Física**. 1. ed. Belo Horizonte: Casa da Educação Física, 2012. p. 421-442.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: o esporte educacional no contexto do clube contemporâneo. In: GONÇALVES, C. E. B. **Educação pelo Desporto e Associativismo Desportivo**. Porto: Edições Afrontamento, 2013. p. 85-110.

PALMA, A. P. T. V.; OLIVEIRA, A. A. B.; PALMA, J. A. V. **Educação Física e a Organização Curricular: Educação Infantil – Ensino Fundamental – Ensino Médio**. 2. ed. Londrina: Eduel, 2010.

PARRY, Jim. Sport and Olympism; Universals and Multiculturalism. **Journal of the Philosophy of Sport**, n. 33, v. 2, p. 188-204, 2006.

PATRÍCIO, M. (2008). Perenidade da Aretê como horizonte apelativo da Paideia. Sobre a excelência em educação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 8, n. 2, p. 287-295.

PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods** (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2002.

PAULO II, J. (2001). **Carta Encíclica Fides et Ratio do Sumo Pontífice**: Sobre as relações entre Fé e Razão. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEREIRA, A. M. A. **A Excelência Profissional em Educação Física e Desporto em Portugal**: perfil a partir de sete histórias de vida. Porto; Universidade do Porto, Faculdade do Desporto. Tese de Doutoramento da Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2001.

PEREIRA, A. M. A.; LEITÃO, J. C. **Metodologia de Investigação em Educação Física e Desporto**: introdução à metodologia qualitativa. Vila Real: Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, 2007.

PEREIRA, A. M. A. Histórias de Vida: Um outro olhar para o desporto. In: ROSADO, A. M.; CARLOS, C. (Orgs.). **Desporto e Atividade**

Física: métodos e técnicas de investigação qualitativa. Lisboa: Edição Faculdade de Motricidade Humana, 2012.

PEREIRA, A. M. A. **Como gerir a carreira competitiva das ginastas com talento para a obtenção do mais elevado rendimento em Portugal? dos resultados verificados num período de 40 anos ao papel dos treinadores neste processo.** Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra: Coimbra, 2014.

PERRENOUD, P. **Ensinar:** agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre, Artmed, 2001.

PERRENOUD, P; THURLER, M. G.; MACEDO, L.; MACHADO, N. J.; ALLESSANDRINI, C. D. **As Competências para ensinar no Século XXI:** A Formação dos Professores e o Desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002. (C. Schilling & F. Murad).

PHILLIPS, E.; DAVIDS, K.; RENSHAW, I.; PORTUS, M. Expert performance in sport and the dynamics of talent development. **Sports Med.**, v. 40, n. 4, p. 271-83, Apr. 1, 2010.

PIDGEON, N.; HENWOOD, K. Using grounded theory in psychological research. In: HAYES, N. (Ed.), **Doing Qualitative Analysis in Psychology.** Hove: Psychology Press, 1997, p. 245-273.

PINEAU, G.; GRAND, J. L. **As Histórias de Vida.** Natal: Edufrn, 2012. 181 p. Tradução de: Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividades docentes.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2007. (Saberes e docência).

POIRIER, J.; VALLADON-CLAPIER, S.; RAYBAUT, P. **Histórias de Vida:** teoria e prática. Trad. J. Quintela. Oeiras, PT: Celta editora, 1995.

POTRAC, P.; JONES, R. L.; NELSON, L. Interpretivism. In: NELSON, L.; GROOM, R. & POTRAC, P. (Eds.). **Research Methods in Sports Coaching.** Milton Park: Routledge, 2014, p. 31-41.

PRIORE, M. D; MELO, V. A. (Org.). **História do Esporte no Brasil:** Do Império aos Dias Atuais. São Paulo: Unesp, 2009. 568 p.

RABELO, A. S. **O papel dos pais no desenvolvimento de jovens atletas de futebol.** 2002. 104f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

RÊDES FILHO, H. A. **Garrincha:** o herói mítico. Contribuição para o estabelecimento de uma História de Vida. Porto: Universidade do Porto, Faculdade do Desporto. Tese de Doutoramento da Universida-

de do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2012.

REICHER S.D.; HASLAM, S.A.; SMITH JR. Trabalhando em direção ao pesquisador: e conceptualizando a obediência dentro do paradigma de Milgram como seguidores baseados em identificação. **Perspect Psychol Sci**, v. 7, p. 315-324, 2012.

REILLY, T.; WILLIAMS, A. M.; NEVILL, A.; FRANKS, A. A multidisciplinary approach to talent identification in soccer. **Journal of Sports Sciences**, v. 18, p. 695-702, 2000.

RENAUD, M. (Org.). **Ética e Valores no Desporto**. Porto: Edições Afrontamento Ltda., 2014.

RENAUD, M. (Org.). Desporto Valor e Bem Ético: Vencer e Perder. In: TEIXEIRA, A.; MENDONÇA, J. T. (Orgs.). **Desporto, Ética e Transcendência**. Porto: Edições Afrontamento, 2016. Cap. 9. p. 111-127. (Coleção Ética no Desporto).

RESENDE, C. A. R. O esporte na política externa do Governo Lula: o importante é competir? **Meridiano** 47, vol. 11, n. 122, nov./dez. 2010, p. 35-41.

RODRIGUES, H. A.; DARIDO, S. C.; PAES, R. R. O esporte coletivo no contexto dos projetos esportivos de inclusão social: técnico-tático e sócio-educativo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 320-339, abr/jun, 2013.

RODRIGUES, N. **A pátria de chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. (Crônicas).

RODRIGUES, R. P.; PINTO, L. M. M.; TERRA, R.; DACOSTA, L. P. (Orgs.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

ROSA, R. L. A Política Nacional do Esporte e sua Relação com as Esferas Federal e Municipal. IN: MAZZADRI, F. M. (Org). **Políticas Públicas e Esportes**. 1 ed. Fontoura, 2014.

ROSADO, A. Investigação Interpretativa: uma visão geral. In: ROSADO, A. M.; CARLOS, C. (Orgs.). **Desporto e Atividade Física: métodos e técnicas de investigação qualitativa**. Lisboa: Edição Faculdade de Motricidade Humana. 2012. p.7-28.

ROSADO, A.; MESQUITA, I. (Eds.). **Pedagogia do Desporto**: Lisboa: Edições FMH, 2009. p. 39-68.

RÚBIO, K. **Atletas do Brasil Olímpico**. São Paulo: Kazuá, 2013. 296p.

RÚBIO, K. **Medalhistas Olímpicos Brasileiros: memórias, histórias**

e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, FAPESP, 2001.

RÚBIO, K. **O Atleta e o Mito do Herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RÚBIO, K. O imaginário da derrota no esporte contemporâneo. **Revista Psicologia e Sociedade**. São Paulo, n. 1, v. 18, p. 86-91, Jan/Abr. 2006.

RÚBIO, K. Rendimento esportivo ou rendimento humano? O que busca a da psicologia do esporte? **Revista Psicologia para América Latina**. México, n. 1, fev., 2011.

SÁ, A. L. **Consciência ética**. Curitiba: Juruá, 2008.

SALDAÑA, J. **Fundamentals of Qualitative Research**. New York: Oxford University Press, 2011.

SALMELA, J. H. Phases and transitions across sport careers. In: HACKETT, D. (Ed.). **Psycho-social issues and interventions in elite sports**. Frankfurt: Peter Lang, 1994. p. 11-28.

SALMELA, J. H.; MORAES, L. C. Development of expertise: the role of coaching, families and cultural aspects. In: STARKES, J. L.; ERICSSON, K. A. (Eds.). **Expert performance in sports: advances in research on sport expertise**. Champaign: Human Kinetics, 2003. p. 274- 94.

SANTOS, J. T. F. **A conciliação entre o desporto de alto rendimento e o sucesso escolar estudo centrado na região autónoma dos açores**. Dissertação (Mestrado em Ensino de Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário) – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro: Vila Real, 2015.

SANTOS, Marco Aurelio Goncalves Nobrega dos; NISTA-PICCOLLO, Vilma Leni. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. **Rev. Bras. Educ. Fis. Esporte** (Impr.). São Paulo, v. 25, n. 1, p. 65-78, Mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092011000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 fev. 2020.

SANTOS, S. G.; MORETTI-PIRES, R. O. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa Qualitativa Aplicada à Educação Física**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012. 236 p.

SARETTA, L. H. **Crônicas Douradas: Dramas, Conquistas e Mitos do Esporte**. Rio de Janeiro: Maquinária, 2010. 144 p.

SAVIANI, D. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2008. (Coleção Memória da Educação).

SCARPATO, M. et al (Org.). **Educação Física: como planejar as aulas**

na educação básica. São Paulo: Avercamp, 2007. 184 p.

SCHÜTZ, A. **The Phenomenology of Social World**. London: Heine-
mann, 1972.

SCHMIDT, U.; HACKFORT, D. Convergent and divergent results of a bi-national study on career transition of former French and German top athletes. In: PAPAIOANNOU, A.; GOUDAS, M.; THEODO-
RAKIS, Y. **The dawn of the new millennium**. Thessaloniki: Christo-
doulidi, 2001. v.3, p.5-7. (Program and proceedings of the 10th World
Congress of Sport Psychology).

SÉRGIO, M. O desporto como valor e educação do futuro. In: RE-
NAUD, M. (Org.). **Ética e Valores no Desporto**. Porto: Edições
Afrontamento Lda, 2014.

SILVA, C. M. P. **Atletas, seus feitos e histórias**. Porto Alegre: Alter-
nativa, 2013. 240 p.

SILVA, E. M.; RABELO, I.; RUBIO, K. **The pain among high-per-
formance athletes**. (in Portuguese).

SILVA, M. F. G.; SOUZA NETO, S. **Os saberes docentes na história
de vida do professor de educação física**. Curitiba: Cvr, 2011. 138 p.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de apli-
cação da técnica para análise de dados qualitativos. **IV Encontro de
ensino e pesquisa em administração e contabilidade**. Brasília, DF,
3 a 5 de novembro, 2013.

SILVA, M. **Como se ensina e como se aprende a ser professor: a
evidência do habitus professoral e da natureza prática da didática**.
Bauru, SP: EUSC, 2003.

SILVA, V. P.; BARROS, D. D. Método história oral de vida. **Rev. Ter.
Ocup. Univ. São Paulo**, v. 21, n. 1, p. 68-73, jan./abr 2010.

SIMONTON, D. K. Giftedness and Genetics: the emergenic epigenetic
model and its implications. **Journal for the Education of the Gift-
ed**, v. 28, n. 3/4, p. 270-286, 2005. Copyright ©2005 The Association
for the Gifted, Reston, VA 20191-1589.

SIMONTON, D. K. **Greatness: Who makes history and why**. New
York: The Guilford Press, 1994.

SINCLAIR, D. A.; ORLICK, T. Positive transitions from high-per-
formance sport. **The Sport Psychologist**, n. 7, v. 2, p. 138-150, 1993.

SHIGUNOV, V.; SHIGUNOV, A. N. (Orgs.). **Educação Física: Co-
nhecimento teórico X Prática Pedagógica**. Porto Alegre: Mediações,
2002.

SCHMIDT, U.; SI, G.; HUANG, Z.; HACKFORT, D. A comparison between the career transitions of former Chinese and German top class athletes: theoretical and methodological consideration. In: **European Congress of Sport Psychology**, 10., Praga, 1999. Proceedings... Praga: Charles University Press, 1999. p.151-3.

SOMOGGI, Amir. **#Rio2016: Mulheres no esporte, uma trajetória de preconceito**. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/rio2016-mulheres-no-esporte-uma-trajetoria-de-preconceito/>. Acesso em: 20 nov. 2018.

SOUZA NETO, S.; HUNGER, D. (Org.). **Formação Profissional em Educação Física: Estudos e Pesquisas**. Rio Claro: Biblioética, 2006. 302 p. (Coleção Formação Profissional).

SPARKES, A. C. Validity in qualitative inquiry and the problem of criteria: implications for sport psychology. **Sport Psychologist**, v. 12, n. 4, 1998, p 363-386.

SPORT. **Dictionnaires français Larrousse**. 2017. Disponível em: <http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/sport/74327?q=sport#73493>. Acesso em: 09 abr. 2017.

STAMBULOVA, N. Transitional Period of Russian Athletes Following sports Career Termination. In: **World Congress of Sport Psychology**, 9., Netanya, 1997. Proceedings... Netanya: International Society of Sport Psychology, 1997. p.658-60.

STAMBULOVA, N. The Transition from junior to senior sports: A summary of six Swedish studies. In: **Proceedings of the 12th European Congress of Sport Psychology**. 4 a 7 de setembro de 2007, Grécia, p. 126-127, 2007.

STAMBULOVA, N.; ALFERMANN, D.; STATLER, T.; CÔTÉ, J. ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009.

STERNBERG, R. J. Giftedness as developing expertise: A theory of the interface between high abilities and achieved excellence. **High Ability Studies**, v. 12, n. 2, p. 159-179, 2001.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P. **Educação física, esporte e diversidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

STRAUSS, A., & CORBIN, J. **Basics of Qualitative Research: Techniques and Procedures for Developing Ground Theory**. (2nd Ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1998.

- TANI, G. **Comportamento motor**: aprendizagem e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- TANI, G; MANOEL, E. J.; KOKUBUN, E.; PROENÇA, J. E. **Educação Física Escolar**: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- TARDIF, M. **Saberes Docentes e Formação de Professores**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- TAYLOR, J., & OGILVIE, B. C. Career transition among elite athletes: is there life after sports. In: WILLIAMS, J. M. (Ed.). **Applied sport psychology**: Personal growth to peak performance. Mountain View: Mayfield, 1988, p. 429-444.
- TEIXEIRA, A.; MENDONÇA, J. T. (Orgs.). **Desporto, Ética e Transcendência**. Porto, PT: Edição PNED – Plano Nacional de ética no desporto e Edições Afrontamento, 2016.
- TOLEDO, E.; VELARDI, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. Os Desafios da Educação Física Escolar: seus conteúdos e métodos. In: MOREIRA, E.; NISTA-PICCOLO, V. L. **O quê e como ensinar Educação Física na escola**. 1. ed. Jundiaí, SP: Fontoura, 2009.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 11 v. (Coleção Questões da Nossa Época).
- TUBINO, Manoel José Gomes. **A demissão de Manoel José Tubino**. 2000.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Metodologia científica do treinamento desportivo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **O que é esporte**: uma enciclopédia crítica. 2. ed., v. 276. São Paulo: Brasiliense. 1999. Coleção primeiros passos.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **O Esporte no Brasil**: Do Período Colonial aos Nossos Dias. São Paulo: Ibrasa, 1996
- TUBINO, Manoel José Gomes. (Org.). **Repensando o Esporte Brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1988.
- TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1992.
- TURINI, M.; DA COSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

VALENTE FILHO, J. P. **Mário Jorge Lobo Zagallo**: Entre o Sagrado e o Profano, uma história de vida. Porto, Universidade do Porto, Faculdade do Desporto. Tese de Doutoramento da Universidade do Porto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, 2006.

VALORES NO ESPORTE. Brasília: Fundação Vale, UNESCO, 2013. 42p. (Cadernos de referência de esporte; 10).

VIANA, C. M. Q. Q. (Orgs.). **Docentes para Educação Superior: Processos Formativos**. Campinas, SP: Papirus, 2010b. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VIANA, C. M. Q. Q.; ÁVILA, C. (Orgs.). **Profissão Docente**: Novos Sentidos, Novas Perspectivas. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012c. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: **Brasil Republicano 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. 172p.

VIANNA JÚNIOR, N. S.; RABELO, A. S.; MOURTHE, K.; SALMELA, J. H. Families in Sport in Brazil. In: **Proceedings of the 11th World Congress of Sport Psychology**; 2005 Aug 5-19; Sydney, Australia. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005. CD ROM.

VIEIRA, L. F.; VIEIRA, J. L. L.; KREBS, R. J. O Ensino dos esportes: Uma abordagem desenvolvimentista. In: PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do Esporte**: Contextos e Perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

VILANI, L. H. P.; SAMULSKI, D. M. **Família e esporte**: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. Belo Horizonte: Health, 2002, p. 9-26.

VILLANO, B.; SILVA, D. M. C.; RIZZULI, E.; MIRAGAVA, A. M.; DACOSTA, L. P. (Orgs.). Seminário “Gestão de Legados de Megaeventos Esportivos”: Pontos de Convergência. In: RODRIGUES, R. P.; PINTO, L. M. M.; TERRA, R.; DACOSTA, L. P. (Orgs.). **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008.

VOLOSSEVITCH, A. **Aspectos metodológicos da selecção de talentos desportivos**. Treino Desportivo, Lisboa, p.2-7, 2000.

WEBER, R.. **Diálogos com cientistas e sábio**: a busca da unidade. Trad. G. C. C. Sousa. São Paulo. Editora Cultrix, 1986.

WURTH, S; ALFERMANN, D. & SABOROWSKI, C. Determinants of Career Dropout in Youth Sport. In: **Proceedings of the 10th European Congress of Sport Psychology**; 1999, Julho 7-12, Praga, República Tcheca. Praga: Charles University Press, p. 298-300, 1999.

WYLLEMAN P, LAVALLEE D. A developmental perspective on transitions faced by athletes. In: M Weiss, ed. *Developmental sport and exercise psychology: a lifespan perspective*. Morgantown, WV: FIT, 2004: 507-527. WEISS, M. (Ed.). **Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective**. Morgantown, WV: FIT, 2004. p. 507-527.

YIN, R. K. **Case Study Research: Design and Methods** (3rd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc., 2003.

ZAAR, A; REIS, V. M. M.; PEREIRA, A. A história de Vida de Fabiano Peçanha. **Efdeportes.com, Revista Digital**, Buenos Aires, ano 17, n. 175, diciembre de 2012. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 10 set. 2018.

ZIMMERMANN, M. A. Quando e onde se forma a experiência olímpica do atleta. **Revista USP**, São Paulo, n. 110, p. 79-84, jul./ago./set. 2016.

ZIMMERMAN, B. J. **Becoming a self-regulated learner: An overview**. *Theory into Practice*, 2002.41, 64-70. doi:10.1207/s15430421tip4102_2.



**SAÚDE, BEM-ESTAR
E AUTOCUIDADO**



VOLUME II